Maria das GRAÇAS LOPES Morin do Amaral

ENUNCIAÇÃO E CONFLITO:

para uma abordagem linguïstica do romance *CHRONIQUE DES SEPT MISERES*, de Patrick Chamoiseau

Dissertação apresentada ao Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do titulo de MESTRE em Língua e Literatura Francesa.

Orientador:
Prof.Dr. Patrick DAHLET

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
São Paulo
1993

COMISSÃO JULGADORA

_____

_____

_____

Dedico este trabalho a todos aqueles que, mesmo privados de minha presença física, souberam, durante esses três anos, me fazer companhia revelando, de alguma forma, uma energia.

AGRADECIMENTOS

À USP e ao CNPq, por terem me favorecido o espaço e parte do financiamento para a realização desta pesquisa.

Ao Prof. Dr. Patrick Dahlet (USP), orientador desta dissertação, pelos cursos oferecidos, discussões e, sobretudo, pela leitura, sempre paciente e criteriosa, das versões anteriores e finais que lhe foram submetidas.

À Prof. Dra. Diva B. Damato (USP), pelas pertinentes sugestões das referências bibliográficas relativas à língua e literatura martiniquense.

À Natasha, pelos domingos emprestados.

A Ayrton, pela assessoria na diagramação desta pesquisa.

Às professoras do curso de Especialização em Língua e Literaturas Francófonas da UFF (RJ), que me motivaram pela francofonia.

Estendo meus agradecimentos aqueles que, por suas críticas, cursos, seminários ou debates, me estimularam a persistir nos percursos traçados para este trabalho: os Profs. Drs., Norma Hochgreb (USP), Véronique Dahlet (USP), Eni Orlandi (UNICAMP), Jacqueline Authier (Univ. Paris III), Michel Arrivé (Univ. Paris X) e às colegas do curso de Pós-Graduação; Deusa e Márcia Meyer.

RÉSUMÉ

La présente approche cherche à décrire un certain nombre de nuances linguistiques du quadre énonciatif de *Chroniques des sept misères* (Patrick Chamoiseau, 1986), un roman martiniquais écrit en français, avec plusieurs interventions en créole.

Par référence à la problématique énonciative actuelle, centrée sur la question de l'hétérogénéité énonciative et des modalités de (re)constituition d'un sujet, dans les relations intersubjectives dans le discours, on propose l'analyse des traces de l'*énonciateur narrateur* de ce roman pris dans un contexte de *diglossie*.

D'après l'étude de quelques phénomènes liés au parcours de mis en forme, dans les fonctionnements (méta)textuels et discursifs, on a constaté une *ambiguité* qui, dans *CSM*, devient opératoire.

ÍNDICE

pagina

Introdução 1

1. Capítulo I - Pressupostos teóricos 10

1.1. Conceituação e critérios para análise do corpus numa **perspectiva enunciativa** .....

1.1.1. Subjetividade e operações de linguagem 11
1.1.2. A heterogeneidade enunciativa 17
1.1.2.1. Sujeito do inconsciente .....
1.1.2.2. O outro do discurso .....
1.1.3. A ambigüidade operatória 20

1.2. **Diglossia**: algumas representações 23

2. Capítulo II - Percursos gráficos e discursivos de *Chronique des sept misères* 34

2.1. Os funcionamentos (meta)textuais 35

2.1.1. A interação dos dados perigráficos .....
2.1.2. *Retalhos* de histórias .....

2.2. A diglossia como pano de fundo 45

2.2.1. A intervenção do crioulo .....
2.2.2.(Des)estruturação (?) lingüística .....

3. Capítulo III - A constituição do enunciador 61

3.1. Qual(ais) sujeito(s)? .....
3.2. Rastros de operações 71
3.3. Eu + eles = Ele = Eu / Eu = isso: Uma ambigüidade operatória? 78

Reflexões finais 80
Anexo 90
Notas 95
Bibliografia 97

INTRODUÇÃO GERAL

(i) Problemática: Enunciação e diglossia numa escritura de ficção

Esta dissertação busca descrever e refletir sobre alguns aspectos e fenômenos lingüísticos relacionados ao quadro enunciativo de *CHRONIQUES DES SEPT MISÈRES* (P.Chamoiseau, 1986), propondo uma articulação entre ***enunciação*** e a situação de ***diglossia***(1) representada nesse texto literário da Martinica.

A abordagem lingüística proposta será centrada na questão da heterogeneidade enunciativa e nas modalidades de (re)constituição do sujeito, nas relações intersubjetivas, no discurso.

O interesse pelo tema da **enunciação** não é recente. No entanto, apesar da avalanche de pesquisas lingüísticas surgidas nestas últimas décadas, dispõe-se apenas de duas *teorias da enunciação*, propriamente ditas: a de Emile Benveniste (1966, 1974) e a de Antoine Culioli (1973, 1990).

Outras disciplinas, dentro e fora do campo da lingüística, incluem em suas teorias reflexões sobre o tema da enunciação, como por exemplo; a Psicanálise, a Análise do discurso, a Semiótica, a Teoria Literária, etc. Isto porque a questão da *enunciação* desemboca, inevitavelmente, na questão da constituição do *sujeito* (noção reclamada, ao mesmo tempo, pela lingüística da enunciação, pelas disciplinas aqui mencionadas e, também, por outras disciplinas).

Pode-se dizer, bem genericamente, a partir das duas teorias da enunciação existentes (a de E.Benveniste, 1966, 1974 e a de A.Culioli, 1973, 1990) que a enunciação implica, essencialmente, a existência de um *alguém* (EU, TU), situado em *algum lugar* (AQUI), que fala à respeito de alguma coisa (ISTO,ISSO), numa *situação de enunciação* (que inclui um AGORA e INTERLOCUTORES), com a intenção de *significar*. A *marcas* das *operações* efetuadas pelos enunciadores localizam-se na superfície dos enunciados e são elas que possibilitam a *co-localização*(2), a reconstituição e o reconhecimento interpretativo dos enunciados em questão.

O texto **Chronique des sept misères (CSM)**, a partir do qual constituimos o *corpus* desta pesquisa, escrito em francês com várias intervenções em língua crioula, apresenta um funcionamento (meta)textual extremamente curioso. Em toda sua composição, da capa ao anexo (dedicatórias, citações, ilustrações, mudanças de tipografia, traduções...) essa escritura parece buscar (des)organizar as redes enunciativas.

A *polifonia*(3) que caracteriza o entrecruzamento de vozes, no texto, ultrapassa, assim, o limite convencional do espaço discursivo destinado à trama, induzindo o leitor a uma leitura não linear que inclui, também, os *dados perigráficos*.

Além disso, a ***camuflagem*** dos rastros de um ***sujeito enunciador***, em CSM, e, ao mesmo tempo, a ***(re)constituição*** deste como organizador do discurso tornam-se um só

jogo, cujo objetivo parece ser o de buscar constituir sentido sobre sentidos.

Ora, considerando que, nesse texto, a *enunciação* se constitui no entremeio da representação de dois mundos e de dois sistemas lingüísticos, de que maneira poderíamos apreender os traços de um sujeito enunciador que parece se revelar no reflexo da situação de ***diglossia*** e na dispersão de seu próprio discurso?

As gramáticas francesas tradicionais, das quais fazem uso os martiniquenses para aprenderem o Francês, não prevêem os efeitos da situação de *diglossia*, ou mesmo de *bilingüismo*, verificados na escritura desse texto martiniquense.

Por outro lado, a tentativa de alguns pesquisadores da língua crioula de sistematizar e descrever os mecanismos desta língua sob a forma de uma gramática crioula, ou em outros tipos de abordagens lingüísticas, apesar da inegável contribuição prestada aos estudos neste campo, não ficou isenta de críticas.

O fato de o crioulo ser uma língua oral, cuja fixação escrita encontra-se em plena gestação, gera discussões polêmicas entre pesquisadores e dificulta a abordagem linguística sistematica. Dificuldade esta, que é confessada, inclusive, por pesquisadores nativos, como pudemos observar em L-F.Prudent (1980 :7): *"Je ne serais pas capable de décrire la syntaxe et le lexique de ma langue natale"*.

Ora, se por um lado, questão de diglossia (presente em CSM a partir mesmo da intervenção da língua crioula e de outros efeitos no funcionamento (meta)textual) dificulta, em determinados níveis, o acesso à materialidade lingüística, é ela que, paradoxalmente, movimenta a constituição do sentido neste texto literário martiniquense.

A situação de **diglossia** torna-se, portanto, um dado pertinente, na nossa opinião, aos estudos referentes à **enunciação** na medida em que a própria escritura de CSM desloca a representação do conflito enunciativo.

Sabemos que a escritura literária, enquanto comunicação estabelecida através da representação de uma ficção, favorece a construção de uma realidade, conflituosa ou não, e de um quadro enunciativo, no interior mesmo do próprio texto.

Todavia, ao se inscrever no quadro de uma ***oralitura***(4), onde há a representação de uma literatura da oralidade, via escritura, o romance CSM também reconstitui a problemática da própria situação de **diglossia**.

Como considerar a materialidade lingüística de uma escritura que representa, em determinandas situações, uma oralitura exibindo, além disso, a diglossia como pano de fundo?

A dificuldade de se encontrar uma teoria especifica que trate dos fenômenos enunciativos em relação à problemática da *diglossia* e, também, o fato de o romance CSM ter sido inscrito, pelo próprio *scriptor*, numa perspectiva enunciativa, determinaram a nossa escolha por uma *teoria da enunciação* como principal referência teórica.

Ao trabalhar numa perspectiva enunciativa torna-se, entretanto, necessário considerar a autonomia do discurso (que, aliás, inclui o literário) como sendo capaz de poder construir, no seu interior, uma realidade própria.

Além disso, ignorar a autonomia do discurso, sobretudo no texto literário, seria negligenciar o caráter *operatório* mesmo da *atividade linguageira*, que A.Culioli (1990) define como sendo a produção de um enunciado pelo sujeito enunciador e o reconhecimento interpretativo deste enunciado em questão pelo interlocutor, através de marcas específicas das operações efetuadas.

Como observa ainda este autor, há sempre *construção interpretativa* dos fenômenos de superfície pelos enunciadores. E como toda enunciação implica num processo de *produção e de reconhecimento de textos*, há uma espécie de *proliferação da linguagem* sobre ela mesma (A.Culioli, 1973 :87).

Apos verificarmos o funcionamento do quadro enunciativo de CSM, representação que se realiza na fronteira de dois sistemas lingüísticos, e ainda, da oralidade e da escritura literária, constatamos a existência de elementos e mecanismos que constituem-se em redes enunciativas ambíguas, interferindo na constituição do sentido.

Desta forma, nos propomos a trabalhar numa perspectiva enunciativa considerando a autonomia do discurso, em CSM, como sendo uma *autonomia relativa*.

Dizemos *relativa*, no sentido em que não se pode deixar de reconhecer a existência de textos literários cuja materialidade lingüística constitui um sentido, justamente, sob uma *pressuposta proteção* estabelecida pelo fictício.

A representação da ficção pode funcionar tanto de forma autônoma, como também pode buscar a imitação de um real, como observa P.Dahlet (1992 :18), quando o discurso se constrói em referência a uma representação dos interesses que ele deve satisfazer e dos conhecimentos associados a seu objeto.

De qualquer forma, a distinção ou relação entre estes dois modos de funcionamento do discurso só é pertinente, em nossa pesquisa, no sentido em que, tanto em um quanto em outro, há um *sujeito enunciador* que, numa determinada *situação de enunciação*, se constitui como tal e (des)organiza, a partir de um conjunto de *operações*(5), a materialidade lingüística.

Partindo da idéia de uma *autonomia relativa* do discurso consideraremos, então, em nossas reflexões, algumas noções afins e/ou contraditórias, buscadas na Lingüística e em outras disciplinas.

O percurso teórico desta pesquisa tomará como referência as ***operações enunciativas*** e outras noções da teoria da ***enunciação*** de Antoine Culioli (1974, 1990), assim como as noções de ***subjetividade*** (Emile Benveniste, 1966, 1974), ***heterogeneidade enunciativa*** (Jacqueline Authier, 1982), ***sujeito do inconsciente*** (Jacques Lacan (S.Freud), 1966), ***diglossia*** e ***língua crioula*** (a partir de vários pesquisadores martiniquenses e franceses).

Orientados por essas primeiras noções, verificaremos, em CSM, o jogo de formas lingüísticas que se constituem em *marcas* da enunciação de um sujeito, como origem necessária do dizer, a partir da relação entre os sujeitos *origem* da enunciação (ou sujeitos *primitivos*) e o sujeito do enunciado (terminologia proposta por A.Culioli, 1974, 1990).

Ao trabalharmos com diferentes noções não temos a pretensão de abranger nem de resolver todos os problemas do quadro enunciativo de CSM, mas apenas tentar fazer uma análise das modalidades de (re)constituição do sujeito, nas relações intersubjetivas, no discurso, sem perder de vista a questão de diglossia.

Aliás, no que tange à abordagem da diglossia e à questão da intervenção da língua crioula, em CSM, algumas observações tornam-se necessárias.

A polêmica que gira em torno da questão das *línguas crioulas*(6) e da *diglossia*, assim como o fato de não sermos especialista no assunto, nos leva a abordar estes temas de maneira esparsa.

Na qualidade de não-especialista e de não-falante de língua crioula, iremos propor um pequeno inventário dos traços gerais da língua e a definição de outras noções a partir da representação de vários autores, concentrando nossas reflexões sobre as noções mais pertinentes ao eixo central de nossa pesquisa, tais como *diglossia* e *ruses lingüistiques du créole*(7).

A nossa conduta em articular noções afins e/ou contraditórias se deve ao fato de acreditarmos que desta forma viabilizamos o acesso a um texto do tipo de CSM.

(ii) Hipótese e constituição do *corpus*

A hipótese principal desta pesquisa encontra-se fundada na idéia de que, em CSM, parece haver uma **ambigüidade** que constitui o sentido a partir de elementos e/ou mecanismos (dos percursos grafico e discursivo) que *marcam e co-localizam* e/ou *marcam* e *refratam* o conflito enunciativo da situação de diglossia.

> *(...) A la disparition de Pipi, la douleur nous mit en grappe, comme nous le sommes maintenant, incapables du Je, du Tu, de distinguer les uns des autres, dans une survie collective et diffuse, sans rythme interne ni externe. Nous tressaillons encore à la rumeur d'ouverture du marché, aux grincements des premiers débarqués sans nous, aux senteurs mêlés de quelques fruits...O douce absinthe.(...)*
>
> (**Chroniques des sept misères**, 1986 :212)

Com este pequeno trecho de CSM, onde a referência à questão da enunciação funciona como um elemento *marcador e refrator* de um conflito, introduzimos a questão da constituição do *corpus* de nossa pesquisa.

Escrito em francês, com várias intervenções em crioulo, o romance **Chronique des sept misères** (CSM), de Patrick Chamoiseau (1986), conta a história do **Grande mercado de Fort-de-France** (Martinica), através da história de sete heróis anônimos, os *djobeurs*(8).

Antes de descrevermos, no entanto, como tentaremos constituir o *corpus* de nossa pesquisa, apresentaremos, em linhas gerais, a forma como se encontra organizada a escritura de CSM, pelo *scriptor*.

Com esta conduta de descrever a forma como é composto a escritura CSM, visamos justificar a inclusão de determinados dados e de enunciados das partes perigráficas como objetos de análise (sobretudo, no capitulo II, desta pesquisa).

A composição e divisão do texto CSM (edição de 1986, com o qual trabalhamos) é a seguinte:

- *Capa*: nome do autor, titulo, a especificação <<roman>>, logotipo e nome da editora. Numa tarja vermelha, que circula a capa, encontra-se escrito (em letras brancas): "*VIDA E FIN DES DJOBEURS*".

- uma *dedicatória*, assinada "P.C.":

> *Au Corbeau,*
> *qui ma donné d'écrire.*
> *A Tio-tio,*
> *qui m'a donné l'essentiel.*
> *A Ninotte,*
> *ma mère,*
> *qui m'a tout donné.*
>
> P.C.

- uma *citação*, atribuída à Edouard Glissant, fazendo referência à "Le discours antillais" e à editora "Le Seuil":

> *"...les histoires lézardent l'Histoire, elles rejettent sur des bords irrémédiables ceux qui n'ont pas eu le temps de se voir au travers des lianes amassées.*
>
> *EDOUARD GLISSANT*
> *Le discours antillais*
> *(Le Seuil)"*

- um grupo de seis parágrafos curtos compondo uma espécie de introdução para a primeira parte de CSM, intitulada :*"Première Partie*: INSPIRATION".

Esses parágrafos iniciais introduzem três contos, também intitulados: *"Mère et dorlis"*, *"Robert et Guerre"*, *"Bombance d'après-guerre: le roï*, que compõem esta primeira parte.

- um *grito* (seguido de uma asserção entre parênteses):

> *"ê-ê-ê!..."*
> *(Seul discours philosophique de Bonne-Manman face aux macaqueries du destin.)"*

Este "grito" abre a segunda parte de CSM: *"Deuxième Partie*: EXPIRATION", composta pelos dois últimos contos (muito mais longos que os primeiros), intitulados: *"Département, Département!..."* e *"Coup de fièvre d'or"*. (Embora não constitua o objeto principal de nossa pesquisa, o uso expressivo de parênteses e de outros sinais de pontuação, sobretudo nesta segunda parte do romance, será considerado também numa perspetiva enunciativa, a partir da apresentação de alguns exemplos, no Capítulo II de nossa pesquisa.)

- um *"Anexo"*, cuja composição apresenta um conjunto de dados que parecem completar e reformular a primeira e segunda parte do romance. Por sua curiosa organização, o anexo será considerado como parte integrante de CSM, ou seja, a terceira parte do romance. Sua composição é a seguinte:

a) um artigo de um jornal *"Journal France-Antilles"* (não assinado, nem datado), intitulado *"NEUF MOIS POUR LA RECONSTRUCTION DU GRAND MARCHÉ DE FORT-DE-FRANCE"* (em torno de trinta linhas), seguido de uma *"note de l'ethnographe"* (seis linhas).

b) numa espécie de *glossário*, um inventário dos "*cris du djob*" (palavras em crioulo, com a tradução em francês, entre parênteses)

c) a *letra de uma canção* crioula : *"La chanson de Koulï*.

Apesar de trabalharmos apenas com a edição 1986, de CSM, tivemos a oportunidade de observar, já no final de nossa pesquisa, que na edição de 1988, desse mesmo romance, foi feito o acréscimo de um conjunto de textos e de ajustes.

Numa perspectiva enunciativa, tal qual propomos, os enunciados que compõem as alterações, na edição de 1988, fazem desta, não apenas uma versão modificada de uma primeira edição, mas uma outra obra. Razão pela qual nos limitaremos a apresentar esses acréscimos, no final desta pesquisa, apenas como ilustração da complexidade que caracteriza as redes enunciativas de CSM.

Por qual viés constituir em *corpus* a materialidade lingüística dessa escritura sem perder de vista certas nuances, do nível infra e para-lingüístico, que, mesmo na composição das partes perigráficas, se revelam pertinentes à perspectiva enunciativa?

Propomos a constituição do *corpus* desta pesquisa em duas dimensões. A partir da leitura e análise de CSM, serão consideradas diferentes pistas enunciativas do sujeito enunciador e fenômenos lingüísticos relacionadas à situação de diglossia (sobretudo, no estudo do Capítulo II).

Num segundo momento, concentraremos nossa análise em enunciados de CSM (incluindo alguns já mencionados nos Capítulos I e II desta pesquisa), que funcionarão como corpus-amostragem e constarão em anexo, no final de nossa pesquisa.

Esses enunciados do corpus-amostragem serão agrupados a partir das pistas enunciativas que marcam a (re)constituição e/ou camuflagem do enunciador narrador de CSM e a referência ao problema de diglossia.

Os fenômenos observados, em relação às modalidades de (re)constituição do sujeito e à situação de diglossia, em CSM, serão considerados (tanto no Capítulo II quanto no III), a partir de seu funcionamento como elementos e/ou mecanismos *marcadores- co-localizadores* (**MCC**) ou como *marcadores-refratores* (**MRC**) de um conflito enunciativo. (A denominação dessas duas categorias é provisória e trataremos de verificar sua funcionalidade e validade, no decorrer desta pesquisa).

Concentraremos, assim, nossa reflexão e análise das **operações enunciativas** a partir de enunciados, CSM, de que se enquadrem nessas duas categorias:

1-ª categoria:

a) enunciados que apresentam as marcas de um sujeito enunciador, no campo de uma *alteração enunciativa*, a partir da determinação da pessoa (EU, TU).

b) enunciados que apresentam um excesso de operações de *modalizações* assertivas e avaliativas, nas relações intersubjetivas.

c) enunciados que apresentam operações de *determinação* da pessoa, com valores de apreciação (positiva e\ou negativa).

d) enunciados que apresentam várias *pistas enunciativas* do sujeito narrador ou, aparentemente, nenhuma pista de sua atuação como enunciador do discurso.

e) enunciados que apresentam uma *reformulação* do discurso, pelo sujeito enunciador, relacionando o funcionamento discursivo ao funcionamento meta-textual.

2-ª categoria

f) enunciados que constróem a representação que o enunciador tem do mundo francês e do mundo crioulo.

g) enunciados marcados pela referência â situações e à contextos específicos, que possibilitem reconstruir alguns espaços, como por exemplo; o Grande mercado de Fort-de-France, no interior do próprio texto.

h) enunciados que apresentam algumas das estratégias lingüísticas da língua crioula.

i) enunciados onde o sujeito enunciador faz referência à questão da diglossia.

j) enunciados (francês/crioulo), antecedidos por outros enunciados ou termos, que caracterizem uma situação de enunciação relacionada à *pulsões* (raiva, dor, alegria, tristeza, ódio, ...).

(iii) Progressão e passos da análise

Para podermos realizar a abordagem lingüística de CSM, na perspectiva que propomos, estabelecemos as seguintes divisões para esta pesquisa: Capítulo I: **Pressupostos teóricos** (conceituação para a abordagem do corpus numa perspectiva enunciativa), Capítulo II: *Percursos gráficos e discursivos* (os funcionamentos (meta)textuais e a intervenção da língua crioula), Capítulo III: *A constituição do enunciador* (insinuação e enunciadores).

Os passos que seguiremos para realizar a abordagem deste *corpus* serão os seguintes:

No **capítulo I** desta pesquisa, abordaremos as noções de *texto, escritura, sentido, operações* (da teoria da enunciação de A.Culioli), subjetividade da linguagem (E.Benveniste), *heterogeneidade enunciativa* (J.Authier), *sujeito do desejo* e *enunciação significante* (J.Lacan). Em seguida, retomaremos A.Culioli, a partir das noções de *ambigüidade, enunciador e referenciação*, na medida em que estas reiterem a idéia de ***ambigüidade operatória*** e nos permitam estabelecer alguns critérios para a análise do corpus.

Apresentaremos, ainda no **Capítulo I**, outras noções pertinentes (pelo menos, ao tipo de abordagem que propomos) tais como: *estratégias (ruses) lingüísticas do crioulo* (E.Glissant), ***diglossia* e *língua crioula***, a partir de vários pesquisadores.

No **capítulo II**, abordaremos alguns elementos e/ou mecanismos dos **percursos gráfico e discursivo** relacionados à heterogeneidade enunciativa e às modalidades de (re)constituição do sujeito, no discurso, buscando identificar dados que justifiquem a nossa hipótese da existência de um conflito enunciativo, em CSM, a partir de uma leitura que inclui os dados perigráficos do romance.

O estudo sobre os **funcionamentos (meta)textuais** tem o objetivo de verificar, numa perspectiva enunciativa, como os *dados perigráficos* (elementos meta-textuais) e as duas primeiras partes de CSM dialogam entre si, a partir das várias pistas enunciativas heterogêneas. O grupo de enunciados relacionados com a representação que o *scriptor* constrói do mundo francês e do mundo crioulo, no momento da transcrição, também será objeto do estudo deste segundo capítulo.

Ao abordarmos algumas das situações da **intervenção da língua crioula** (a *diglossia* e a *(des)estruturação lingüística*), buscaremos refletir sobre estas *operações*, tentando descrever alguns elementos e/ou mecanismos que *marcam* e/ou *refratam* o conflito do sujeito enunciador entre dois sistemas lingüísticos. Os enunciados abordados serão considerados a partir do levantamento da situação de enunciação em que ocorre a intervenção da língua crioula e de seu funcionamento nas *relações intersubjetivas*, no discurso.

No **Capítulo III** analisaremos o grupo de enunciados que representam as modalidades de **(re)constituição do sujeito (enunciador narrador)** numa alteração enunciativa, verificando como o conflito lingüístico encontra-se marcado na constituição do sujeito enunciador, em CSM. Concentraremos o estudo deste capítulo, basicamente, nas marcas de um EU, em CSM, no quadro de uma alteração enunciativa, a partir da relação $\mathcal{S}_{\rightleftarrows}$S. (*operações enunciativas*).

Portanto, nos capítulos II e III estaremos abordando a questão das modalidades de (re)constituição do sujeito nas relações intersubjetivas, no discurso, a partir das diferentes operações que compõem as *operações enunciativas* (*determinação da pessoa*) e as *operações de modalização* (reformulação, asserção, ênfase), presentes nos enunciados de CSM.

Finalmente, refletiremos sobre a relação entre *enunciação* e *diglossia*. A partir dos resultados obtidos com a análise de CSM, retomaremos alguns pontos discutidos nos três capítulos especulando sobre até que ponto esses resultados nos permitem caracterizar a *marcação* e a *refração* do conflito enunciativo, nesse romance, como uma ambigüidade operatória.

1.CAPÍTULO I - Pressupostos teóricos

A representação de uma situação lingüística conflituosa em CSM é organizada a partir de uma perspectiva enunciativa na medida em que redes enunciativas heterogêneas disputam sentidos, reclamando, sob o discurso de um **Nós** que enuncia de lugares diferentes a um **Vós/vocês**, a posição de um **Eu** e de um **Tu**, (des)organizando e questionando o curso de sua própria enunciação.

Neste capítulo, retomaremos, em linhas gerais, algumas noções da teoria da enunciação de A.Culioli (1973, 1982, 1987, 1990) que nos possibilitem construir o conjunto de noções fundamentais da teoria da enunciação usadas nesta pesquisa apresentando, ainda, outras noções (afins e/ou contraditórias), buscadas em pesquisas de vários autores.

Assim, iniciaremos este capítulo com a apresentação das noções de *texto, escritura, sentido, significação, operações* (A.Culioli, 1973, 1990), **sujetividade** na linguagem (E.Benveniste 1966 :251-266), **heterogeneidade enunciativa** (J.Authier, 1982 :98), **sujeito do inconsciente** e **enunciação significante** (J.Lacan, 1966 :688-793).Em seguida, abordaremos as noções de **ambiguidade**, *enunciador, tradutor, referenciação, etc...*, propostas por A.Culioli (1973, 1987) e C.Fuchs (1981, 1982, 1991).

Uma vez que o eixo central de nossa pesquisa desemboca na questão da *constituição do sujeito* e que introduzimos, nesta, a problemática da *diglossia*, acreditamos na pertinência da definição das noções de: *artimanhas (ruses) lingüísticas do crioulo* (E.Glissant :1981, 235), *língua crioula* e **diglossia**, a partir de vários pesquisadores.

1.1. CONCEITUAÇÃO E CRITÉRIOS DE ANÁLISE PARA ABORDAGEM DE CSM NUMA PERSPECTIVA ENUNCIATIVA

Na perspectiva enunciativa adotada por esta pesquisa, o **texto** (inclusive o literário) é visto como uma seqüência de representações resultantes de um conjunto de **operações** realizadas por um **sujeito enunciador**, numa **situação de enunciação** (que inclui os interlocutores e o momento), visando constituir um sentido.Portanto, o **texto** não se resume, apenas, à materialidade aparente da superfície, como, aliás, observa A.Culioli (1982 :6):

> *(...) tout texte dans une langue est beaucoup plus pauvre que ce que nous donne l'ensemble des opérations qui produisent ce texte.*

Enquanto o **texto** é uma sequência resultante de um conjunto de operações a **escritura** abarca a noção de **texto** e de **operações em curso**.Quando nos referimos à noção de **escritura** pensamos na noção proposta por Patrick Dahlet (1991), onde a escritura é vista, principalmente, como um texto a produzir e que não se reduz ao escrito.

Tanto a noção de **texto** quanto a de **escritura** encontram-se relacionadas à existência de um **enunciador** que, numa **situação de enunciação**, visa constituir um **sentido**.

A.Culioli (1973 :300-317) propõe a distinção entre **sentido** (como sendo a relação entre objetos lingüísticos que remetem a objetos extra-lingüísticos) e **significação** (relação complexa entre enunciados, uma **situação de enunciação**, um sentido e **valores referenciais**).Lembrando, ainda, a posição de Fisher/Franckel (1983 :14), também numa perspectiva enunciativa, é importante atentar para o fato de que a **representação de uma situação de enunciação** é diferente de uma **situação de enunciação real**.

Além disso, na qualidade de analista das representações lingüísticas, o lingüista exerce também, o que A.Culioli (1990 :18) define como *atividade linguageira* que, por sua vez, não é a mesma do sujeito que produziu os enunciados manipulados pelo lingüista.Há sempre uma série de modulações, abstrações, que vão constituir um sentido.

Quando se busca **co-localizar** os traços do **sujeito enunciador**, numa **situação de enunciação**, não se deve negligenciar, portanto, as operações que estão em jogo na constituição do sentido.

1.1.1 **Subjetividade** e operações de linguagem

A noção de **subjetividade**, proposta por E.Benveniste (1974 :252-259), é definida como a situação em que a língua é posta em funcionamento por um ato individual de utilização.Através deste ato individual, o locutor se designa **EU**, torna-se sujeito e pode desempenhar, então, um *papel ativo* ou *passivo*.

De qualquer forma há, segundo E.Benveniste, um TU que pode tomar a palavra, na sua vez.A **subjetividade** dá a cada locutor a possibilidade de se colocar como *sujeito* do discurso.

A noção de enunciação, na teoria de E.Benveniste (1974 :80), está portanto relacionada à idéia de uma ***apropriação da linguagem*** e de ***subjetividade***.

A partir do estudo da natureza dos pronomes E.Benveniste (1966 :251-266) introduziu a dimensão de um *aparelho formal da enunciação*, através do qual ele acreditava

que seria possível reconstruir a ***subjetividade*** na linguagem.

Ao considerar, entretanto, o sujeito como um controlador autônomo do sistema E.Benveniste (1966 :260) renega, de certa forma, a questão da *referenciação* no quadro da enunciação:

> *Le langage n'est possible que parce que chaque locuteur se pose comme* **sujet**, *en renvoyant à lui-même comme* **je** *dans le discours.*

Mesmo assim, a teoria da enunciação de E.Benveniste foi a precursora dos estudos sobre este tema na lingüística, inspirou e inspira ainda muitas pesquisas (inclusive em disciplinas fora da lingüística).

Acreditamos que a enunciação implica, antes de tudo, na existência de um *percurso marcado* de *operações* onde um *sujeito enunciador*, numa situação de enunciação, de *ajustamentos* (possíveis ou não) e de *negociações* (prováveis, desejadas, ambíguas, possíveis, interditadas ou tensas) busca *significar* e constituir sentidos.

Consideraremos, então, em nossa pesquisa, além da noção de subjetividade da teoria de E.Benveniste algumas noções da teoria da enunciação de A.Culioli como parte de nossas referências teóricas, sobretudo na análise da relação entre os sujeitos *origem* da enunciação (ou sujeitos *primitivos*) e o sujeito do enunciado (*operações enunciativas*, A.Culioli, 1978).

Na teoria da enunciação de A.Culioli (1973 :86-89), as noções de *interlocução*, *significação* e *ambigüidade* são fundamentais ao modelo.A enunciação é definida como sendo uma seqüência resultante de um conjunto de *operações* de *co-localização* de enunciados que, por sua vez, exibem a ação simultânea de dois sujeitos, um *primitivo* e o outro *designado* pelo discurso, cujo objetivo é o de transmitir sentido.

A introdução da noção de *operações*, no campo da lingüística, concebe uma nova dimensão à noção de enunciação que, a partir daí, não pode ser concebida sem o conjunto de relações do *nível cognitivo* e de *nível lingüístico* postas em jogo à cada enunciação. Nesta perspectiva, o sujeito se apropria de regras efetuadas a partir de operações específicas (*enunciativas e predicativas*).

Para A.Culioli, a enunciação, sequência que apresenta um conjunto de *marcadores* (termos específicos), em relação uns com os outros (cuja função é a de marcar, situar e reconhecer operações que se effetuam no discurso), refere-se, portanto, a uma situação em que dois enunciadores (JE, TU) falam sobre ALGO, em relação a um *AQUI* e a um *AGORA*, fundando a significação. Assim, os enunciados produzidos pelos interlocutores podem ser *co-localizados* (rastreados, identificados e reconhecidos) em relação a uma *situação de enunciação* que, por sua vez, é definida em relação à *um sujeito enunciador*, num tempo de enunciação.

A *significação* (entendida também como enunciação) fundada, segundo A.Culioli (1973 :86-87), por essa *dupla atividade* desemboca, conseqüentemente, numa *dupla contradição*: um enunciado exibe, na superfície, "as marcas um agenciamento bem mais simples do que aquele que corresponde às operações que o produziu (A.Culioli, 1982 :6).Operações estas que possibilitam ao interlocutor co-localizar este enunciado. No entanto, cada enunciação é um fenômeno único, na medida em que o enunciador e os interlocutores não possuem as mesmas modalizações nem dividem as mesmas regras de formação.

Daí a necessidade de se considerar a existência de um campo adjunto ao da enunciação, o qual A.Culioli (1973 :86-87) define, em referência à teoria freudiana e a partir dos dois papéis assumidos, simultaneamente, pelo sujeito da enunciação como *co-enunciação*; o lugar de jogo, de ajustamentos desejados ou não, conseguidos ou não

(deslizes, lapsus, jogo de palavras, malentendidos e ambigüidades), parte integrante do seu modelo.

Reconhecendo a existência de três níveis de representação: o das *representações mentais* (nível da realidade imaginária, ao qual se não tem acesso), o *nível das representações do texto* (o das operações lingüísticas) e o *nível metalingüístco* (o dos aparatos criados pelo lingüista, na simulação da *atividade linguageira*), A.Culioli (1990 :12-46), se propõe a construir com sua teoria um instrumento metalinguístico para representar os fenômenos textuais, ou seja, um *sistema de representação metalingüístico* (SRY).

As *operações* são sistemas de *co-localização* de enunciados, que se caracterizam, geralmente, a partir de um *termo de partida* fazendo intervir as relações *enunciativas* (as operações que *co-localizam* a relação predicativa, em relação ao sitema de coordenadas enunciativas) e as relações *predicativas* (as operações que se referem às regras de boa formação de frases, derivação, ou seja, aos termos organizados em torno do predicado).

Estas duas operações encontram-se intrincadas uma à outra, num incessante movimento de relações, e refletem, portanto, a existência de uma *dupla atividade* dos enunciadores: a produção e o reconhecimento interpretativo de enunciados (textos).

Para organizar o *pacote de relações* num enunciado em que se deseje verificar, por exemplo; a relação entre os termos primitivos (S e $\mathfrak{S}_0$), A.Culioli (1990 :151-154) propõe um esquema de símbolos formais cujas letras maiúsculas *retas* simbolizam o campo do enunciado e as letras *em forma de caracol* simbolizam o campo adjunto, o da da *enunciação* (e da *co-enunciação*), propriamente dito.

$\mathfrak{E}$ (nonciation) $\rightleftarrows$ E(noncé) $\mathfrak{S}$ $\rightleftarrows$ S(ujet de l'énoncé) $\mathfrak{T}$ $\rightleftarrows$ T(emps de l'énoncé)

Segundo A.Culioli (1973 :87-89, 1990 :135-155), partindo-se, por exemplo, dos *termos primitivos*, que são a *origem* da enunciação, pode-se criar um conjunto de enunciados parafraseados, com auxílio dos *co-localizadores* presentes na superfície do enunciado em questão.Estes enunciados *co- localizados* em relação a um sujeito $\mathfrak{S}_0$, funcionam como *mudas* do primeiro enunciado (S_1, S_2, S_3, S_n).O *EU* corresponde a uma identificação (representada pelo operador = ou ainda uma dupla flecha => ou uma (O).S_1 = S_0 ou S_2 = S_1.(O pronome TU implica em deslocamento, marca a diferenciação, pois, "uma vez que o locutor fala, ele é seu próprio auditor, e o auditor virtual"(9).

Dentre os vários operadores formais, propostos por A.Culioli (1973, 1982), trabalharemos, no modelo das operações enunciativas, com os seguintes operadores:

ϵ = operador de *co-localização* (*"répérage"*)

W = valor de ruptura do operador de *co-localização*(*repérage*)

$\mathfrak{Sit}$ = *co-localizador* (*repère*) enunciativo

$\mathfrak{S}_0$ = enunciador origem

S_1 =
S_2 = marcadores da categoria da pessoa (enunciador; locutor; co-enunciador;
S_n = interlocutor; enunciador relatado, etc.)

$\mathcal{T}_0$ = representa o *co-localizador origem* dos *co-localizadores spatio-temporais* (T_1, T_2,..., T_n).

Na análise das **operações enunciativas**, de CSM, estaremos propondo, ainda, um desdobramento dos marcadores da categoria da pessoa (enunciadores) propostos por A.Culioli.Assim, acrescentaremos a esses operadores já mencionados, os seguintes marcadores:

S_0t_s = scriptor-tradutor (re-enunciador)

SP = enunciador-personagem

SNP = co-narrador-personagem

SN = co-enunciador-narrador

I_p = interlocutor-previsto

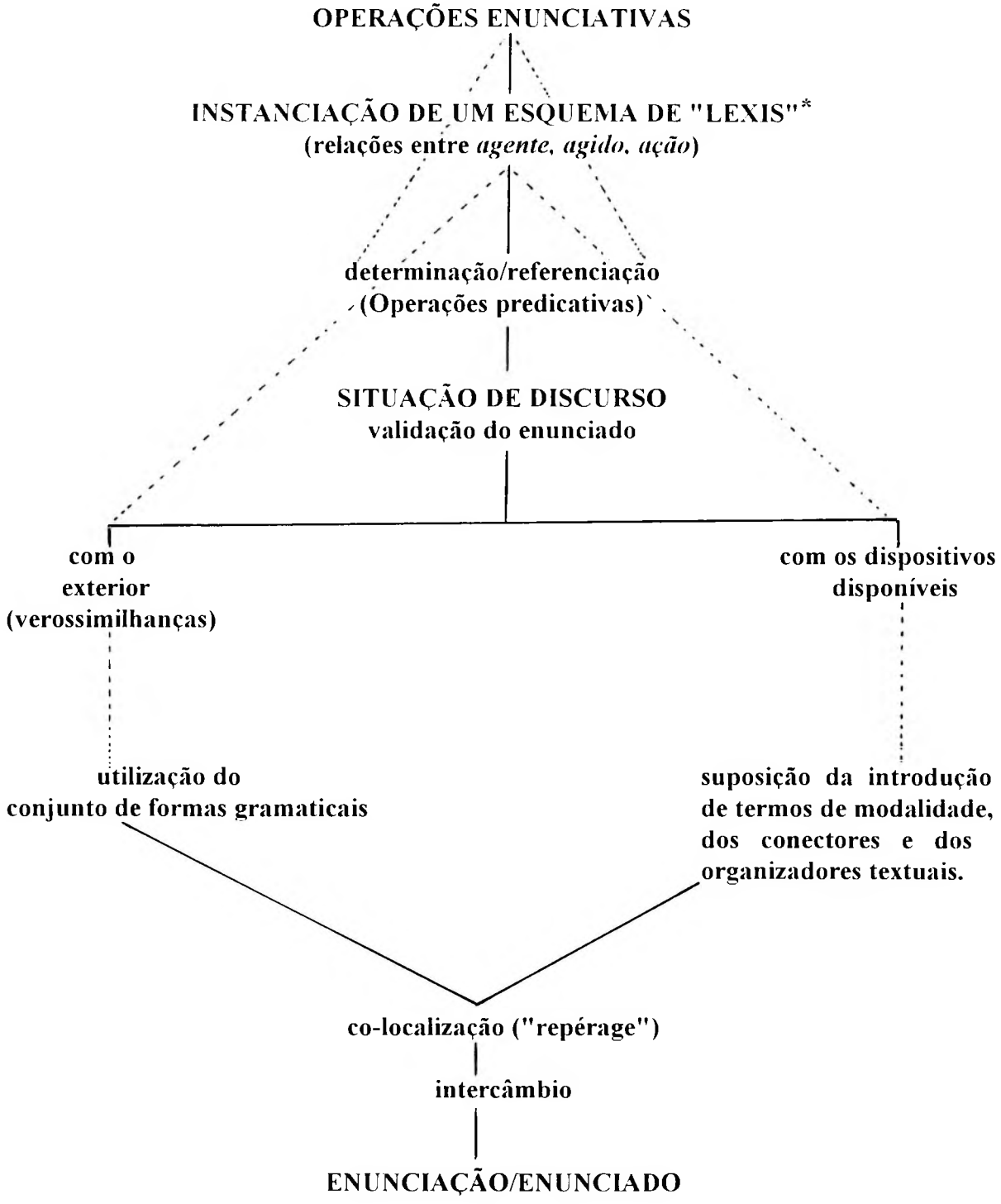
I_v = interlocutor-virtual

IP = interlocutor-personagem

IL = interlocutor-leitor

$I\cancel{A}$ = interlocutor-Outro (*Autre*[10])

Nesta perspectiva, propomos um esquema, suscinto, para as **operações enunciativas**, a partir da teoria de A.Culioli, 1973, 1990):



* A *lexis* diz respeito ao produto de uma *relação primitiva*, um esquema sintático de base capaz de gerar uma família de enunciados *mudas* (parafraseados) de um primeiro enunciado (cf.A.Culioli, 1990 :47-53).

1.1.2. Heterogeneidade enunciativa

Através do conceito de **dialogismo** de M.Bakhtin e de **sujeito do inconsciente** (Lacan/Freud), Jacqueline Authier (1982) retoma a idéia da existência de várias vozes que atravessam o discurso do *Um* (sujeito).

J.Authier (1982 :98, 1991 :146) introduz a noção de ***heterogeneidade*** e ***inconsciente*** em seus estudos sobre o sujeito e discurso visando caracterizar a ***heterogeneidade enunciativa*** :

> *l'énonciation se présente localement comme affectée d'un non-UN, comme altérée, -au double sens d'altération et d'altérité- dans son fonctionnement par un fait ponctuel de non-coïncidence.*

O **inconsciente**, funciona como o discurso do ***Outro*** (o *Outro*, lugar de conflito, de nós mesmos e de tudo o que negamos, o que está recalcado, a censura, etc.).

O ***não-Um***, que caracteriza a ***heterogeneidade enunciativa***, pode ser representado, segundo J.Authier (1991), através de quatro registros: o *interlocutivo* (a efetividade da enunciação depende do outro), *do discurso a ele mesmo* (a enunciação reflete ela mesma), *entre as palavras e as coisas* (a enunciação só pode nomear com duas palavras) e *das palavras nelas mesmas* (descarte de tudo o que ameaça o dizer).

O *discurso científico* e o *discurso poético*, entretanto, não apresentam, ainda segundo essa autora , nenhuma marca de heterogeneidade porque testemunham, de certa forma, uma ruptura com esta modalidade <<normal>> do discurso, que articula a *heterogeneidade mostrada* à *heterogeneidade constitutiva*, sob o modo da *denegação* (J.Authier, 1982 :145-146).

Assim, segundo a maneira de como o discurso é invadido por um **não-Um**, pode-se considerar dois tipos de **heterogeneidade**:

a) heterogeneidade **constitutiva**

O que essa autora chama de **heterogeneidade constitutiva** é a situação em que a presença do ***outro*** encontra-se diluída no discurso, não como objeto, mas **como condição** mesmo do discurso, integrada pelas palavras do outro.O sujeito desaparece para deixar espaço para um discurso que, mesmo liberado do outro, não lhe concebe um lugar.

b) heterogeneidade **mostrada**

Na **heterogeneidade mostrada**, como o próprio nome diz, há um discurso **marcado** por certas formas que criam o mecanismo de distância entre o sujeito e o que ele diz, delimitando um espaço destinado ao outro no seu discurso.É um tipo de **negociação** com o ***outro*** sob a forma de **denegação**.

As citações, as aspas, os parênteses, o *itálico*, etc.são formas *marcadas* de heterogenidade mostrada.Há entretanto as formas de heterogeneidade mostrada não marcadas, onde a presença do outro é mostrada através do discurso indireto livre, da ironia, das metáforas, dos jogos de palavras, ...

1.1.2.2. Sujeito do inconsciente

Para Jacques Lacan (1966) o **sujeito do inconsciente** é o **sujeito do desejo**. A subjetividade que caracteriza esse sujeito é a subjetividade de um sujeito dilacerado sobre si mesmo, uma vez que é o discurso do **Outro**.

O **sujeito do desejo** encontra-se relacionado aos fenômenos complexos, das pulsões, das metáforas, do jogo de palavras, etc.

A relação que J.Lacan (1966 :688-793) propõe entre **sujeito** e **significante** é estabelecida pela hipótese de que a **enunciação** (no sentido lacaniano do termo) é uma organização que ocorre à nível do inconsciente, na **cadeia de significantes**.Essa **enunciação significante** ocorre devido ao **deslize** incessante do **significante** sobre o **significado** (J.Lacan, 1966 :502-503).

A leitura que Jacques Lacan (1966) fez da teoria de S.Freud, à respeito do *sujeito do inconsciente*, tentou integrar algumas noções da Lingüística, na Psicanálise. Além disso, J.Lacan leu as pesquisas de Saussure e de E.Benveniste, o que justifica o empréstimo de vários termos da lingüística na tentativa que J.Lacan fez de abordar a dimensão do sujeito.

Encontramos, assim, na teoria lacaniana a inclusão de termos como *significante*, *enunciação*, *metalinguagem*, *discurso* e muitos outros que, embora emprestados da lingüística, passam a formar, na Psicanálise, outros campos nocionais.

Em J.Lacan (1966 :688-793), a noção de **enunciação** está relacionada à noção de ***significante*** e de ***inconsciente***. A *cadeia de significantes* (os índices textuais) vai ser, ao mesmo tempo, *o objeto do recalque e o elemento constitutivo do sujeito da enunciação*.

A enunciação é uma organização que ocorre à nível do *significante*, onde este é tomado como sendo uma ***enunciação significante***. Como o significante é o lugar da metáfora e da metonímia, para Lacan (1966 :502-503), o sentido de uma frase "está ligado mais ao que dela nos escapa do que ao que conseguimos apreender", porque há um "deslize incessante do significante sobre o significado".

O **sujeito do inconsciente** é ***o sujeito do desejo*** e, como tal, não pode *designar* o sujeito do discurso, ele não tem intenções e habita os lugares interditados.Ao ser designado como *sujeito* de um enunciado ele se transforma em *schifter* (índice) e se deixa identificar apenas ilusoriamente, como reitera J.Lacan (1968 :853):

> *La pulsion divise le sujet et le désir, désir qui ne se sustente que dans la relation, qu'il méconnaît, de cette division avec l'objet que la cause est la structure du fantôme".*

O sujeito da enunciação, na perspectiva lacaniana, é, portanto, o *sujeito do inconsciente*, ou ***sujeito-efeito*** de linguagem; um **Outro** (*Autre*), já que não se trata de designar o sujeito como protagonista, mas sim de procurar um sujeito para ***significar*** o inconsciente.

A enunciação é *enunciação significante*, o sujeito da enunciação (*sujeito do desejo*) é a instância onde o enunciado tem sua origem primeira.

Assim, na perspectiva lacaniana, a pulsão que divide o sujeito o permite habitar os lugares interditados.No entanto, é como **enunciação significante** que o **sujeito do desejo** pode aparecer (ou não) na superfície da materialidade lingüística, e não como sujeito do discurso.

Sabe-se, a partir da leitura lacaniana de S.Freud, que o ***Outro*** está do lado das pulsões, dos jogos de palavras, do interditado, do desejo, dos equívocos e que ele e, ainda, insensível às contradições, podendo funcionar inclusive no discurso cotidiano.Mas, em relação à uma enunciação (consciente) de um sujeito falante, como se poderia apreender os traços da presença deste *Outro?*

1.1.2.2.O *outro* no discurso

Apesar de inserido no campo dos estudos relativos à análise estilística e literária, M.Bakhtin (1929/1978, 1988) abordou, nos estudos que propôs sobre os vários tipos de discursos, temas que integram diferentes campos teoricos, como por exemplo; o da enunciação.

Na verdade, através da tentativa de aplicação do método sociológico, na análise das formas sintáticas, M.Bakhtin (1929/1988 :139-140) introduziu as questões relativas ao *discurso de outrem* (do *discurso citado* em relação ao *discurso narrativo*) cujas nuances encontram-se relacionadas à situação de enunciação:

O discurso citado é *o discurso no discurso, a enunciação na enunciação*, mas é, ao mesmo tempo, *um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação.*

Dessa forma, embora M.Bakhtin não tenha elaborarado uma teoria lingüística da enunciação, propriamente dita, a teoria da enunciação foi explicitamente reclamada, enquanto que muitas das questões levantadas por esse autor são, hoje, objetos de vários estudos lingüísticos, como por exemplo; o problema das modalidades (apreciativas), verificado por M.Bakhtin (1929/1988: 107, 114-115):

> *A mudança do acento avaliativo da palavra em função do contexto é totalmente ignorada pela lingüística e não encontra repercussão na sua doutrina da unicidade da significação.*

M.Bakhtine (1978: 114-115) reclama o lugar do *outro* no discurso, ou seja, o lugar do *discurso de outrem*.Esse *outro* distingue-se, entretanto, do *Outro* (sujeito regido pelo inconsciente), é regido pela ideologia:

> [...] *para a consciência individual, a linguagem, enquanto concretização sócio-ideológica viva, e opinião multilíngüe, se coloca no limite de seu território e o de outrem.*
> (nós traduzimos)

Portanto, na perspectiva de M.Bakhtin (1929/1988 :113), a a enunciação encontra-se caracterizada como concretização sócio- ideológica:

> [...] *a situação social mais imediata determina, completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação.*

Dessa forma, o centro organizador de toda enunciação, de toda expressão não é, segundo M.Bakhtine (1929/1988 :121), interior, mas exterior: está situada no meio social que envolve o indivíduo.

A idéia de um ajustamento entre interlocutores também é pressuposta por M.Bakhtine (1929/1988 :106-107). Entretanto, ao considerar a enunciação, logo o sentido, como completamente determinados pelo contexto, esse autor (M.Bakhtine, 1929/1988 : 120) não chega a estabelecer um espaço, em sua teoria, para os fenômenos complexos, os quais são considerados, aliás, como parte de uma atividade mental de nível inferior:

> *Colocamos nesse nível [inferior] todas as atividades mentais e pensamentos confusos e informes [...].É extremamente difícil parcelar nesses farrapos ideológicos leis sociológicas.*

1.1.3. Ambigüidade operatória

Acreditamos que a articulação das noções de **heterogeneidade enunciativa** (J.Authier), **enunciação significante** (J.Lacan) às noções de **co-enunciação/ ambigüidade** (A.Culioli, 1973 :87-88) nos permite refletir sobre uma **ambigüidade operatória**, em CSM:

> *[...] il y a toujours, au sens le plus fort, construction interprétative des phénomènes de surface par les énonciateurs; il y a toujours prolifération du langage sur lui-même; nous avons toujours un jeu de forme et de significations.[...] l'ambigüité (et le malentendu) [...] font partie du modèle, de même que les déplacements métaphoriques.*

A noção de **ambigüidade**, segundo A.Culioli (1973) e C.Fuchs (1982 : 135-137), diz respeito a um fenômeno semântico, ou seja, a diferença entre um semantismo produzido (multívoco) e um semantismo reconstruído (unívoco).Este fenômeno pode relacionar-se, ainda, à uma diferença de sentido (gramatical/lexical), às categorias enunciativas ou, ainda, aos *fenômenos referenciais* (ambigüidade de re/dicto ou de transparência/opacidade).

O fato de A.Culioli não separar, radicalmente, *sentido* e *referência* possibilita a integração da semântica através da operação de *referenciação*, como reconhece C.Fuchs (1981 :49):

> *[...] la perspective enonciative pousse à ne pas séparer radicalement sens et référence, et à considerer como partie intégrante des sémantiques linguistiques les opérations de référenciation par lesquelles le sujet re-construit le référent.*

O que entende-se, na teoria de A.Culioli, como sendo <<**referenciação**>> é o processo complexo através do qual o sujeito constrói e reconstrói a significação lingüística, pela relação representação-referente como, aliás, reitera C.Fuchs (1982 :84):

> *le sujet mêle de façon indissociable sa représentation du référent, ses appréciations sur ce réféent, ainsi que l'incise qûil se fait de lui-même, de l'autre, de la façon dont il pense que l'autre le voit.*

Na teoria de A.Culioli, a noção de **sujeito** é considerada a partir das noções de **locutor** e de **enunciador(es)**.A primeira noção diz respeito ao sujeito que diz EU, enquanto que a segunda refere-se à diferentes ocorrências enunciativas.

A.Culioli (1990 :25) não considera a existência de uma separação radical entre **emissor e receptor**, já que ele substitui essas noções pelas de **enunciador** e de **co-enunciador**.Em contrapartida, **locutor e interlocutor** são considerados, **radicalmente**, separados.

O fato da escritura de CSM encontrar-se bastante marcada por várias estratégias de reformulação do discurso, como por exemplo; a tradução (créole/francês), leva-nos a considerar, em nossa pesquisa, a figura do **tradutor** como parte integrante das redes enunciativas.

O papel de **tradutor** não é considerado por A.Culioli (1987 :7) como sendo um *produtor* (no sentido estrito), mas sim como um *produtor por procuração*, um *entremetteur*.Entre um enunciado e sua tradução, A.Culioli propõe que se considere o jogo entre as diferentes modalizações do **autor** (produtor no sentido estrito) e do **tradutor**:

> *Pour ce qui est des conditions de productions de production je suis formel: le traducteur est lié à une situation d'énonciation.*

Sobre a figura do **autor**, nocão ambígua, que se refere, antes de mais nada, à pessoa de carne e osso que vive, ou viveu, num tempo e lugar determinados, tal ou tal episódio, como observa J.P.Goldeistein (1989 :29), não se confunde com o **narrador** (nem mesmo com o narrador implícito).

Nossa análise será centrada nos enunciados, de CSM, que apresentem fenômenos que, estando relacionados, de alguma forma, a uma situação de *alteração enunciativa*, nos permitam descrever e refletir sobre a (re)constituição do sujeito enunciador (eixo central de nossa pesquisa).

O que entendemos por *alteração enunciativa* é o movimento de ruptura no funcionamento do papel desempenhado pelos sujeitos primitivos de um enunciado nas relações intersubjetivas, no fio do discurso.

Através de várias estratégias discursivas, principalmente o uso do discurso indireto livre e do discurso relatado, o enunciador transita entre diferentes posições reformulando ou traduzindo seu próprio discurso, atribuindo a enunciação a outrem ou enunciando na fronteira de enunciações aparentemente marcadas como sendo de outros enunciadores.

O efeito da *alteração enunciativa* no discurso é o de uma ruptura quase acidental no jogo travado entre enunciadores e interlocutores, como uma espécie de superposição de vozes num monólogo que, paradoxalmente, só se realiza a partir da mobilização de outros discursos cuja intonação parece ser interior.

Uma análise lingüística de CSM numa perspectiva enunciativa implica, portanto, em considerar determinados procedimentos teóricos e também em algumas conseqüências teóricas, dada a complexidade do tema e do *corpus*.

Além disso, sabemos que a própria inclusão da questão da *diglossia* já constitui, de certa forma, um tipo de deslocamento na focalização dos fenômenos enunciativos, a partir da relação entre *diglossia* e *conflito*. Ou seja, a noção de *conflito* desemboca no nivel mais profundo, considerado na teoria de A.Culioli, através da operação de *referenciação*, como o nível das representações mentais.

Visamos, assim, uma abordagem lingüística que, apesar de encontra-se centrada nas relações intersubjetivas (inter-enunciados), possa integrar alguns fenômenos (de outros níveis de representação) relacionados à questão de diglossia.

Além do mais, acreditamos que selecionar, em meio à tantos enunciados e fenômenos da escritura de CSM, os dados que nos parecem mais pertinentes ao eixo central desta pesquisa já é, inevitavelmente, interpretar e reconstituir, a partir de nosssas operações, um sentido.

Logo, uma vez que a marca (EU) do **sujeito da enunciação** é deixada na superfície do enunciado, o EU (sujeito *origem* da enunciação) passa a ser **sujeito do enunciado** (forma que funciona como uma das pistas, através das quais o lingüista tem acesso à enunciação simulada).O **sujeito da enunciação** real parece escapar, no fio do discurso.

Nesta perspectiva, o contexto "induz, orienta, mas não determina o sentido, como observa C.Fuchs (1991 :116).

1.2. **DIGLOSSIA**: algumas representações

Ao incluir a questão da *diglossia* neste estudo sobre a complexidade das relações intersubjetivas de CSM, acreditamos que a apresentação de diferentes representações de alguns pesquisadores sobre as noções relacionadas a este tema, torna-se pertinente, pelo menos ao tipo de abordagem que propomos.

Na gramática francesa (M.Arrivé, F.Gadet e M.Galmiche, 1986 :232), **diglossia** é definida como sendo, mais ou menos, sinônimo de **bilingüismo**, de extensão menor e que comporta dois tipos de nuances: "alguns falam de diglossia quando há desigualdade de status entre as línguas em questão (por exemplo uma língua regional e uma língua nacional, como o basco e o francês), outros utilizam esse termo para designar o uso concorrente de duas variedades de uma mesma língua (por exemplo, o francês popular e o francês standard)".

Para alguns pesquisadores, como por exemplo: R.Chaudenson (1978), E.Glissant (1981), J.L.Calvet (1974), F.L.Prudent (1980), H.J.Störig (1990), A.Khim (1991), as **línguas crioulas** desempenham um papel específico nas situações ditas de **diglossia**.

O fato dos pesquisadores divergirem, entre si, quanto à questão da origem e formação da língua crioula, sobre a questão da adequação das terminologias que caracterizam a situação da coexistência de duas línguas numa comunidade, ou ainda, o fato de seus estudos encontrarem-se concentrados em campos bastante polêmicos e específicos faz com que se formem, na *crioulística*(11), verdadeiros combates de posições sobre a diglossia.

Ao ser abordada pelos pesquisadores a questão da diglossia, na Martinica (e nas Antilhas, em geral), desemboca, pelo menos em dois impasses: ou é totalmente ignorada como situação de conflito lingüístico, sendo dada como sinônimo de *bilingüismo*, ou encontra-se de tal forma atrelada à argumentos e/ou interesses políticos que se transforma numa espécie de mito.

R.Chaudenson (1978 :143), acredita que a insegurança lingüística é um traço específico dos grupos *diglotas*.Esta insegurança pode conduzir o falante a um silêncio ou à hipercorreção. Para esse autor, as *línguas crioulas* surgem sempre como um elemento constitutivo das situações ditas de <<diglossia>>:

> *les créoles apparaissent toujours, en effet, dans des situations dites de diglossie qui constituent un élément de leur spécificité.*

Lambert-Félix Prudent (1980 :100-104), por sua vez, acredita que desde sua aparição, na França (por Charles Ferguson, 1959) e de sua difusão (no artigo de Word, 1959), esta noção sofreu crescentes *deslizes* de sentido sob a influência dos sociolingüistas de campo.

Segundo esse autor, a idéia geral que recobre o termo de **diglossia**, proposta pelos lingüistas (a de que, numa determinada sociedade " constata-se que duas variedades de uma mesma língua estão repartidas funcionalmente e utilizam-se segundo parâmetros situacionais precisos") não pressupõe a existência do conflito lingüístico, e quando a presupõe os pesquisadores não chegam a conscientizar-se da utilização não-crítica do próprio termo.

L-F.Prudent (1980 :104) acredita que, paralelamente à noção de **diglossia** surge a noção de **continnum**, termo introduzido, segundo esse autor, por John Reineke (1939) e difundido no artigo de Derek Bickerton (1974).A idéia que recobre o termo *continnum* é a

de que trata-se de um sistema lingüístico complexo resultante da descrioulização.A existência formal de um sistema de *continuum* ainda não foi demonstrada na Martinica (L-F.Prudent 1980 :182).

Portanto, a designação da situação de **diglossia**, como noção aproximada de **bilinguismo** é rejeitada por esse autor, (L-F.Prudent, 1980 :145, 175):

> *il n'existe guère de continuum (ou de mesolets) que pour les lingüistes.[...] Le continuum se constate au niveau de la performance; la diglossie est l'affaire de la conscience.*

Para E.Glissant (1981 :358, 346), a situação lingüística da Martinica ultrapassa o quadro de uma simples situação de **bilingüismo** francês/crioulo:

> *Le bilinguisme pose problème quand la langue française confronte une autre langue, le breton, l'occitan ou le corse. Il va de même pour le créole [...] la situation se complique par le fait que cette seconde langue devient langue naturelle, mais d'abord sans avoir été activement assimilée par la collectivité, ensuite en passant par la contrainte de la langue maternelle.*

A língua crioula desempenhou, segundo esse autor, um papel fundamental na época do sistema de plantações, papel este que se alterou a partir da francisação inevitável e, também, pelo fato do crioulo não funcionar como lingua nacional dos martiniquense (E.Glissant, 1981 :241):

> *Le créole ne peut pas être la langue des grandes surfaces commerciales, ni des hôtels de luxe.La canne, la banane, l'ananas, ce sont là les derniers fantômes de l'armée créole.*

E.Glissant (1981 :31-32) associa, portanto, a questão da diglossia ao quadro histórico-social complexo que caracteriza a Martinica propondo, ainda, a noção de *detour* (desvio), que teria a língua crioula como sua primeira geografia.O Detour é, segundo esse autor, um tipo de artifício lingüístico que marca uma atitude de escape.

> *En Martinique, où la population transbordée s'est constituée en peuple, sans que pourtant la prise en compte de la terre nouvelle ait pu être effective, la communauté a tenté d'exorciser le Retour impossible par ce que j'appelle une pratique du Détour.[...] La langue créole est la première géographie du Détour [...].*

1.2.1. As artimanhas lingüísticas do crioulo

A noção de **ruses lingüistiques du créole** (artimanhas lingüísticas do crioulo), proposta por E.Glissant (1981 :235-236) encontra-se, desta forma, intrincada à questão de **diglossia**, uma vez que o *desvio* faz parte dessas *artimanhas lingüísticas da língua crioula* que são, segundo esse autor, estratégias de dissimulação ou camuflagem do dizer constitutivas da língua crioula.

Baseando-se na dificuldade que o locutor da língua crioula tem para se adaptar ao quadro lingüístico complexo da coexistência de duas línguas, E.Glissant (1981 :278) alega que nenhuma dessas duas línguas chega a representar, para o locutor martiniquenses, um sistema lingüístico adequado:

> *Il nous faudrait destructurer la langue française pour la contraindre à tant d'usages.Il nous faudra structurer la langue créole pour l'ouvrir à ces usages.*

Essa inadequação do falante ao sistema lingüístico contribuiria para desenvolver um sentimento de desconfiança que domina o scriptor crioulo, em relação ao uso do francês (E.Glissant, 1981 :380):

> *Il faut se demander quelle confiance faire aux mots, surtout dans la langue de l'autre, du moins par quel biais l'aborder, dans ce délaissement généralisé par où les tehniques de l'écriture conjoindraient aux affres de la parole.*

E.Glissant (1981) considera, ainda, que na tentativa de impedir o desaparecimento do crioulo, o locutor crioulo multiplica as *estratégias lingüísticas*, os jogos, as variações do crioulo.É assim que este autor identifica, na Martinica, a existência de diversas **variações crioulas**, usadas de acordo com situações específicas:

- crioulo **funcional** (ritual)
(nas relações hieráquicas com as autoridades)

- crioulo como **reticência**
(por hábito de simular a incompreensão do editado)

- crioulo "**standard**"
(crioulo dos *bekés*, considerado como o mais <<normal>>), segundo E.Glissant.

- crioulo como **paravento**
(a frase precipitada, engolida antes de chegar a constituir um sentido)

- crioulo **ornamento**
(a francisação, nas relações com pessoas de nível social superior)

- crioulo **equívoco**
(com o objetivo de revelar e de esconder alternadamente as significações, dentro e atrás das imagens)

- crioulo **escândalo**
(língua de auto-agressão e de *desvio*)

Em referência à Edouard Glissant (1973), L-J.Calvet (1974 :112, 205) também avalia a situação da língua crioula na Reunião, na Guadalupe e na **Martinica**, como sendo comunidades lingüísticas que apresenta uma certa originalidade no sistema de **diglossia**, onde a coexistência de duas líguas não corresponde, em todos os aspectos, aos exemplos de

situações de diglossia existentes em outras comunidades lingüísticas:

> *(...) il n'existe pas d'organisation locale que la colonisation aurait perturbé, écrasé ou intégré au système colonial, tout est issue du colonialisme et il en résulte un système qui, au moins pour son origine, est relativement original.[...] Il importe plus en effet de nous intérroger sur cette notion de* ***bilinguisme*** *qui, sous l'apparence trompeuse du terme scientifique, couvre des réalités très différentes.*

1.2.2. Língua crioula

O interesse pelas **línguas crioulas** não é uma novidade desta década.No entanto essa noção é complexa e gera crescentes controvérsias, uma vez que existem uma grande variedade de línguas denominadas <<**crioulas**>> cuja matriz (inglesa, francesa, espanhola, portuguesa, puramente indígena, ou ainda, puramente africana) varia , segundo o percurso realizado pela presença e colonização européia (na Ásia, na India, nas costas da África do oeste, nas Antilhas, ...), na epoca da expansão marítima.

Além disso, as semelhanças e as diversidades que algumas dessas línguas crioulas revelam entre si e, ao mesmo tempo, a autonomia lingüística exibida por outras de suas variedades, parecem aguçar o interesse pelo estudo da origem e formação destas línguas e, conseqüentemente, aumentar, ainda mais, o fosso que separa as diferentes representações que caracterizam os grupos de pesquisadores deste tema.

A representação de um conjunto, mais ou menos distinto, de três correntes que se formam no campo da *crioulística* e que se afrontam, defendendo, cada uma, um ponto de vista diferente sobre a origem e formação dessa língua, ou sobre a designação que seria mais adequada, funciona como uma primeira mostra da complexidade que caracteriza a questão da ***língua crioula***, elemento fundamental de uma situação de **diglossia**.

Segundo Alain Khim (1991 :5) as *línguas crioulas* são assim denominadas por possuirem o léxico de uma língua indo- européia.No entanto, esse léxico é organizado, gramaticalmente (semanticamente e sintaxicamente), e realizado, fonologicamente, de uma maneira diferente da língua indo-européia em questão, sendo, ao mesmo tempo, notadamente semelhante (pelo menos à primeira vista), na variação de um crioulo à outro.

Apesar de considerar a variedade de línguas crioulas e a complexidade que as caracteriza, Alain Khim (1991 :16) acredita na legitimidade de estudos que façam abstração dessas nuances:

> *[...] les langues sont intrinséquement variables,[...] cette variation, sans être probablement plus importante en ampleur, est plus incontournable et pose davantage des problèmes souvent acerbes, dans les langues sans fixation écrite et sociolingüistiquement dominées comme les créoles, que dans des langues à tradition normative comme le français ou l'anglais.Une étude faisant abstraction de cette variation n'en est pas pour autant illégitime, et les résultats qúelle obtient n'en sont pas fragilisés, mais simplement relativisés à tel dialecte ou idiolecte.*

Hans Joachin Störig (1990 :235) define a *língua crioula* como sendo uma lingua completa, surgida a partir de um **pidgin** (meio de comunicação com meios e fins limitados, usada entre pessoas de línguas maternas diferentes) e transformada em língua materna dos falantes de uma comunidade.

Louis-Jean Calvet (1974 :113) propõe uma definição de *língua crioula* semelhante à de H.J.Störig, mas reclama a valorização do contexto sócio-histórico (por exemplo, a importância da situação da escravatura) em que essas variedades de línguas surgiram.

Apoiando-se numa hipótese *genética* para **os crioulos**, R.Chaudenson (1979 :59) considera a *língua crioula* da Martinica uma variação dos diversos *crioulos franceses* surgidos na época das colonizações européias, em situações denominadas de ***diglossia***.

> *Tout créole présente également de nombreux éléments dontl'origine française se laisse facilement reconnaître.*

Desta forma, a denominação ***línguas crioulas*** caracteriza as línguas que se constituíram nas colônias esclavagistas dos séc.XVII e XVIII(12) (estimadas , aproximadamente, em torno de quarenta variedades), derivadas a partir de formas populares antigas das línguas européias e que são, hoje, em relação à essas línguas das quais originaram, considerados ***sistemas autônomos*** (R.Chaudenson, 1992 :1249).

Dada as crescentes e divergentes posições dos pesquisadores, em geral, sobre a designação ***línguas crioulas***, as diferentes versões sobre a origem destas línguas e, ainda, a nossa posição de não especialista e de não falante de língua crioula, optamos por apresentar estas diferentes representações sobre a **língua crioula**, das quais retiraremos, quando necessário, a contribuição que nos parecem mais pertinentes ao eixo central de nossa pesquisa.

Propomos, a seguir, um inventário, resumido e bem generalizado, sobre as principais características da língua crioula (Guadalupe e Martinica), nos níveis fonético, gramatical e lexical, baseado em diversos autores, sobretudo na gramática crioula de Jean Bernabé (1978):

LÍNGUA CRIOULA (Martinica/Guadalupe)
(algumas caracteristicas)

.Nível fonético

.ritmo similar ao barulho de um tambor(*tamborimment*)

.enfraquecimento (ou ausência) do fonema /R/ vibrante (caracteristica do "acento crioulo).Em posição final.este fonema quase desaparece.

.ausência das vogais anteriores arredondadas ("ü/y/,"eü/e/."œ"/ɛ/) que são substituídas por vogais anteriores não-arredondadas (/i/, /ɛ/ e /e/)

.articulação marcada pela rapidez onde, a enunciação de vários vocábulos parece compor apenas um vocábulo indivisível (economia própria da língua)

.presença constante do grito, seja pela inclusão de um grupo de fonemas especificos (êkrii, êkraa, Krii, Kraa, ...) ou por uma maior tensão muscular na realização de determinados fonemas.

.articulação dos fonemas a partir de uma conjunção entre oral e escrito.

.simplificaçao de grupos consonantais finais.Ex.*table*, /tab/

Nível gramatical

- .indistinção do gênero e do número pelos qualitativos
- .posposição do artigo "*la*" em função de determinante demonstrativo
- .sistema de pronomes pessoais cujas formas parecem derivar das formas francesas.Ex.: *Moin, an, mwen /ou/li/nou/zot, zo/yo*
- .indistinção do *Tu* e do *Vous* como vocativos
- .flexão verbal semelhante a uma simplificação extrema do sistema verbal francês
- .emprego constante de artimanhas lingüísticas que parecem buscar um meio de camuflar o sentido de um enunciado (desordem constitutiva da língua)
- .elisão do pronome relativo complemento do objeto direto.

Nível lexical

- .emprego generalizado de palavras compostas
- .léxico derivado (ou próximo) ao da língua francesa
- .concepção da matéria pelo objeto.Ex."un *cui*" (um cinto)
- freqüência de polifonia e homonímia.Ex.*an* (pronome pessoal, 1a.pessoa do singular ou artigo definido).
- .reduplicação de certos morfemas nos enunciados.
- .substantivação do infinitivo
- .formação expressiva de neologismos (?) (por derivação própria e imprópria)
- .derivação nominal por criação analógica

1.2.3.Negritude, antilhanidade, criolidade

A idéia da língua crioula como **língua de compromisso** aparece, de alguma forma, na representação dos três principais movimentos intelectuais de reivindicação cultural, surgidos nestas três últimas décadas (**Negritude, Antilhanidade e Crioulidade**). Muitos pesquisadores(13) dedicam-se, ao estudo desses três movimentos que, além disso, cruzam diferentes campos teóricos, tendo a literatura como seu veículo maior de expressão.

Nos limitaremos aqui a fornecer apenas algumas nuances desses movimentos e nomes de seus principais representantes.

a) **Negritude**

Segundo Louis-Jean Calvet (1974 :222), o movimento denominado **negritude** surgiu em Paris, nos anos 30.

Inspirados por vários fatores, como por exemplo; a criação do "Haute Comité pour la défense et l'expansion de langue française" e pela independência de algumas colônias francesas, um grupo de estudantes, a maioria africanos (entre eles; L.J.Senghor, Sain Ville, Damas, Aimée Césaire; um dos principais representantes desse movimento na Martinica), em Paris, empenharam-se na produção de textos (sobretudo poéticos) cujo tema girava em torno da reivindicação da cultura e da raça negra fundando, inclusive, uma revista específica: **L'étudiant noir**, onde esses textos eram publicados.

Apesar de ter sido bastante calcado na questão da pigmentação da pele (o **ser negro**) e de ter estabelecido, assim, uma visão, mais ou menos *mitificada*, do elo entre o negro e uma *África mãe*, o movimento da *Negritude* foi a primeira pedra lançada rumo ao questionamento da relação colonizador/língua francesa/identidade, em vários países (inclusive na Martinica).

Diva B.Damato (1986 :88) observa, entretanto, que o conflito francês-crioulo não foi explicitamente abordado, na época em que surgiu esse movimento: há um silêncio, considerado por essa autora, "tão eloqüente quanto toda a massa de publicações que o tema suscita"

Aimé Césaire, poeta, escritor e prefeito da Martinica (desde 1945), tornou-se um dos principais representantes da Negritude. A publicação de textos (principalmente nos gêneros *poesia* e *teatro*) desse autor, sobretudo o *Cahier d'un retour au pays Natal*, obra de A.Césaire (1971 :153) prefaciada por André Breton e que significou um dos pilares martiniquense do movimento da *negritude*, buscam aproximar dois mundos (o martiniquenses e o africano) em prol de uma identidade cultural:

> [...] *à moi mes danses*
> *la danse brise-carcan*
> *la danse saute-prison*
> *la danse il-est-beau-et-bon-et-légitime-d'être nègre.*

b) **Antilhanidade**

O segundo movimento, denominado **antilhanidade**, assumiu uma postura ideológica e concentrou-se, sobretudo, na delimitação geográfica das Antilhas.Tendo como seu

principal precursor e defensor o escritor Edouard Glissant este movimento reivindica a aceitação da **diversidade** que caracteriza o antilhano, uma identidade complexa, particular e dinâmica, cuja aceitação implicaria na inscrição real no **universo antilhano e americano**, como enuncia E.Glissant (1981 :136):

> *(...) ni la langue universelle de Leibniz, ni la langue auxiliaire d'appoint proposée par les Bahás.Il faut combattre partout la transparence.*

L-F.Prudent (1980 :63) observa que a partir de 1970 os estudantes antilhanos que se encontravam em Paris, nas universidades americanas ou européias, começam a abordar o estudo de suas línguas e é somente nesse momento que se constata, segundo esse autor, o surgimento de um novo ponto de vista sobre a relação francês-crioulo, do <<interior>> da questão.

Le discours antillais, obra de Edouard Glissant, publicada em 1981, cuja temática transita entre diferentes campos teóricos (literatura, antropologia, sociologia, lingüística, história) visando caracterizar a diversidade do espaço, do povo e do <<real>> antilhano, funciona como uma referência expressiva dessse movimento:

> *La notion d'antillanité surgit d'une réalité que nous aurons à intérroger, mais correspond aussi à un voeu dont il nous faudra préciser ou fonder la légitimité.*

Esse movimento, cuja legitimidade foi reclamada por E.Glissant não só em textos escritos, como também em encontros, congressos e seminários, tem muitos de seus princípios retomados pelo movimento da *Crioulidade*.

c) **Crioulidade**

O movimento chamado **crioulidade**, fundado pelos escritores Patrick Chamoiseau, Rafael Confiant e Jean Bernabé, se empenha em reivindicar toda a cultura crioula (incluindo a complexidade que a constitui), a começar pela **valorização** do **contador de casos antigos** e pela utilização da **língua crioula** na **escritura** (sem que para isso tenham que abrir mão da língua francesa). P.Chamoiseau (*Eloge de la créolité*, 1989) declara:

> *(...) Nous ne sommes pas de nègres gréco-latins, ni des mulâtres gréco-latins, ni des coulis greco-latins. Par contre, nous sommes des Créoles, nous voulons assumer à la fois notre part européenne, notre langue française, tout ceci qui a acquis une incontestable légitimité, mais surtout notre dimension créole qui est notre dimension diverselle.*

Para os crioulistas, a inscrição dos martiniquenses no arquipélago antilhano não basta para lhes conceder uma identidade, uma vez que sua cultura em mosaico segue rumo à diversalidade.Assim, em relação aos dois primeiros movimentos (Negritude e Antilhanidade) o movimento da crioulidade assume uma posição menos redutora.

Os crioulistas acreditam que o termo *crioulo* não está relacionado apenas ao universo das plantações, mas também à diversidade de culturas, de línguas, de realidades que integram um campo também diverso: não só europeu, africano, antilhano ou americano, mas crioulo,

como afirmam seus fundafores, em *Eloge de créolité* (1989 :25).

O movimento da **crioulidade** é uma tentativa de afirmação cultural inspirada na idéia de independência, na reivindicação da **crioulidade**, na valorização e difusão da língua crioula, na busca de uma identidade cultural, não apenas *negra* ou *antilhana*, como reitera P.Chamoiseau (1993)(14):

> *Existe "crioulidade" no momento em que vários povos, línguas e imaginários se encontram num espaço comum e são obrigados a se relacionar. É o que aconteceu nas Antilhas. O problema é que esses povos, essas línguas, essas visões de mundo não se fundiram numa síntese.Isso produziu uma identidade em mosaico.[...] Há um fenômeno de crioulização no mundo.*

Esse fenômeno de *crioulização* a que se refere P.Chamoiseau, pode ser constatado pelo interesse, cada vez maior, dos pesquisadores, em geral, pelas línguas crioulas e surpreende, inclusive, os próprios crioulistas:

> *— [...] Qui aurait imaginé qüil aurait des grammaires, des dictionnaires créoles? Que le créole serait enseigné à l'université? Personne.*
>
> (Raphael Confiant (15))

2. CAPÍTULO II - Percursos gráficos e discursivos

Este capítulo visa descrever e refletir sobre alguns elementos e/ou mecanismos, presentes nos percursos gráfico e discursivo, da escritura de CSM, que *marcam e ou refratam* um conflito lingüístico, a partir da relação entre a **heterogeneidade enunciativa** e a situação de **diglossia**.

Abordaremos, primeiramente, a *interação dos dados perigráficos* e a relação *língua francesa-língua crioula* (a partir da representação de *retalhos de histórias* e da situação de **diglossia**, em CSM), propondo alguns esquemas e quadros.

Num segundo momento, tentaremos verificar a questão da *intervenção da língua crioula*, em CSM, nos limitando a levantar as situações em que ocorre essa intervenção, relacionando o funcionamento desse fato às relações intersubjetivas e fornecendo exemplos esparsos de alguns mecanismos específicos da língua crioula, buscados na própria escritura de CSM.

Na análise dos elementos e/ou mecanismos dos percursos gráfico e discursivo, tentaremos não perder de vista o jogo de formas lingüísticas que se constituem em **marcas** de um (suposto) **sujeito** do dizer, buscando considerar, antes de tudo, a constituição do sentido que se estabelece **dentro** do próprio **texto** de CSM.

Em algumas situações iremos propor a tradução dos enunciados franceses abordados. No entanto, por trabalharmos numa perspectiva enunciativa e acreditarmos que o ato de traduzir é, também, construir um texto (já que as *situações de enunciação* do *scriptor* do texto original e do tradutor não são as mesmas), limitaremos, consideravemente, o uso desse recurso nesta pesquisa.

2.1. OS FUNCIONAMENTOS (META)TEXTUAIS

Em toda a sua composição, **CSM** apresenta uma organização bastante curiosa. O entrecruzamento de vozes, no texto, atravessa o limite convencional do espaço discursivo destinado à trama (a primeira e segunda parte, determinadas pelo *scriptor*).

Cada elemento da composição desse romance, da capa ao anexo (a dedicatória, a citação, mudança de tipografia, a tradução de enunciados crioulos, no curso da narrativa, ...) parece reclamar uma leitura não-linear que (des)organize as pistas enunciativas.

Há um tipo de diálogo implícito e/ou explícito entre as duas primeiras partes e os dados perigráficos. Os acontecimentos se organizam como pequenos quebra-cabeças. Vários discursos se entrecruzam e se convertem em pistas heterogêneas de um sujeito enunciador.

Através de um **NÓS** que se desloca, dentro e fora da narrativa, e com ele o centro das relações intersubjetivas, CSM instaura, entre o combate de representações do mundo francês e do mundo crioulo, a subjetividade.

2.1.1. A interação dos dados perigráficos

Consideramos *dados perigráficos*, os elementos e/ou mecanismos relacionados à organização e à composição de uma obra (as referências bibliográficas e biográficas, anexos, traduções, fotos ilustrativas, notas de pé-de-página, notas do editor, prefácio, citações, ...) que encontram-se situados, tradicionalmente, numa zona intermediária, em relação ao espaço da trama textual.

No tipo de abordagem que propomos os *dados perigráficos* (sobretudo, o *anexo* proposto pelo *scriptor*) serão considerados como partes integrantes da trama textual, uma vez que estes funcionam como pistas enunciativas heterogêneas e se relacionam, de alguma forma, com a representação que se constrói da enunciação, em CSM.

Por sua curiosa organização, o *anexo* será considerado, portanto, em nossa pesquisa, como sendo a *terceira parte* do romance CSM.

Assim, dentre as diferentes pistas enunciativas (fornecidas pelos *dados perigráficos*) que intervêm na constituição do sentido das duas partes (primeira e segunda) de CSM, estaremos ilustrando nossa reflexão e análise, neste capítulo, com alguns dados da *citação* (CSM :11), do *artigo do jornal France-Antilles* e da *nota do ethnógrafo* (CSM :217) e, ainda, dos *gritos do djob* (CSM :219-220).

- A citação que abre a primeira parte da escritura (CSM :11) faz referência à *Edouard Glissant, Le discours antillais* (**LDA**) e à editora *Le Seuil*, estabelecendo, dessa forma, uma relação entre o discurso de **CSM** e o discurso de **LDA**:

> *...les histoires lézardent l'Histoire, elles rejettent sur des bords irrémediables ceux qui n'ont pas eu le temps de se voir au travers des lianes ramassés.*
>
> *EDOUARD GLISSANT*
> *Le discours antillais*
> *(Le Seuil)*

A determinação do artigo definido "as" (*les*) e "a" (*l'*), assim como o emprego de "H" (maiúsculo) e "h" (minúsculo), marcam a diferenciação entre as duas designações do termo *história*. Esta diferenciação é marcada em CSM, através dos *retalhos* da Crônica dita <<oficial>>, em meio às histórias que compõem a crônica dos sete *djobeurs*. Assim, CSM estabelece, pela *heterogeneidade enunciativa*, marcada pela *citação*, uma certa adesão ao discurso atribuído a Edouard Glissant.

A referência à editora *Le Seuil* torna-se, também, significativa nesta perspectiva. O fato do termo *Seuil* estar relacionado à *porta* (soleira, limiar da porta) e de haver, ainda, um dialogismo explícito e implícito, entre CSM e Le discours antillais, possibilita a interpretação da referência à editora como sendo parte da citação, da negociação que o *sujeito enunciador* estabelece (ou, **mostra**) com o outro discurso.

- O *artigo* de um jornal (cuja fonte é atribuída ao "*Journal France-Antilles*"), não assinado nem datado (CSM :217), intitulado ***"NEUF MOIS POUR LA RECONSTRUCTION DU GRAND MARCHÉ DE FORT-DE-FRANCE"***, é também um exemplo expressivo da interação dos dados perigráficos e da importância que estes gozam nas relações intersubjetivas, em CSM.

Se a escritura desse romance se constitui (sobretudo na primeira parte) a partir da representação do *Mercado de Fort-de- France* (CSM :13-17, 41-45, 58, 60, 65-68, 183-186, 199, ...), esse artigo que compõe o *anexo* a complementa. O tema da reconstituição de um mercado (também em *Fort-de-France*) se ata ao tema da reconstrução, como se esse artigo fosse a sequência de um discurso anterior.

> [...] *Reconstruire au lieu de rénover? [...] à l'évidence, la structure qui abritait jusqu'alors les marchandes est d'une architecture témoignant d'un contenu historique et à exagerer un peu l'on serait un peu tenté de l'inclure dans le patrimoine foyalais.* [...]
>
> *NOTE DE L'ETHNOGRAPHE*
>
> *[...] seul l'ethnographe pleure les ethnocides insignifiants.*
>
> (CSM :217)

Apesar de ser marcado por uma certa indeterminação (que caracteriza a linguagem jornalística) o discurso reflete as marcas da enunciação de um sujeito nas avaliações negativas (à respeito da operação de reconstrução do mercado) e positivas (quanto a uma renovação ou restauração do mercado ou, ainda, do seu tombamento, como patrimônio histórico).

Entretanto, é interessante observar que a representação que se constitui do jornal (*France-Antilles*), nesse artigo do anexo, não concide, exatamente, com a representação refletida na referência feita à esse mesmo jornal, no decorrer da narrativa de CSM.

> [...] On déclara qúil avait fourni la preuve que l'indépendance était viable. *France-Antilles* publia sa photo à cette place de choix généralement réservée aux violeurs et aux assassins.[...]
>
> (CSM :176)

Pelo tema abordado no artigo do **JFA**, a representação do jornal constitui (sobretudo, se for um editorial) um discurso *marcado* por uma certa adesão às avaliações negativas sobre a reconstrução do mercado, a necessidade de se preservar um patrimônio.

Ao ser mencionado no fio da narrativa (CSM :176), a representação do jornal *France-Antilles* que se constitui desse jornal é a de que trata-se de um jornal popular, de grandes tiragens e que, à princípio, não seria o veículo mais adequado para a publicação desse artigo em questão.

O *scriptor*, em CSM, atribui a enunciação desse **artigo** (editorial?) ao *Jornal France-Antilles*. O *interlocutor-previsto* (**Ip**) vai reconhecer essa atribuição a partir da representação que ele possui desse jornal. Entretanto, o *interlocutor-virtual* (**Iv**), não dispondo de *outros dados* que ancorem a origem dessa enunciação, pode reconhecer (ou não) o jornal mencionado como $\int_0$ (sujeito origem). Nesse caso, há também um "deslize" sentido que se constitui na interação do artigo com as duas primeiras partes de CSM.

- A *nota* que acompanha esse artigo (CSM :217), atribuída ao **etnógrafo**, funciona como um tipo de asserção do discurso do jornal. O *sujeito enunciador* busca dissimular-se na categoria da pessoa do *etnógrafo*, do *jornalista* e do *contador de histórias*, mas pode ser *co-localizado* em relação ao $\int_0$(*sujeito origem*) e à *situação de enunciação* como sendo o *co-enunciador-narrador* (**SN**).

O interlocutor da enunciação dessa *nota* não é um personagem qualquer (CSM :176), nem o *interlocutor-virtual* do **JFA** (CSM :217) mas um sujeito *interlocutor-previsto* (**Ip**):

> [...] *"pour* ***vous*** *dire,* ***amis****", de prendre soin de* ***vous****; arrosez* ***vos*** *différences et soyez vigilants".*(...)
>
> (os grifos são nossos)

No *anexo*, encontramos ainda os dezoitos *gritos do djob* (CSM :219), que funcionam como uma espécie de *glossário*, ao qual o interlocutor pode recorrer para atualizar ou constituir o sentido desses **gritos** (em relação às duas primeiras partes).

O termo crioulo *djob* tem seu sentido atualizado no próprio texto (CSM: 13, 76, 219): está relacionado a um tipo de *trabalho*, serviço. Ao referir-se à atividade exercida pelos *djobeurs*, este termo designa uma profissão, que embora não seja reconhecida institucionalmente, como tal, desempenha, na sociedade representada em CSM, um papel significativo.

O *scriptor* faz referência aos *gritos du djob* no decorrer das duas partes do romance, ou ainda, através de nota de pé-da-página (CSM :76-77).

Os enunciados crioulos que compõem esse inventário não são traduzidos, já que constituem *gritos*. O *scriptor* fornece, entre parênteses, as *indicações* a que se referem esses gritos e o sentido que possuem, nas situações que caracterizam a atividade dos *djobeurs*:

a) *MACH!* — *(Quand l'obstacle est un chien ou un ennemi connu. Ce cri est aussi utilisé quand nous avons envie d'un combat avec l'obstacle.)*

b) *BLO!* — *(Quand la brouette a cogné quelque chose ou quelqu'un, ou quand elle va le faire. Ce cri veut dire: C'est un accident, scusez, c'est pas volontaire...)*

(CSM :219)

As *indicações* que aparecem entre *parênteses*, acompanhando os gritos "*MACH!*" e "*BLO!*", por exemplo, apresentam pistas enunciativas (ex.: **Nous**, **Ce**, **C'**, **quand**, ...) que são os *co-localizadores* da enunciação.

Com a inscrição de um *Nós*, como sujeito desses dois enunciados, o *sujeito enunciador* é *co-localizado* em relação à *situação de enunciação* como *co-narrador-personagem*. (O **SNP** é um dos *djobeurs* que conta a história do mercado de Fort-de-France).

Nas citações, nos *gritos*, nas traduções e nas reformulações (em notas de pé-de-página ou no curso da narrativa), no artigo de jornal, na intervenção do crioulo, ..., se marca e se reflete, na escritura de CSM, uma heterogeneidade enunciativa.

Assim, a interação dos **dados perigráficos** funciona como um tipo de asserção do discurso mas, ao mesmo tempo, ela é também um fator de indeterminação e de complexidade na constituição do sujeito enunciador, logo, também do sentido.

2.1.2. *Retalhos*(15) de histórias

> *Cela se c'est maintenant: l'Histoire ne compte que pour ce qui l'en reste: au bout de celle-là rien ne subsiste, si ce n'est nous - mais c'est bien peu.*
>
> (CSM :212)

A complexidade que caracteriza a enunciação no contexto de diglossia representado em CSM desemboca, conseqüentemente, num acúmulo de *referenciações* de um sujeito enunciador entre fronteiras.

As inúmeras referências à datas, pessoas e/ou personagens da *crônica*, dita *oficial* (francesa e martiniquense), à língua francesa e à língua crioula, ..., são atualizados pelo *scriptor* no próprio texto, a partir de várias estratégias de *ancoragem*.

As representações que o *scriptor* tem de dois sistemas lingüísticos são divididas com os interlocutores (leitores, personagens, auditores) e com outros enunciadores (narradores, tradutores, personagens, autores) numa tentativa de se marcar heterogeneamente, no discurso.

Apesar de aparecer, em algumas notas de pé-de-página, o dia, o mês e o ano dos acontecimentos, estas pistas cronológicas são organizadas a partir de um vai-e-vem contínuo à diferentes épocas, como uma espécie de *flashes* da memória. Não há uma demarcação linear da cronologia dos fatos narrados.

A *referenciação* constrói, assim, em CSM, uma sequência de fatos (ou fotos?) que se representam como *retalhos* de histórias, na *crônica* dos sete *djobeurs*.

> [...] *Sobre as primeiras terras arrancadas deste inferno edificou-se uma igreja. Destruíram os manguezais, construíram casas que era preciso reconstruir após cada inundação. Apesar da cidade de Saint Pierre que resplandecia, veio-se de toda parte habitar a récem-nascida. Rochambeau a chamava Fort-de-la-République. Mais tarde, aclamaram-na Fort-de-France.*
>
> (CSM :81, nós traduzimos do original)

Os *retalhos* da crônica dita *oficial* se entrepõem entre os *retalhos* de histórias (informações, cantos, rumores, fábulas, ditados e contos populares, gritos e discursos) e feitos (insignificantes, extraordinários e/ou sureais) dos vários personagens que entram em cena.

Propomos, a seguir, alguns esquemas e quadros sobre a organização desses *retalhos de histórias* co-localizados em CSM, nos quais usaremos as seguintes abreviaturas:

RFD= referenciação no fio do discurso
RA= no anexo
Md= *Mère et dorlis* (CSM :15-45)
Br= *Bombance d'après-guerre: Le roi* (CSM: 64-112)
Cfo= *Coup de fièvre d'or* (CSM :123-212)/**JFA**= (artigo) *Journal France-Antilles* **ne**= (nota) *note de l'etnographe* (CSM : 217)
cd= (glossário) *Les cris du djob* (CSM :219)
NPP= em nota de pé-de-página
r_1, r_2, r_n= retalhos
Rg= *Robert et guerre* (CSM :46-64)
DD= *Département, Département* (CSM: 118-123)
(CSM:217)
cK= (canção) *La chanson de Kouli* (CSM:221)

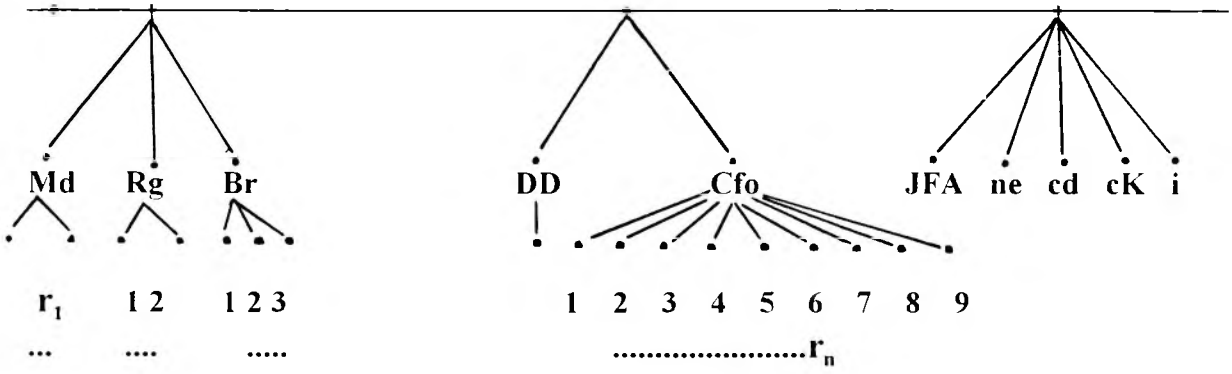
RETALHOS DE HISTÓRIAS CO-LOCALIZADOS EM CSM

Esquema I:

r_1	r_2	r_3	r_4	r_5	r_6	r_7	r_n ...
133-148	**81**	**81**	**46 54 59**	**64**	**117-118 151**	**118 120**	
? ? ?	**1890**	**1894**	**1902**	**1939**	**1946**	**1963**	

Esquema II:

INSPIRATION (*Première partie*) (9-112)	*EXPIRATION* (*Deuxième partie*) (113-213)	*ANNEXE* (?) (215-221)



Quadro p/esquema 1:

	estratégia	retalho/pág.
r_1	**RFD** **RFD + NPP** **RFD** " " "	- captura de escravos/escravidão (133,173) - *marronnage* (fuga de escravos) e revoltas (133,143-145) - nominalização (133) - necessidade do batismo (134, 138) - suicídio coletivo (141) - abolição da escravidão na Martinica (87,128,147-148)
r_2	**NPP**	- grande incêndio de Fort-de-France (81)
r_3	**NPP + RFD**	- ref.Béhanzin, resistente anticolonialista que chegou na Martinica, em 30 de março de 1894 (81)
r_4	**NPP** **RFD + NPP** **RFD**	- 2a.Guerra mundial (46) - De Gaulle, Pétain, Georges Robert (54,59) - atividade do "passe" (entrada nas ilhas inglesas) (46)
r_5	**RFD**	- fim da guerra (64)
r_6	**NPP + NFD**	- *Departamentalização* lei n.46-51 de 1946 (a Martinica passa a ser um dos departamentos franceses) (117-118, 151)
r_7	**NFD+NPP**	- *BUMIDOM* (organização de uma emigração maciça dos martiniquenses para a França) (118,120)
r_8	**RA**	- reconstrução do Grande Mercado de Fort-de-France (217)
r_9	**NFD**	- inventário de povos e tribos capturados e escravizados (ou em freqüentes "marronages"), de diferentes espaços (ilhas ou regiões), cujos percursos históricos encontram-se interligados pelo universo das plantações.*

* [...] *Haïti,[...] Barbade [...], Hillaby [...], Grenade, [...] Cariacou, Ronde et Petite Martinique [...] Tobago, Trinidad et Margarita*

(CSM:69)

[...] *les Yagha du cap Horn [...], les Xeta du Brésil,[...] les Jora de Bolivie, les Peuls [...], les Toubous, les Touaregs du Sahara, [...] les Boshimans des sables Kalahari.[...] vomis d'afrique, les Malinké du Sénégal, les Yoruba du Dahomey, les Pygmées du Gabon [...], les Yamu du Kenya [...] les Aïnu des îles Hokkaido [...] les Saramacas des Guyanes, les Kanaks calédoniens, les derniers Caraïbes.*

(CSM: 192)

[...] Les Congos, [...] les Nagos, les Bambaras, les Aradas, les Ibos et les Mines. [...] les Hriambas, les Sosos, les Tacouas, les Moudongues, les Cotocolis.[...].

(CSM: 133)

O *scriptor* introduz, ainda, termos franceses e/ou crioulos relacionados à:

- **diferentes nacionalidades e raças** como por exemplo; *beké* (ou mestiço, descendente dos primeiros colonos brancos), *couli* (descendentes de Basse-Pointe), *chabin* (mestiço branco-negro), *échapée-couli* (mestiço indiano-branco), marron..., traduzidos pelo próprio *scriptor* em notas de pé-de-páginas (CSM :24,26,29,31,85...); *crioulo, francês, sírio, chinês, libanês, bretão, hindu, albino, negro, mulato, branco (...)* que representam, em CSM, o *povoamento, a população* original da Martinica.

[...] *Pipi contava suas histórias de escravos, citando nomes e lugares. Ele lhes descrevia a antiga vida das habitações agora desmanteladas, os heroísmos sem história dos negros, negras e negritinhos nas mais terríveis gavetas da vida.*[...]

(CSM :171, nós traduzimos)

- **personagens da crônica** dita **<<oficial>>** (incluindo referência à pessoas ainda vivas), como por exemplo; Georges Robert, De Gaulle, Pétain, (CSM :46, 49, 54-55,118, 176-177...), o *deputado-prefeito* (e escritor) martiniquense Aimé Césaire (CSM :176-178,192...).

[...] *Instigados pelos apelos de Papai-de-Gaulle (um 24 do mês de junho...), ele dirigiu-se a nós, a nós sim! a nós diretamente...), dezenas de bugres lançaram-se rumo à França livre sobre yoles (barcos) temerários, se entrepondo entre os bancos de areia e os encouraçados do Almirante, para combater em massa o canal da Dominique e os Alemães sobre a outra margem.*

(CSM :47-48, nós traduzimos)

Em **notas de pé-de-página**, o *scriptor* indica, situa, reformula e avalia o papel desempenhado pelos personagens citados, *co-localiza* termos crioulos ou nuances dos *retalhos de história*:

> [...]*um Pétain Marechal nos expediu aqui-dentro um Almirante chamado Robert**, *acompanhado de Segaleses e de outras castas de soldados.[...]*
>
> * *Os djobeurs evocam aqui Georges Robert, almirante, alto-comissário nas Antilhas francesas (1939) durante a Segunda Guerra Mundial.*
>
> (CSM :47, nós traduzimos)

- **três incêndios**; o primeiro; em Fort-de-France, em 22 de junho de 1890 (CSM :81); o segundo, o da montanha Pelée, em 1902 (CSM :184) e o terceiro, simbolizando o fim dos *djobeurs*; o incêndio do bar *Chez Chinotte* (CSM :120, 150, 153, 190, 197- 201, 212-213...).
- **monocultura da cana-de-açúcar** (CSM :46, 81, 106, 117, 124...).
- **Departamentalização** (CSM :117-118, 124, 176- 177...):

> [...] *desde que nós fomos declarados Franceses, empresas de pompas fúnebres made-in-france logo propuseram serviços completos, transporte mortuário, enterro e cortejo incluído.*
>
> (CSM : 151, nós traduzimos)

Quadro p/esquema II:

	estratégias/retalhos	págs.
Md	*/.../ Le chant des chiens /.../ C''était le chant des chiens.*	32-33
Rg	[...] *Dit de Pipi sur la vie de Clarine, future mère oublieuse./.../ C''était le dit.*	49-53
	[...] *(Voici le milan* sur Ti-Joge, futur facteur. /.../ C''était le milan que vouz savez.)*	60-62
NPP:	* Information (informação)	
Br	[...] *Voici la rumeur sur l'araignée-prodige. /.../ C''était.*	71-74
	[...] *Pipi, roi des djobeurs, mi./.../ Donc:* [...]	75-85
	[...] *(Quart de mot sur le père d'Anastase./.../ C''était le quart de mot.)*	87-95
DD	[...] *Bidjoule en dérapage.*[...]	120-123
Cfo	[...] (*Ce qui dit la rumeur sur Afoukal l'esclave-zombi./.../ sacrée manman de la rumeur...*) [...]	126-133
	[...] *(Les dix-huit paroles rêvées qûAfoukal lui /à Pipi/ offrit./...*/.*C''étaient les les dix-huit paroles rêvées qûAfoukal lui offrit.* [...]	133-148
	[...] *Ancrage dans la clarière maudite.*[...]	154-164
	[...] *Migan d'amour avec Marguerite Jupter.*[...]	164-169
	[...] *Le jardinier-miracle.*[...]	169-178
	[...] *Glissade sans calage. /.../ Ainsi,*[...]	178-183
	[...] *Rats, fourmis et marchandes-zombis.*[...]	183-191
	[...] *Piments d'enfer, chaud-chaud!* [...]	192-201
	[...] *Feu de coeur avec une femme des nuits.*[...]	201-206
	[...] (*La fin tragique du dorlis.*[...]	206-207
	[...] *La jarre émerge.* [...]	207-212
RA	*Annexe*	217-221

> [...] *Algumas lembranças de nós, do mercado, de Anastase, dos djobs, de seu carrinho de mão, de Elmire, de nossas insônias, de Man Elo e do coisa-do-outro-mundo habitavam talvez uma enchente de sua memória.*
>
> (CSM: 189, nós traduzimos)

Pode-se constatar, através desses exemplos de *retalhos* de história, que além da escritura de CSM funcionar como o lugar de batalhas (onde dois sistemas lingüísticas disputam sentidos) ela é também espaço da conjugação complexa entre as representações que o *scriptor* desse romance tem do mundo francês e do mundo crioulo.

> [...] *Pipi estava contente. Essa maneira de dizer uma época se revelava mais eficaz que as sombrias exatidões históricas até então desvendadas. Enriquecendo de mitos a realidade, ele eletrizava prolongadamente as crianças, que se identificavam melhor com os negros rebeldes em seus jogos de guerra e de coragem.*
>
> (CSM: 172, nós traduzimos)

2.2. A CSM: A DIGLOSSIA COMO PANO DE FUNDO

> *Les mots en voltige dans son crâne, il [Pipi] cherchait du français, seul le créole levenait.*
>
> (CSM :204)

Em CSM, a caracterização da situação de *diglossia* encontra-se marcada pelo confronto entre dois sistemas lingüísticos, o francês e o crioulo.

Através das falas dos diversos enunciadores que se manifestam à respeito da língua francesa e da língua crioula, essa representação é, de certa forma, filtrada, marcando e, ao mesmo tempo, *reforçando* a existência de um conflito.

O quadro lingüístico representado em CSM é complexo. A **língua francesa** é ensinada na escola (CSM :22, 98, 117, 192-193, 204...), goza do prestígio de língua *oficial*, sendo usada, às vêzes, de maneira ostentatória pelos martiniquenses (CSM :22, 61- 62, 107, 117, ...).

> *Il [Ti-Joge] détenait la parole et maîtrisait tout bonnement le français. Clarine, émerveillée, l'écoutait réciter les fables de La Fontaine où il se puisait une-deux principes de vie.*
>
> (CSM :62)

Apesar de ser a língua oficial, a língua francesa funciona como a *segunda língua* da comunidade e seu uso, em relação à língua crioula, está relacionado à uma questão de status social:

> *Contrairement à ses soeurs, elle [Héloïse] put se rendre à l'école. Ce fut un monde nouveau, hors de la réalité même, où elle apprit à lire et à écrire en français, langue insolite qui surprenait ses parents. Fanotte exigea là même que sa fille l'utilise en s'adressant à elle, et le respect alors?*
>
> (CSM :22)

A **língua crioula**, língua oral (CSM :22, 82, 90, 178- 179, 195...) ainda não fixada (sua escrita encontra-se em plena gestação), não goza do mesmo prestígio social, é caracterizada como a língua que se fala em família (CSM :22, 15-16, 109, ...):

> *Félix Soleil, par contre, ne semblait jamais pouvoir s'en accomoder. Cette langue lui était certes familier (c'etait celle des gendarmes-à-cheval) mais il ne l'avait pas imaginée dans sa maison. Roulant des gros z'yeux, il mamonnait donc des* ***Fanm fanm yin ki fanm ki an tÿou mwen!***
>
> (CSM :22)

A língua crioula é a língua falada entre amigos (CSM :57, 82, 82, 104), em momentos de jogos, festas e rituais (CSM :20, 88-100, 191), funcionando, portanto, como a primeira língua dos martiniquenses.

> *Chaque jour, tendre comme un coeur de coco, elle [Man Goul] murmurait à Anastase en l'embrassant:* ***Iche mwen*** *(mon enfant), tu es ici chez toi-même...* (CSM :104)

Em determinadas situações, quando por exemplo o falante visa agredir (ou revidar uma agressão), dependendo do interlocutor, o locutor usa o francês ou o crioulo:

> *[...] - Espèce de* ***isalop*** *mal-cochon chien* ***makak, ich Man banse et ich kône, esse*** *que tu vas laisser ma petite-fille tranquille? En habitué de ce genre d'agression, le séducteur y fit face calmement et sortit à Man Goul une tirade d'un français incompréhensible qui la figea sur place:* [...]
>
> (CSM :109)

Assim, os dois sistemas lingüísticos funcionam também como modo de resistência e de agressão (CSM :98, 100, 109, 119, 124, 179, 192-193, 219-221...).

A partir das representações sobre a língua francesa , encontradas em CSM, pode-se dizer, ainda, que esta língua carrega ainda, de certa forma, os estigmas que a relacionam com o quadro socio-histórico da época das plantações, onde o colonizador desempenhou um papel estruturante, sobretudo em relação ao sistema lingüístico.

> *[...] Les enfants vont à l'école pour apprendre des choses de France que personne ne comprend pas* [...]
>
> (CSM :124)

> *[...] -Lisez ceci, monsieur: en maîtrisant ce vocabulaire et ces principes de base de l'agronomie, vous pourrez mieux nous transmettre votre savoir... Pipi lut et relut vainement ces textes ésotériques. Marguerite Jupiter l'yaidait le soir, à la lueur d'une lampe à pétrole, en lui prodiguant des conseils pour déchiffrer.*
>
> (CSM :179)

A **língua crioula**, por sua vez, também representa-se, através de certas nuances estruturais, como língua relacionada à funcionalidade e à clandestinidade que a caracterizaram também na épocas do sistema de plantações.

> [...] *Si personne ne comprit ce soir-là le vrai sens des paroles du vieux nègre, Kouli par contre fut touché en un mitan secret.*
>
> (CSM :93)

> [...] *(adieu Emma ma chère, ta tombe, sais-tu? est au sanctuaire des vents - mi désarmement, mi.)*
>
> (CSM :52)

No jogo lingüístico (des)estruturante (realizado entre o francês e o crioulo), por exemplo; é marcado o caráter funcional da língua crioula e reivindicada a sua fixação na

escrita. Enquanto que nas reformulações, nas traduções e na ambigüidade das redes intersubjetivas, é marcado, o caráter de língua clandestina.

> *Percevant vaguement le sens de la question, Pipi cette fois oublia ses cheveux, son français, sa tenue, pour souffler rapidement:*
> *- Ebyen misié limè, seti manmay la té fin, danne!... Phrase que le soir au journal télévisé, après un dossier sur le Loir-et-Cher, le speaker de service traduisit par:* ***Monsieur le Maire, les enfants avaient tellement faim!...*** *C'est pourquoi au marché, durant une charge de temps, tout le monde crut Pipi docteur en langage de France.*
> (CSM :178)

CSM transita, portanto, entre a representação de uma diglossia que se auto-reflete e de um discurso que marca e questiona o percurso da enunciação do sujeito entre dois sistemas linguísticos:

> *-Qúallez-vous faire de toutes ces races qui vous habitent, de ces deux langues qui vous écartèlent, de ce lot de sangs qui vous travaille?*
> (CSM :188)

2.1.2. A intervenção da língua crioula

> *- Cherche d'abord le sujet du verbe, épi le complement d'objet direct...*
> *- Et puis ensuite? - Ensuite? Je sais pas moi, vérifie si le verbe estaccordé au sujet...*
> *- Et puis après? - Après après après, faut pas haler trop de sennes à la fois, à l'école le maître t'aurait déjà donné dix pour ça, s'énervait la chabine.*
> (CSM :179)

O combate de representações do mundo francês e do mundo crioulo, em CSM, ocorre também na tentativa do *scriptor* em mudar a ordem das palavras e do discurso.

> *[...] (adieu Emma ma chère, ta tombe, sais-tu? est au santuaire des vents -* ***mi*** *désarmement,* ***mi****)*
> (CSM :52)

O termo ***mi***, por exemplo; em francês pode funcionar como um substantivo, adjetivo, advérbio (nota musical *mi*, médio, meio) e/ou funcionar, junto com outros termos, formando palavras compostas ou locuções adverbiais.

Na língua crioula, ***mi*** pode corresponder, segundo J.Bernabé (1987 :138-139), a:.

-morfema ***apresentativo*** (aux. de predicação, de valor equivalente ao termo francês ***voici***
- morfema ***exclamativo*** de cópia (uso facultativo)
- ***interjeição*** de cólera ou ameaça
- adjetivo (de valor qualitativo ou estático) relativo à ***maduro***
- verbo (valor processivo) relativo à ***amadurecer***

Considerando o valor do termo *mi* na língua crioula e o seu funcionamento em relação a outros termos, nesse enunciado apresentado acima, verifica-se uma certa ambigüidade que leva à variações do sentido.

Além disso, qual valor atribuir a esse termo se a enunciação se realiza na fronteira de dois sistemas lingüísticos?

O *scriptor*, de CSM, joga com as duas línguas (o francês e o crioulo), a partir da inclusão de termos ou enunciados crioulos (e/ou crioulizados), do uso expressivo de sinais de pontuação e do uso de outros recursos gráficos e discursivos que caracterizam o discurso oral, instaurando diversos pontos de heterogeneidade na escritura.

SP_1 */.../* - Pourquoi faites-vous comme cela, monsieur Pipi?
SP_2 - **Anpa save**...J'ai toujours fait comme ça...

(CSM : 178, negrito nosso)

O enunciado crioulo *Anpa save* pode ser *co-localizado*, em relação à *situação de enunciação* e ao enunciado que o antecede e ao que o sucede. Pode-se observar, neste enunciado acima, que dois discursos distintos se constituem, um francês e um crioulo (ou *crioulizado*).

O **SP_1** (enunciador-personagem) tem seu discurso modalizado pela interrogação (*inversão verbo + pronome* + signal de pontuação) e marcado por um registro formal da língua francesa, através do emprego dos termos *cela* e *monsieur*.

O discurso do **SP_2** é marcado pela presença de termos crioulos *An* (Eu) + partícula de negação *pa* + *save* (verbo saber), que formam o enunciado crioulo: *Anpa save* (Eu não sei). O uso de reticências (...) e da forma reduzida de *cela*; *ça*, no enunciado seguinte, fabricam um registro popular, caracterizando um discurso da oralidade.

Vejamos outros exemplos onde o *scriptor* buscou *marcar*, na escritura, os traços da oralidade :

a) [...] Quoi, quoi, quoi ma chère, mais quoi donc? Il y atellement de vent que ça dans ton coeur, pour que les amis s'y effacent comme ça?[...]

(CSM :57, nós sublinhamos)

b) [...] - Eh bien Jésus-Marie-Joseph, ma fille, qúest-ce que tu fais-là?...[...]
- Aaah Madame Paville, ça va, ça va je te dis, tu as fait une prière pour moi? [...]

(CSM :33, nós sublinhamos)

c) [...] ce n'est que se rendant à l'adresse indiquée, toc-toc oui-oui qui est là? et que Man Goul lui ouvrit...DOUX JÉSUS!... [...]

(CSM :83, nós sublinhamos)

d) [...] Les ***Ba mwen lê, les Pin-pon-pin-pon...***tous nos cris de chiens ferrés tonnaient.[...]

(CSM :77, nós sublinhamos)

As letras maísculas (marca da simulação da intensidade da voz dos enunciadores), sinais de pontuação, de itálico, de vocativos e outros marcadores fáticos ou enunciativos, como por exemplo; *han*, *ouais*, *alors*, *Eh*, *Hé*, *Hébin* (*Eh* ou *Hé* + *bien*), *ça*, *aah*, *blip*, *wabap*, *flap*, *glouque*, *wop wop wop*, *hein*, *Seigneur*, *Marie-Jésus*, *Jésua-Marie* (CSM :150, 124, 33, 124, 33, 44, 73, 51, 90, 170, 207, 205, 175...) fabricam um efeito de oralidade.

e) [...]- IL DOIT ÊTRE LÀ-DEDANS! hurlait-elle en désignant la sinistre récolte de la bâclée.

(CSM :200, nós sublinhamos)

O uso de letras maiúsculas, o verbo *hurler* (urrar) e o ponto de exclamação contribuem para reforçar a idéia de que, nesse exemplo acima, a enunciação é, na verdade, um grito.

f) [...] Ah ça, mes enfants, c'est mal d'amour...
[...] Comment va Ti-Joge, han?

(CSM :150-151, nós sublinhamos)

g) [...] Ouais, ça me ferait plaisir (...)
[...] Hébin ouais!...

(CSM :124, nós sublinhamos)

h) [...] BLOGODO!... (seul exorcisme valable)

(CSM : 192, nós sublinhamos)

i) [...] LES OS! LES OS D'AFOUKAL! Pipi s'arrêta flap.

(CSM :208)

Mais uma vez, as letras MAIÚSCULAS marcando visualmente a intensidade do ton. Neste exemplo acima, temos ainda o termo *flap* que além de funcionar como um marcador do efeito de oralidade é empregado pelo *scriptor* em outras situações, funcionando também, por exemplo; como advébio (ou locução adverbial) dêitico, sintagma fático ou como interjeição que acompanha um gesto ou ilustra uma sequência enunciativa : "*En un flap-flap de temps*" (CSM :177); [...] *versèrent flap flap le* (...), (CSM :169); [...] le *hissa vers lui et flap!*, (CSM :127); *Pipi s'arreta flap.*, (CSM :208).

O *scriptor* de CSM busca organizar a intervenção do crioulo através de várias estratégias lingüísticas e discursivas, como por exemplo:

1) **Integrando diretamente** os enunciados e termos **crioulos** (ou crioulizados) aos enunciados franceses, na escritura (CSM : 15, 16, 20, 26, 32, 79,209...)

[...] Pipi ne put répondre **hak** à la question.

(CSM : 164, **negrito** nosso)

[...] Noon reste là, **pa fè mwen sa**, noon ne parspas, ne pars pas.
(CSM :205, **negrito** nosso)

2) **Traduzindo-os** entre parênteses (CSM :15, 20, 26, 62, 124, 168, 177...):

[...] Man ni bel tanms vini ouê mwen! **(J'ai des belles ignames, venez me voir!)**
(CSM :17, **negrito** nosso)

[...] Aaah, koutala aké an ti bolomm! **(ça sera un garçon!)**
(CSM :20, negrito nosso)

[...] le quimboiseur [...]commençait à koker **(baiser)** Chinotte [...]
(CSM :73)

3) **reformulando-os** em **notas de pés-de-página** (CSM :20, 24, 29, 31, 46, 76,85, 88, 156...) ou ainda, agrupando-os num ***anexo*** (CSM :215). Os enunciados (e termos) crioulos, uma vez traduzidos são **reutilizados** e **atualizados** (CSM :16, 19, 22, 23, 73, 85, 196) em enunciações sucessivas.

Entretanto, em relação à essas estratégias, dois fatos intervêm na constituição da materialidade lingüística produzindo, em determinados casos, uma ruptura na constituição do sentido visado pelo *scriptor* de CSM e o sentido que o *interlocutor virtual* (**Iv**) pode reconhecer no enunciado.

Há uma ambigüidade que surge a partir da criação de vários termos (crioulos, francês crioulizado e/ou neologismo ?), dos jogos de palavras e dos momentos em que acontece a intervenção dos enunciados crioulos, no decorrer da narrativa.

Os efeitos (visuais, sonoros e/ou estruturais) obtidos com a inclusão de enunciados crioulos parecem buscar fabricar efeitos de uma *oralidade na escritura*, referenciando o discurso e fazendo-o funcionar com um tipo de revindicação cultural.

[...] Ebyen misié limé, séti manmay la té fin, danne!...

[...] phrase que le speaker de service traduisit par: *Monsieur le maire, les enfants avaient tellement faim!...*
(CSM :178)

Por outro lado, num movimento paralelo, há situações em que o *scriptor* joga com os dois sistemas lingüísticos como se quisesse experimentar os efeitos estéticos inusitados desse discurso dividido, *marcando* as palavras transcritas. Neste caso, seu discurso funciona como um tipo de *refração* da *referenciação*:

[...]**Révolution** n'est pas **vagabonnagerie!** hurlait-elle [l'etudiante révolutionnaire].[...]
(CSM :195, negrito nosso)

[...] Il n'était encore dit, mê si **le destin** l'avait dejà **écrit**, [...]
(CSM :48, negrito nossso)

Esse efeito, que podemos chamar, provisoriamente, de *referenciação refratada* pode ser observado, também, na organização dos *retalhos de histórias*, onde na sequência de um retalho da crônica dita *oficial* se sobrepõe um *retalho* (na maioria das vêzes) de carater *fantástico*, vivido por *personagens não-pessoas*.

Dessa forma, o sujeito enunciador se constitui também por esse efeito, que marca e refrata o conflito em seu discurso.

O fato da intervenção da língua crioula, em CSM, ocorrer, geralmente, em momentos específicos relacionados, de alguma forma, à uma situação de pulsão (raiva, ódio, desespero, folia, intimidade, ...), sustenta a idéia da existência de um conflito, nas relações intersubjetivas. Nesta perspectiva, os enunciados franceses que antecedem ou sucedem e/ou antecedem os enunciados crioulos são os *co-localizadores* da *situação de enunciação* em crioulo:

> [...] Le mulet à peine parqué, Félix Soleil halait une liane verte de ces brussailles **qúen créole d'ici-là on appelle des raziés** [...] il s'élaçait, **saisi d'une rage** anticipéé, vers sa case en gueulant le Se fanm-la mwen! (Femmes me voici!)
>
> (CSM :18, negrito nosso)

Pela introdução do termo *raziés* e de um enunciado inteiro em crioulo, neste exemplo acima, vemos que a intervenção da língua crioula ocorre numa situação de pulsão, marcada pelo enunciado anterior: *saisi d'une rage anticipée* ("tomado por uma raiva antecipada"), pelos verbos *élancer* ("arremeçar") e *gueuler* ("esgoelar") e ainda, pelos sinais de exclamação.

Neste enunciado apresentado, o sujeito *scriptor* se preocupa em traduzir para o interlocutor o que, na sua opinião, pode intervir na constituição do sentido visado. Nesta perspectiva, o sujeito *scriptor* é o *re-enunciador* (**STs**) da enunciação do *enunciador-personagem* (**SP**), mas também o *tradutor* de seu próprio discurso.

No entanto, às vêzes, o *scriptor* não fornece a tradução do enunciado crioulo, integrando-o, diretamente, ao enunciado francês como se o enunciador quisesse partir em dois o seu discurso, ou então, deixar suas pegadas no discurso do *Outro*. (Neste caso, poderíamos pensar no discurso do *Outro*, no sentido lacaniano do termo).

> [...] il hurlait son incapacité à admettre que soixante-dix-cages puissent procurer quinze crabes, **tonnan di sô!**...
>
> (CSM :18, grifos nossos)

O verbo *hurler* (urrar) e a pontuação (!...) marcam o momento de pulsão em que ocorre a intervenção da língua crioula. O enunciado crioulo pode ser (ou não) *co-localizado*, já que, nesse enunciado acima, a única pista seria o interlocutor orientar-se pela *situação de enunciação*, onde o *scriptor* assumindo o papel de personagem narrador, tem seu discurso marcado por uma avaliação (*son incapacité à admettre que*) introduz um enunciado que marca a indignação *tonnan di sô!*... (fr."étonnant"?) do sujeito que enuncia em crioulo (o personagem Félix Soleil).

Há situações em que é a descrição de uma sequência de termos franceses e crioulos (e/ou francês crioulizado), alguns não traduzidos, relacionados à caracterização de espaços (CSM :32), tipos de plantas, animais (CSM :20, 171, 175...) que marca a intervenção da língua crioula na escritura:

> [...] Sa suspicion s'étendit aux soficougnans, aux ravets rouges, aux chouvals-bois, aux bêtes-z'oreilles, aux mabouyas [...], aux sauterelles, aux punaises, à toutes bestioles échoués dans son cercle vital.
>
> (CSM :20)

Neste enunciado acima, o enunciador co-localiza a sequência de termos citados como sendo tipos de *bestioles echoué dans son cercle vital*, ou seja, o conjunto de bestiário existente. Entretanto, a representação que se constitui desses animais mencionados, na escritura de CSM, é a de que trata-se de um grupo específico de bestiário usado em determinados rituais.

Dessa forma, a escritura se constitui a partir de um *deslize* contínuo de sentidos (entre o sentido visado pelo *scriptor*, através da menção ao termo crioulo, o sentido produzido pelas diversas operações de linguagem e, ainda, o *reconhecimento* que o *interlocutor-virtual* (**Iv**) faz das formas lingüísticas que compõem o enunciado).

Nas situações em que a intervenção da língua crioula se realiza a partir da inclusão de enunciados crioulos (traduzidos e/ou não traduzidos), no decorrer da narrativa, a heterogeneidade da escritura de CSM contribui para que o status da letra torne- se, de certa forma, instável.

> [...] -**Hébin bondié, ma fi**, esse que des fois Gogo ne t'aurait pas laissé un colis en chantier? [...]
>
> (CSM :58, grifos nossos)

Neste enunciado, acima, os termos *Hébin* e *bondié* podem ser reconhecidos pelo *interlocutor-virtual* (**Iv**), a partir de desdobramentos ("Hé" + "bien" / "bon" + "dieu"). No entanto, é interessante observar que esta composição não se repete em "ma fi.

Essa instabilidade do status da letra ocorre porque os enunciados crioulos de CSM, ao serem utilizados junto aos enunciados franceses (como se duplicassem a cadeia de significantes), acabam funcionando também como elementos *meta- enunciativos* que *marcam e refratam* uma sobrecarga *significante*, como se, em alguns momentos, o *scriptor* quisesse não só dizer, mas também *mostrar* seu discurso:

> [...] - Faites attention à moi, heim? bon! ... Puis il s'en allait, lançant son traditionnel: Bon Fanotte **véyé sé ich ou-a! (Surveille tes enfants!)** à sa femme qui lui tendait sa gamelle de morue frite-avocats-choux durs. [...]
>
> (CSM :16, negrito nosso)

A *sobrecarga significante* ocorre, em CSM, tanto nas situações em que o enunciador tenta constituir o discurso (de maneira mais ou menos homogênea) quanto nas situações em que ele se serve de outro discurso para silenciar parte de seu próprio discurso ou de discursos de personagens.

> [...] Pipi, toujours plus avisé que nous, utilisait pour lui répondre **des mots d'énigme**: - Ma commère, ne nous amène pasde chaleur, ni le bois-vert à bailler les volées: **nous épilons une chevelure amère...** L'étudiante **n'y comprenait hak**, rien de rien[...]
>
> (CSM :119, negrito nosso)

O termo *hak* é co-localizado em relação ao enunciado anterior, a partir do verbo *comprenait* (comprendia), da partícula negativa *n'* (não), do pron. adv. *Y* (lá) e pelo enunciado seguinte: *rien de rien* (nada de nada). No entanto, o discurso enigmático de Pipi, permanece sendo a parte silenciosa que se estrutura como discurso, mas um discurso de sentido truncado.

Essas *palavras enigmáticas* camuflam parte de um discurso que o enunciador silencia, seja porque não possa, não queira, não deva ou não saiba como enunciá-lo.

> ***- Hein? Quoi? Kesse ti di misiè limè? (Que dis-tu?) Pipi grommelait. Bafouillait. Tentait de haler un bon coup de français. Rectifiait sa tenue.[...]***
>
> (CSM :177)

O mecanismo do uso de *palavras enigmáticas* funciona, portanto, como um dispositivo de representações que o enunciador possui e do qual ele se apropria no nível daquilo que não foi ainda verbalizado.

Mas, como apreender o sentido de um enunciado cujo objetivo expresso é, em determinados casos, o de camuflar, tornar reticente e ambíguo o discurso?

2.1.2. (Des)estruturação (?) lingüística

> *Quand les nègres savants s'inquiétaient de ses progrès, Pipi répondait: Ça roule, ça roule, mais tout ce que qui est derriére le dos du verbe n'est pas le complément machin.*
>
> (CSM :179)

Como pudemos observar, no estudo da parte 2.1.1 deste capítulo, o emprego da língua crioula na atividade de escritura de CSM remete à uma situação de enunciação paradoxal: os enunciados (e termos) crioulos *referencializam* a escritura, ao mesmo tempo em que escondem outras representações.

O sentido se constitui no entremeio de ambigüidades que são, de certa forma, constitutivas da escritura e, sobretudo, da própria língua crioula; ambigüidades estas relacionadas a diversas operações e mecanismos, como por exemplo:

1) <u>**composição de palavras**</u>: *Morne-aux-Gueules*, *Hep- là* (CSM :92), *chouval-bois* (CSM :20), *poté-vivi* (CSM: 208), *gens du bondié* (CSM :41), *un mustache lord-anglais-un-peu-pirate* (CSM :126), *une sagesse difficile à saisir en z'atrappe* (CSM :55), *un macadam-merci* (CSM :88), *vers untel-merci-beaucoup* (CSM :16), *prit-courir* (CSM :27), *dé-garer* (CSM :47), *un zandoli* (CSM :26,31), *mener-venir* (CSM :204), *emener-aller* (CSM :164), *vagabonnagerie* (CSM :195), *mener-venir* (CSM :204), *papa-bête-à- feu* (CSM :157), des *herbes-à-tous-maux* (CSM :160)...

> [...] nous les baptisâmes **Piphi**, du **Pi** de **Pi**erre et du **Phi** de **Phi**lomène, puis tout bonnement **Pipi** car ce surnom amusait mieux le négrillon.[...]
>
> (CSM : 43, grifos nossos)

[...]elle [Man Paville] passa plusieurs jours à balbutier : **Oh dis Bernard**, oh dis Bernard, oh dis Bernard. Si bien que nous l'appelâmes **Odibert**, soeur véritable de la deveine. [...]

(CSM :152, grifos nosso)

2) **hesitação da grafia**: *pitite/petite, ti; pitit/petit, ti* (CSM :26,69,31,206,162,137), *manman, man, mère*(CSM :36,144,109,90,), *merci, mêsi* (CSM :57,76), *Man, mâême, madame, Mme* (CSM :33,37,42,153,109), *missié, mésié, mussieu, monsieur* (CSM :27,111,37), *é krii, é kriii, éékri, éékraaa, kra kraka,* (CSM :92-93,98), *chimin, chemin* (CSM :79), *jeune zocklik, ses os font klik* (CSM :59), *yoles, gommiers, bateaux* (CSM :31,47,35,46), *père, papa, apa* (CSM :13,99,52), *femme, fanm* (CSM :15,18), *Hébin, He bien, Eh bien* (CSM :109), *fils, fille, fi, ich* (CSM :104,209,95,206,210,208), *puis, épi* (CSM : 179), *roi, rye* (CSM :135,156,75)

3) **uso de termos homófonos**(17): como por exemplo: *man* (CSM :92), que faz parte de um conjunto de termos crioulos cujas formas escritas e fônicas se assemelham, mas possuem significados diferentes (cf."homophones" in J.Bernabé, 1978 :68).

Na Martinica, **Man** pode, segundo a situação, designar o pronome pessoal de primeira pessoa ***eu***, o **diminutivo** (ou forma reduzida) de ***mamãe*** (mãe, mainha) ou um ***apelativo*** que designa uma ***mulher casada*** <<ou considerada como tal>> marcando respeito, consideração (Madame, Dona).

Vejamos alguns exemplos dessas nuances lingüisticas, em CSM, para os quais propomos uma tradução, em português:

a) [...] on l'appelait encore Héloïse [...] ce n'est qú avec l'âge et les premières rides, le respect venant, on l'a dit **Man** Elo.[...]

(CSM :42, negrito nosso)

[...] a gente ainda a chamava de Héloïse [...] só com a idade e as primeiras rugas, vindo o respeito, a gente a designou **Dona/Mãe Elo** [...]

b) [...] Il s'agissait d'une **Madame** Paville [...] il entraîna **Man** Paville.

(CSM :33-34, negrito nosso)

[...] Tratava-se d'uma **Madame** Paville [...] ele levou **Dona/Mãe** Paville. [...]

c) [...] **Manman** Doudou surprit le couple.[...]

(CSM :37, negrito nosso)

[...] **Mainha/mamãe** Doudou surpreendeu o casal. [...]

d) [...]_**Mâême** scusez-moi si je vous ai fait sauter, scusez-moi.

(CSM :37, negrito nosso)

[...] **Madame/Dona** desculpa se eu fiz a **senhora** se assustar, me desculpa...

É interessante observar como o jogo com os termos *homônimos* (nesse caso, o termo *Man*), em CSM, recobrem verdadeiras *operações* (tanto enunciativas quanto predicativas) onde, o *scriptor* parece visar fabricar um efeito discursivo que evidencie esse fenômeno da língua crioula. Ou seja, o discurso é organizado e **mostrado** de tal forma, que o *interlocutor-virtual* (**Iv**) possa identificar essas nuances:

e) - On va lui dire? soufla **Man** Goul.
- Je ne sais pas, répondit **Man** Joge.[...]

- Je lui ai toujors dit que sa **manman** était morte.
- Alors c'est bien comme ça, **Madame** Goul, conclut **Man** Joge.[...]
(CSM :84, negrito nosso)

(- A gente vai contar a ele? soprou **Dona** Goul.
- Não sei, respondeu **Mãe** Joge.[...]

-Eu sempre dissse a ele que sua **mamãe** tinha morrido.
-Então tá bom assim, **Senhora** Goul, concluiu **Mãe** Joge.[...])

f) [...] il avait **papa** e **manman**, [...] son **père** [...] sa **mère** [...]
(CSM :92-93, negrito nosso)

([...] ele tinha **papai** e **mamãe**, [...] seu **pai** [...]sua **mãe**" [...])

Outro aspecto a observar, nestes exemplos acima, é que há determinadas *situações de enunciação* (ex.:a) em que o termos *homônimos crioulos* oferece duas (ou mais) possibilidades de traduções, enquanto que em outras situações (ex.:d,e) em que o *interlocutor-virtual* (**Iv**) deve fazer uma única opção para construir um sentido.

4) **<u>tradução dos enunciados ou termos crioulos, pelo *scriptor*</u>** A tradução é um mecanismo bastante expressivo em toda a escritura de CSM. O *scriptor* traduz os enunciados crioulos utilizando-se de diferentes estratégias: uso de parêntes, nota de pé-de-página; chamadas com asteriscos e outro tipos de pontuação; introdução (sem tradução imediata) e *co-localização* no decorrer da narrativa. O conjunto dessas estratégias funciona com uma operação de *co-localização* do discurso crioulo, duplificando a colcha discursiva.

No entanto, os termos ingleses introduzidos na escritura, como por exemplo; *fly-tox, meetings, tray, chantilily, steaks, snaks*...(CSM :170, 175, 186, 187, 109, 187...) não são traduzidos pelo *scriptor*, como acontece com os termos crioulos. Mesmo considerando que muitos dos termos utilizados fazem parte do conjunto de empréstimos já integrados à língua francesa (cf.anglissismos), é interessante notar que quando o enunciador-narrador emprega esses termos ele parece pressupor a representação que o interlocutor possui da língua inglesa. Assim, a inclusão desses termos também contribui para a heterogeneidade enunciativa que marca o discurso:

[...] Les nouvelles marchandes préféraient les poulets-frites des **fast-food** ou les **hamburgers** des **snaks** de cinéma.
(CSM :150, negrito nosso)

A partir do levantamento de alguns termos (crioulos, francês crioulizado e/ou neologismos ?), introduzidos e *co- localizados* pelo próprio *scriptor* de CSM, formamos um inventário que funciona como uma pequena amostra do efeito meta-discursivo que se produz nessa escritura, através da estratégia da tradução.

VOCABULÁRIO CO-LOCALIZADOR
do discurso crioulo em CSM:
alguns exemplos

djobeur: n.m. "Des l'instant où la marchande eut des paniers trop lourdes, apparurent les djobeurs, d'abord pour l'aimable coup de main, puis le service de chaque jour que la marchande payait en fin de journée, selon son coeur" (CSM:13-14-,32...)

djob: n.m."le service", "nos djobs", "l'essence du djob" (CSM:13, 47, 56, 75...)

djober: v.travailler, "djobant une douleur" (CSM:122)

manmaye: n.f./fam. "marmaille" (CSM:122, 150...)

veyé: v."surveille" (CSM:16...)

ich: n. "enfant" (CSM:16, 104...)

zouelle: n.f. "jeü (CSM:18, 105...)

raziés: n.f. un type de "broussailles" (CSM:18, 92, 92, 121, 143, 144, 164...)

man: pron.pers.1a.p. "je" (CSM:17), n.dim.*mère* (intraduisible en français), morp.appel. de respect (CSM:36, 42...)

bête-longue: n. "serpent" (CSM:143...)

fanm = n.f. "femme" (CSM: 18,19,22...)

bel = adj. "belle" (CSM:17...)

bois-bombe: n. "une centaine de pieux aspergés d'eau d'église" (CSM:19, 145...)

foutez likan: express. "fichez le camp..." (CSM:19)

ti bolomm: n. "un [enfant] garçon" (CSM:20)

tigasson: n.m. "garçon" (CSM:21...)

macadam: n.m."c'était un manger de riz à sauce jaune et de mourue mijotée aux piments verts."/ "macadam royal", "macadam-mercï (CSM:21, 42, 44, 76, 74, 149,159...)

djok: adj. "très alerte" (CSM:22...)

béké: n. "Descendants des premiers colons blancs" (CSM:61,72,88,117,123,126,127,149...)

pitite: n./adj. "petit"/ "petite" (CSM:26...)

couli: n. "descendants de Basse-Pointe" (CSM:38,39,48...)

pipiri: n. "oiseau qui annonce l'aube" (CSM:72)

missié/ misié/ mussieu: n.m. "monsieur" (CSM:27, 37, 50)

engagés: n./adj. "Ce terme désignait en créole ceux qui avaient passé contrat (valets de boucaniers, petits-blancs, immigrants indiens, congolais, après l'abolition de l'esclavage).On était au gages de quelqu'un, tant à l'époque on éxecutait aveuglement les ordres du colon. Le terme est maintenant appliqué à ceux qui sont supposé obéir au diable en échange de quelque pouvoir." (CSM:29, 44...)

chapeau-bakoua: n.m." [chapeau] aux ailles tombantes" (CSM:29,30)

chabin: n.m. "métis blanc-nègre" (CSM:31,49)

chabine: n.m. métisse blanche-nègre (CSM:159, 168, 170, 172, 202...)

gommiers: n. "bateaux de pêcheurs" (CSM:32, 35...)

yoles: n. "bateaux" (CSM:47,56,121...)

beignets: n. marinades (CSM:42...)

passe: n.f."La passe était assurée par quelques pécheurs de Rive-Droite, de Case-Pilote, de Case-Navire, et permettait aux patriotes du centre de gagner les îles anglaises moyennant sel, viande, légume ou bonne-la-monnaie." (CSM:47, 48, 54...)

mazok: n. danse (CSM:50)

biguine: n. danse (CSM:50)

calyso: n. danse (CSM:50)

haute-taille: n. "Danse au cours de laquelle les couples exécutent les directives d'un chanteur-parleur intarissable." (CSM:119)

apa: n.m. père (CSM:52)
séancier: n.m. "guérisseur" (CSM:53...)

vié: adj. "vieux" (CSM:54)

blan fwans: n. "Français" (CSM: 55)

pwel: n."poil" (CSM:53)

vidjok: adj."vigoureux" (CSM:55...)

zockik: n. "Maigre (ses os font <<clik>>)" (CSM:59...)

milan: n. "Information" (CSM:60, 62...)

mwen: pron.poss. "meü (CSM: 62)

quimboseurs: n.m. "sorciers" (CSM:63, 72, 73, 154, 168,169, 185, 201, 211...)

koker: v."baiser" (CSM:73, 93, 165,168...)

ciaques: n. "detours" (CSM:76)

an: pron.pers.1a.p. "Eü (CSM:82,199...)

échapée-coulie: n.f. "métisse indien-nègre" (CSM:85...)

tig: n. "tigre" (CSM:88)

zong: n. "griffes" (CSM:88)

laghia: n.f. "danse de combat" (CSM:89, 90, 92, 97, 99, 101, 154...)

major: n. "Sorte de héros de quartier [de laghia]. Chaque quartier avait le sien." (CSM:88, 89, 90,92,97...)

marronnage: n. "Fuite de l'esclave" (CSM:92...)

marraude: "petite marronne" (CSM:144)

marron: [nègre-marron]: n./adj. esclave fugitif (CSM:133, 132)

fi: n.m/n.f. fils/fille (CSM:95, 110, 206, 208, 209, 210...)

pi: v. [prendre] "pris" (CSM:104)

soudon: n. "coquillage" (CSM:108)

isalope: adj. salope CSM:109)

makak: n. macaque (CSM:109)

hak: adv. "rien" (CSM:119, 164...)

souplé: form.pol. s'il vous plaît (CSM:127)

balan [de]: loc.adv. "vitesse" (CSM:129)

caye: n.f. "case" (CSM:25)
titiris: n. "alevins", poissons (CSM:133)

papa-feuilles: n. " [ceux] qui savaient tout des plantes" (CSM:142)

mabouyas: n. "raziés avec [des] lézards blancs" (CSM:144,20...)
macoumê: n."homosexuel" (CSM:149)

rastas: [une tribu de]: n. "De ras Tafari, tître porté par Hailé Sélassié- mouvement à la fois mystique, politique et culturel, venu de la Jamaïque, qui séduit acttuellement beaucoup de jeunes martiniquais..." (CSM:156, 170, 173, 188...)

rastafariens: n.ceux qui apartiennent au mouvementdes rastas. (CSM:156...)

lajan: "l'argent" (CSM:165...)

lolos: n. "pênis" (CSM:169)

Blogodo!: un cri (CSM:192, 219)

dans-la-rue: (être) expres. "démunï, sans de l'argent. CSM:204)

pa: part.nég. "pas" (CSM:205)

mitan: adv./n. milieu (CSM:205)

poudre-lunaire: n."des herbes rares" (CSM:65-66)

bois-bondé: n."des herbes rares" bomboche = "igname" (CSM:174)

A introdução de enunciados ou termos crioulos, seguidos ou não da tradução em francês, contribui para a heterogeneidade na materialidade lingüística e discursiva da escritura de CSM.

Assim, apesar de constituir-se a partir de discursos tomados da oralidade crioula essa escritura se diferencia do oral, ao investir sobre a materialidade lingüística, num jogo estético e estruturante do discurso da ambigüidade. Em contrapartida, também se diferencia de uma escrita crioula, uma vez que a fixação da língua crioula encontra-se ainda em curso e que CSM é caracterizada como uma escritura de ficção.

Dessa forma, ao representar uma literatura da oralidade, via uma escritura da ambigüidade, esse romance se entrepõe entre escritura da oralidade e literatura, refratando a situação de diglossia, constituindo-se, em determinadas situações, objeto e representação de si mesma.

O *scriptor* recolhe os *rumores*, *ditos*, *casos e contos antigos*, *retalhos da crônica oficial*, os *mitos*, as *informações* (*palavras* heterogêneas) e *marca* essas *palavras*, constituindo um discurso, enunciado entre fronteiras.

Logo, o jogo referencial, feito através das estratégias discursivas (ou ainda, por elementos para-lingüísticos), é cruzado por um outro jogo paralelo, no fio do discurso, cujo mecanismo parece fazer o valor da referência desembocar na cadeia de significantes,

fabricando efeitos discursivos que interferem na constituição dos sentidos.

Assim, ao mesmo tempo em que uma heterogeneidade discursiva parece ser reivindicada por essa *oralitura* (escritura da literatura da oralidade crioula), o *scriptor* recorre à tradução e à reformulações dos enunciados crioulos que utiliza, como se revindicasse o lugar de um EU, no seu discurso.

Assim, ao buscar reformular, em francês, o discurso enunciado em crioulo, o conflito enunciativo resvala entre duas enunciações: uma que enuncia em crioulo e outra que reformula, em francês, o que foi enunciado em crioulo.

3. CAPÍTULO III - A constituição do sujeito enunciador

Este capítulo será dividido em duas partes. Na primeira, buscaremos abordar a questão do entrecruzamento de enunciadores, a partir de um levantamento das várias pistas enunciativas de CSM (sobretudo, aquelas que marcam a constituição e/ou camuflagem do enunciador-narrador, no decorrer da narrativa).

Num segundo momento, tentaremos analisar e descrever, num grupo de enunciados (alguns já mencionados no Capítulo I e II), traços de *operações enunciativas* relativas à *modalização* (asserção, reformulação, apreciação e ênfase) e à *determinação* da pessoa. Serão consideradas, basicamente, as marcas do *EU* enunciador no quadro de uma alteração enunciativa, a partir do *NÓS* de percurso, nas relações intersubjetivas, e o jogo enunciativo entre $\mathcal{S}_0$ e S_v(sujeitos primitivos).

Para ilustrar as abordagens desses temas retomaremos o esquema de *retalhos de histórias*, proposto no Capítulo II desta pesquisa, completando-o com dados mais específicos relativos ao quadro enunciativo e sugerindo ainda outros quadros e esquemas.

A partir dos resultados obtidos com o estudo deste capítulo retomaremos alguns aspectos abordados nos Capítulos I e II, relativos à constituição do enunciador em CSM, especulando sobre até que o estudo dessas **operações** contribuiu (ou não) para viabilizar uma leitura não só interpretativa, mas também operacionalizada, da escritura de CSM.

3.1. QUAL(IS) O SUJEITO(S) ?

O excesso de pistas enunciativas (uso de mais de um código lingüístico, de diversos signais de pontuação, de diferentes caracteres e tipografias, referência à datas e pessoas (algumas ainda vivas), de citações, a intervenção da língua crioula e a (des)estruturação lingüística, assim como o próprio *anexo*, que inclui reportagem e foto sobre o Grande Mercado de Fort-de-France), presentes tanto no funcionamento meta-textual quanto no funcionamneto discursivo da escritura de CSM, constitui um efeito de enunciações em cascata.

A *mise en scène* dos personagens e o entrecruzamento de vozes funcionam, em CSM, como uma espécie de máscaras sobrepostas através das quais o sujeito *scriptor* filtra as suas representações do mundo francês e do mundo crioulo.

A crônica dos sete "biscateiros" de feira (*djobeurs*) é apresentada segundo o ponto de vista de um dos sete personagens *djobeurs*, cujas palavras são *marcadas* e *co-localizadas* a partir da abreviação **P.C.** (CSM:7), instância que assume o papel de STs (enunciador-scriptor-tradutor). Um *NÓS* de percurso (dissimulado nas pessoas dos sete *djobeurs* e de outros personagens) se dirige a um *VÓS VOCÊS* (caracterizado, alternadamente, pelo discurso do enunciador- narrador como: um *interlocutor-previsto*, um *interlocutor-personagem*, um *interlocutor-virtual*, um *interlocutor-Outro*, ou ainda como uma *instância apelativa de interlocução fictícia* (nas variações do dos apelativos: "senhores" e "senhoras", "Senhores e damas da companhia" "Senhores e senhoras", "Senhoras e senhores"), numa situação de enunciação que apresenta nuances de ambigüidades, em vários níveis do percurso meta-textual e discursivo.

Nesse caso, o efeito causado pelo emprego expressivo dos apelativos, em CSM, é o de uma marcação do apelo interlocutivo do discurso do enunciador, e não, necessariamente, o da caracterização de uma distinção hierárquica entre um *EU* e um *TU* (como ocorre no funcionamento dos pronomes *tu* e *vous* na língua francesa, por exemplo).

É a partir da asserção e da reformulação contínua das enunciações, postas em cena pelo narrador, se marca, nas redes enunciativas complexas de CSM, a intenção do sujeito enunciador de constituir sentido, justamente, na *ambigüidade* de um discurso enunciado entre fronteiras.

3.1.1. Entrecruzamento de enunciadores

> [...] Notre **clan** se composait de **cinq grands maîtres: Didon** [...], **Sifilon** [...], **Lapochédé** [...] et **Sirop** [...]. Autour de nous gravitaient **deux apprentis**: **Bidjoule** [...] e [...] **Pipi** [...].
>
> (CSM:65, **negrito** nosso)

A partir de um **Eu** do narrador, que se faz ponto de partida de um percurso conflituoso, um **Nós** ($\mathbf{S_1}$) se faz mostrar como *co-localizador* constitutivo sob um conjunto de máscaras que se entrepõem à voz do enunciador narrador.

Embora o narrador (**SN**) constitua o ponto de partida do percurso narrativo, seu

papel é revezado com outros personagens (SNP.,SNP,SNP), os quais assumem, em alguns momentos da narrativa, a responsabilidade do que é enunciado.

> [...] **Pipi tenant la parole d'elle** [Man Elo] **nous** conta **cette** époque de sa vie.[...]
>
> (CSM:151, negrito nosso)

Há, assim, em determinadas situações, um combate de modalizações, entre aquilo que é enunciado pelos SNP (personagens-narradores) e o que é assertado pelo enunciador narrador.

> [...] Et **vous** pouvez **me** croire **car c'est la vérité**, elle va être **la première** femme de laghia du pays, on n'aura **jamais** vu **ça...(Eh oui, mésié-zé-dames, voilà comment débute incidemment le malheur des gens.)**
>
> (CSM:97, negrito nosso)

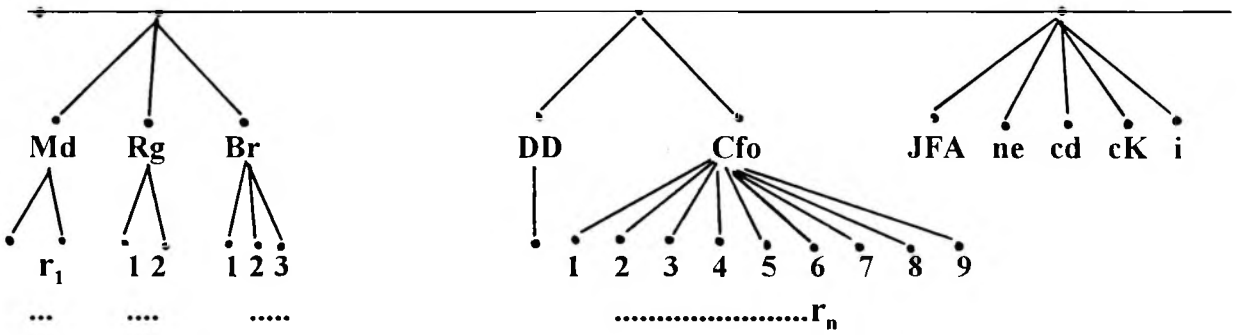
As representações estocadas do sujeito enunciador de CSM resvalam através no efeito de pluralização de discursos: o discurso do enunciador-narrador, o discurso das personagens co-narradoras (Pipi, Mãe Goul, Elmire, Mãe Elo, Afoukal), o discurso da memória popular (os cantos, os ditos, os rumores, as "palavras", os provérbios, os casos antigos, os gritos), o discurso do jornalista e do etnógrafo, o discurso antilhano, o discurso ficÇão e o da crioulidade.

3.1.2 Distribuição de vozes
(proposta de esquemas e quadros)

Retomando o Esquema II dos *retalhos de histórias* de CSM, podemos observar que esse romance se constitui a partir de *retalhos* de histórias, como uma espécie de mosaico que compõe um todo diversificado, já que a enunciação desses retalhos é, em alguns momentos, marcada pelas *palavras* atribuídas a outrem.

Esquema II:

INSPIRATION	*EXPIRATION*	*ANNEXE*
(*Première partie*)	(*Deuxième partie*)	(?)
(9-112)	(113-213)	(215-221)



O *scriptor* recolhe *rumores*, *ditos*, *casos e contos antigos*, *retalhos da crônica oficial*, os *mitos*, as *informações* (*palavras* heterogêneas) e as *marca*, constituindo um discurso.

Retomando e completando o Quadro II, também proposto para o esquema dos *retalhos de histórias* no segundo Capítulo desta pesquisa, podemos observar como o enunciador recorre à diversas estratégias para marcar ou camuflar sua posição como origem do discurso, *co-localizando* ou *refratando* a existência de um conflito lingüístico.

Quadro III-a:

Mère et dorlis			
Retalhos		**estratégias-MCC/MRC**	**págs.**
Md	**RFD**	"Messieurs et dames de la compagnie,[...]"	13
	RPP	"Bête longue*"	18
	"	"fouté likan* [...]"	20
	"	"béké*"	24
	"	"couli*"	26
	RFD	"Messieurs et dames de la compagnie"	26-27
	"	"[...] **disait la rumeur"**	26
	"	"engagés*"	29
	"	"chabin*"	31
	"	"haine ancestrale*"	32
		[...] Le chant des chiens [...]. ***C'était le chant des chiens.***	32-33
	RFD	***La reine [...]***	34-48
	"	" [...]Sainte Madonne de la Jossaud,[...]"	42
	"	" "[...] **était selon la rumeur** [...]"	44

Abeviaturas:

MCC=marcador co-localizador do conflito
RPP= referência em pé-de-página
MRC=marcador refrator do conflito
RFD= referência no fio do discurso

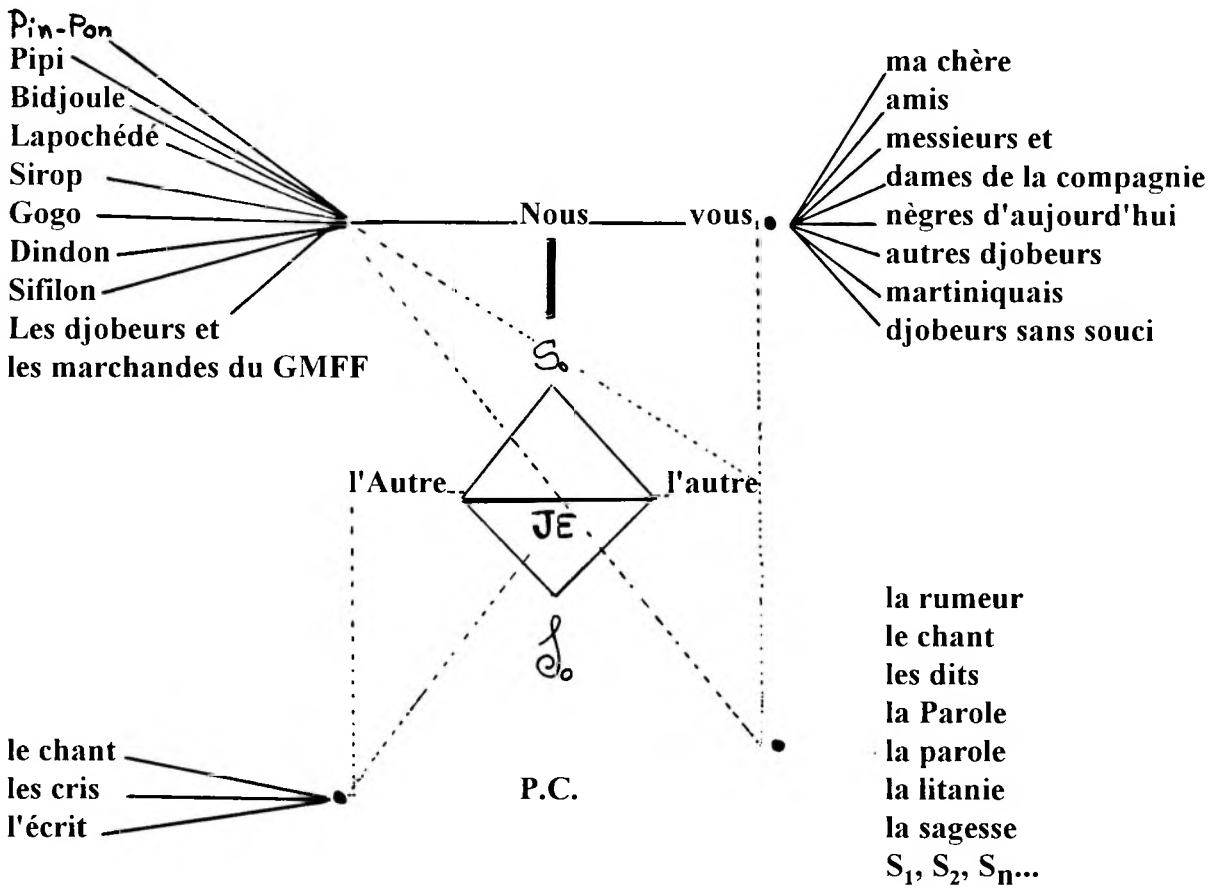
Quadro III-b:

Robert et Guerre			
Retalhos		**estratégias-MCC/MRC**	**Pág**
Rg	**RPP**	"Robert*"	46
	"	[...] ***Dit de Pipi sur la vie de Clarine, future mère oublieuse.[...] C'était le dit.***	49-53
	"	"zoclik*	59
	RFD	"**d'après la parole** [...]"	60
	"	***[...] (Voici le milan* sur Ti-Joge, futur facteur. [...] C'était le milan que vouz savez.)***	60-62
	RPP	* Information (informação)	

Através desses dois primeiros quadros podemos constatar que além da escritura de CSM ser composta como uma espécie de mosaico, as referências marcadas com asteriscos (*) remetem à uma nota de pé-de-página *marcam e refratam*, alternadamente, parte da cadeia discursiva. Assim, o enunciador desempenha dois papéis, em duas situações de enunciação: há o momento da enunciação do enunciado marcado por asterisco e o momento da reformulação daquilo que foi enunciado. Neste caso, a comunicação é garantida pelo desdobramento do $\mathfrak{J}$(sujeito origem) em STs (co-enunciador- tradutor-scriptor).

O sujeito **Nós** tanto modaliza quanto introduz *discursos relatados* no decorrer da narrativa e nas referências de pé-de- página (cf.CSM:117). Além disso, a própria menção que o enunciador faz aos discursos de outros personagens produz o efeito depluralização das redes enunciativas.

Esquema III:



O **Nós** do narrador, em CSM, se dissimula entre os sete *djobeurs* do mercado, e ainda entre vários outros enunciadores que assumem, em determinados momentos, o papel de narrador.

O enunciador organiza seu discurso buscando reverter a posição de Um **Eu**, ao atribuir sua enunciação a outrem. No entanto, são as marcas das operações que esse enunciador realiza quando visa produzir sentido, entre interlocutores, que nos possibilitam constituí-lo como o (des)organizador de seu discurso.

Quadro III-c:

Bombance d'après-guerre: le roi

Retalhos		Estratégias-MCC/MRC	Pág
Br	**RFD**	**"La parole disait qú**[...]"	67
	"	**"la parole d'Elmire** [...]	68-70
	"	**"la rumeur montait** [...]	69
	"	***[...] Voici la rumeur sur l'araignée-prodige. [...] C'était.***	71-74
	RFD	"Messieurs et dames [...]"	72
	"	[...] ***Pipi, roi des djobeurs, mi.[...] Donc:*** **[...]**	75-85
	RPP	"cris du djob*	76
	RFD	**"La rumeur avait couru qú** [...]"	77
	RPP	"forêt de flammes*	81
	"	"Béhanzin**	81
	"	"échapée-couli*	85
	RFD	"[...] **qui proférait la sagesse"**	86
	RPP	"major*"	88
	"	[...] ***(Quart de mot sur le père d'Anastase.[...] C'était le quart de mot.)***	87-95
	RPP	**chant de Kouli***	91
	RFD	"Ce soir là, dit Man Goul"	92
	"	**"Il est dit que [...]"**	94
	"	"(Eh oui, mésié-ze-dames, voilà comment débute incidemment le malheur des gens...)"	97
	"	"[...] **nous précisa Man Goul."**	98
	"	"Sachez, **vous djobeurs sans souci** [...]"	103
	"	"Messieurs et dames [...]	106

Quadro III-d:

Département, Département			
Retalhos	**Estratégias-MCC/MRC**		**Pág**
DD	**RPP**	**"(Français par un coup de loi*)"**	117
	RFD	" Messieurs et dames de la compagnie"	117
	RPP	"BUMIDOM*"	118
	"	"haute-taille*	119
	"	***[...] Bidjoule en dérapage.[...]***	120-123

Quadro III - e:

Coup de fièvre d'or			
	RFD	**"Une rumeur fantastique que les vieux détaillerent *[...]*"**	130-131
	RPP	"marronnage*	133
Cfo	"	***[...] (Ce qui dit la rumeur sur Afoukal l'esclave-zombi.[...] sacrée manman de la rumeur...) [...]***	126-133
	"	***[...] (Les dix-huit paroles rêvées qúAfoukal lui [à Pipi] offrit.[...].C'étaient les les dix-huit paroles rêvées qúAfoukal lui offrit. [...]***	133-148
	RFD	"Messieurs et dames *[...]*"	149
	"	**"Pipi, tenat la parole d'elle [Man Elo] nous conta cette époque de sa vie.*[...]*"**	151
	"	**" La rumeur disait que Pipi *[...]*"**	155
	RPP	"rastas*"	156

Continuação do Quadro III-e:

Coup de fièvre d'or			
	"	*[...] Ancrage dans la clarière maudite.[...]*	154-164
	"	*[...]Migan d'amour avec Marguerite Jupter.*	164-169
	"	*[...]Le jardinier-miracle.*	169-178
Cfo	**RFD**	" Messieurs et dames [...]"	172
	"	*[...] Glissade sans calage. [...] Ainsi,[...].*	178-183
	RFD	"Mesdames et messieurs [...]"	172
	RPP	"Saint Pierre*"	184
	"	*[...] Rats, fourmis et marchandes-zombis.[...].*	183-191
	RFD	"Or, mesdames et messieurs, [...]"	185
	"	**" [...] dit la rumeur"**	188
	"	**" Une rumeur parlait de [...] "**	191-192
		[...]Piments d'enfer, chaud-chaud! [...]	192-201
		[...]Feu de coeur avec une femme des nuits.[...]	201-206
	RFD	"Mais mesdames et messieurs, nous l'avons déjà vu, le destin recèle maintes cruautés pour les insouciants des règles de la mesure.[...]"	206
	RFD	"*[...] (La fin tragique du dorlis.[...] Seigneur, je ne suis pas digne de Te recevoir, mais dis seulement une parole et je serai guérie Laissez-moi prier.*)	206-207
	"	*[...]La jarre émerge. [...]*	207-212
	RFD	**"La rumeur disait que [...]"**	212
	"	"Messsieurs et dames bonsoir - [...]"	213

Quadro III-f:

Annexe			
RAN	**JFA**		217
	NE:	"Aujourd'hui: plus un seul djobeur dans le marchés de Fort-de-France. [...] Ceci pour **vous dire, amis**,[...]: seul l'ethnographe [...]	217
	CD:	"Indicatif de [...]. **Ce cri veut dire:** [...]	219
	CK:	"LA CHANSON DE KOULI (père d'Anastase)"	221

A partir dos quadros e exemplos, aqui apresentados, vimos que o entrecruzamento de enunciadores, em CSM, começa com a própria distribuição de vozes que o enunciador *scriptor* introduz em seu discurso.

Na verdade, o quadro enunciativo dessa escritura é muito mais complexo do que a heterogeneidade que se percebe na superfície dos enunciados, principalmente se essa problemática for remetida aos discursos de quase uma centena de enunciadores que compõe o quadro enunciativo de CSM.

Através dos *rastros das operações*, realizadas pelo *enunciador narrador*, tem-se a amostra de algumas das nuances que recobrem as redes enunciativas de CSM.

3.2. RASTROS DE OPERAÇÕES

> [...] Man Goul lui **dit tout, sans trop comprendre** l'émoi de notre homme. **Oui** elle a tel âge, **non** elle n'est pas mariée, **elle vend** des sucreries, **aux** enfants **de l'**école Perrinon **durant la** récreation, **oui** elle est logée chez **moi** il y a longtemps, **maintenant** elle vit **seule, seule, oui seule, tu ne comprends pas seule?**...**De Morne-aux-Goeulles, elle vient de** Morne-aux-Gueulles...
>
> (CSM:86)

Mesmo na heterogeneidade das redes enunciativas que caracteriza a escritura de CSM, o sujeito enunciador deixa, na superfície dos enunciados, um conjunto de traços de operações da sua atuação como (des)organizador do discurso.

Realizadas a partir de uma *situação de enunciação*, que implica em arranjos e ajustamentos travados entre um *Nós* e um *Vós/Vocês*, as *operações enunciativas* relativas à relação S.. na escritura de CSM, desembocam numa série de outras operações. As mais transparentes são aquelas que determinam o **tempo da enunciação** e a **pessoa**. Há, ainda, as operações relacionadas ao **aspecto, quantificação (qualificação)**, à **modalização** e à **tematização**.

A relação estabelecida, as operações que integram conjunto das **operações enunciativas** é complexa.

Na verdade, todas essas operações encontram-se, de certa forma, mais (+) ou (-) inter-relacionadas sem que haja, necessariamente, uma hierarquização entre elas.

Em CSM, o funcionamento dessas operações encontra-se, na nossa opinião, bastante marcado pela questão da *diglossia*, já que a enunciação se realiza na fronteira de dois sistemas lingüísticos.

De qualquer forma, pudemos observar (até aonde não interferia a nossa falta de competência lingüística do crioulo), em CSM, alguns *rastros* dessas operações.

Os rastros de operações de *determinação*, por exemplo, aparecem, no discurso do enunciador narrador, sob a forma de um investimento na relação $S_0 \leftrightarrows S$. , sobretudo pelo uso de *pronomes* e de *artigos* que reforçam e validam a representação que o interlocutor constrói dos nomes e dos enunciadores, numa *situação de enunciação*.

> Au retour de la messe, elle [Man Paville] l'accompagna dare-dare chez **le <<Syrien>>**, propriétaire des appartements voisins.[...]
> - Alors **la Syrie**, comment ça va **ce** matin? dit Man Man Goul.[...] **La Syrie était libanais**.[...]
> - C'est que je viens d'arriver, **Monsieur la Syrie**, dit Héloïse.
>
> (CSM:33-34)

Implicando em contínuos ajustamentos de sentido entre interlocutores, as noções postas em cena, à cada enunciação, resultam de uma série relações (entre os campos aos quais pertencem essas noções) intersubjetivas.

3.2.1. Nuances do ponto vista *spatio-temporal*

> "[...] Les deux femmes [Anastase et la surveillante] **dînaient en tête à tête** à la lueur de l'ampoule **du minuscule réfectoire**. Elle [Anastase] **doit y être**, **ou** elle **n'y est plus**, quelle importance? [...] (**Adieu Anastase**, dans les coeurs incendiés **subsiste** la moelle des cendres)."
>
> (CSM:195, **negrito** nosso)

A flexão verbal, em CSM, é marcada pelo uso expressivo do *Imperfeito* + *Pretérito* (fr. *Passé Simple*), que caracterizam o momento dos acontecimentos da época dos três mercados de Fort- de-France (carnes, peixes, legumes) e pelo *Presente* do indicativo, que marca o *aqui-agora* da situação de enunciação.

As outras flexões verbais que aparecem na superfície dos enunciados (como por exemplo; o mais-que-perfeito, o futuro, o gerúndio, o subjuntivo...) dizem respeito aos acontecimentos que estabelecem uma relação, de *anterioridade, posterioridade ou simultaneidade* com o momento da época do mercado, que é o ponto de partida, ou com o momento do *aqui-agora* do narrador, que é o co-localizador constitutivo $\mathfrak{J}_0$.

Há entretanto, situações em que o desenrolar do acontecimento é cortado por um tipo de ruptura entre o discurso do *aqui-agora* do SN_0 e o *aqui-agora* SNP.

> [...] des *marchandes-traficantes*. **Ces dernières exposaient un étonnant fouillis de restes d'usines** (moussache, chandelles, bougis, [...], huile, batterie, clous et fils de fer **et tout ce que tu veux tu le demande à moi...)**.
>
> (CSM:43, **negrito** nosso)

NÃO SABE USAR AGENTO INDICADOR DE CRAZE.

Apesar do enunciador fazer referência à datas, onde o enunciador marca um intervalo na cadeia de acontecimentos ("forêt de flammes*", RPP: "Grand incendie de Fort-de-France, le 22 juin 1890" , CSM:81), ou do uso expresso de advérbios dêiticos, que determinam o momento do desenrolar de um processo ("Ce soir là [...]", "Un dimanche soir [...]", "à une heure de la lune [...]", "le lendemain [...]", "à la pointe du pipiri [...]", "Aujourd'hui [...]", CSM:92, 165, 202, 185, 217...), os *retalhos de histórias* não se encontram marcados linearmente; o tempo passa e repassa.

Além disso, encontramos na própria escritura referências sobre a organização spatio-temporal do romance:

> "[...] **Le temps passait**, passait, passait, il passait **tellement** que **souvent** il **repassait**."
>
> (CSM:170-171, **negrito** nosso)

> "[...] **Ô cette époque!** [...] Notre clan se **composait** de cinq grands maîtres: [...], **nous nous disputions**,[...] **nous préparions** [...], **nous nous crûmes** immortels! [...] **nous utilisâmes** [...], **nous n'eûmes** même pas [...]."
>
> (CSM:64-66, 76, 79, **negrito** nosso)

> [...] Emma, qu'un **prochain** cyclone **devait emporter** avec le toit de sa case. **ne** la [Clarine] **revit jamais** (Adieu Emma ma chère, ta tombe, **sais-tu? est** au sanctuaire des vents - **mi** désarmement, **mi**)."
>
> (CSM:52, **negrito** nosso)

Assim, entre o tempo do S_0 (T_0) e o tempo dos personagens, dos locutores e dos interlocutores há várias rupturas, através das quais, aliás, se produz o efeito de realidade, na simulação das enunciações em CSM.

> [...] **Mesdames et messiers**, Marguerite Jupter lui balança **ce que les nègres appellent un** palaviré.
>
> (CSM:182)

Quando a enunciação dos SP_m são marcadas pela modalização do SN (enunciador-narrador), essas rupturas são validadas e atualizadas como intervalos de acontecimentos que se desenrolam no *aqui* e *agora* da enunciação do SN. ,e não do SP.

> [...] **Quand aujourd'hui**, dans l'apre effort qúexigent **ces souvenirs, nous revoyons cette** bombance **d'après guerre**, une ombre **nostalgique nous parcours**: **Ô bonne saison de marché!**"
>
> (CSM:112, **negrito** nosso)

Às vêzes, o enunciador narrador marca um intervalo que determina o momento em que se desenrolam os processos e, em seguida, desfaz essa refêrencia:

> "[...] **En ce temps-là**, des jeunes tombés de politique **affrontaient** les policiers. [...] Cerné de fourmis et de rats [...] **dans une déilé d'événements sans marcage**, [...] nous **avions depuis longtemps chuté** du calebassier de l'éxistence.[...]"
>
> (CSM:195-196, grifos nossos)

Outras vêzes, O **SN** (enunciador-narrador) co-localiza um dado acontecimento no passado, põe em cena o tempo dos personagens, marcando-o em relação ao *aqui* e *agora* da instância narrativa e deixando, no enunciado, os traços da operação de *determinação* do momento e dos deslocamentos.

> "[...] **Aujourd'hui** dérisoire, **tout cela nous permit desurvivre quand** d'autres nègres **basculaient** sans remède".
>
> (CSM:75, **negrito** nosso)

3.2.2. Eu + eles = Ele

Através da operação de *determinação* o enunciador visa um percurso e uma localização das noções num campo determinado, avalia (positivamente ou negativamente), homogeniza (ou generaliza) ou diferencia, marcando o nome determinado com uma certa *modalização*.

Em alguns enunciados de CSM, podemos observar, por exemplo; através dos artigos ou pronomes que determinam os nomes, que o funcionamento das relações que se estabelecem entre os determinantes e os nomes determinados permitem que o interlocutor construa uma representação das noções (veiculando-as à avaliação do enunciador). Vejamos alguns rastros dessas operações:

1) De "**Os** *djobeurs*" ao **Nós** *djobeurs*

a) **Nous** djobeurs (CSM:13, 42, 47)

b) **Les** djobeurs (CSM:83, 124)

c) **Nous mêmes** djobeurs (CSM:41, 151, 185)

d) **Nous mêmes** (CSM:65, 75, 79, 82)

e) **Nous maître** djobeurs (CSM:66, 112, 120, 190)

f) **Nous, les maîtres** (CSM:67)

g) **Notre clan** (CSM: 65, 76)

h) **Nous autres** djobeurs (CSM:35, 77)

i) **D'autres nous mêmes** (CSM:69)

j) **Nous maîtres** djobeurs **blanchissants** (CSM:120)

k) **plus un seul** djobeur (CSM:217)

2) Pipi: "**O** rei e "filho de **fantasma**"

a) **le meilleur** de tous [...] de tout temps (CSM:14)

b) **notre** futur roi (CSM:42)

c) **notre** compère (CSM:72, 103, 120)

d) **le grand maître** de la brouette (CSM:76)

e) **notre nouveau** maître (CSM:80)

f) **le roi** [de la brouette] (CSM:14, 86)

g) **notre** homme (CSM:103)

h) **le** maître-djobeur (CSM:110)

i) **le grand maître** auquel nous nous identifions (CSM:112)

j) **l'ancien roi** des djobeurs (CSM:160, 176, 205, 210)

k) **un** papa-quimboiseur (CSM:157)

l) **Le maître** de céans (CSM:179)

m) **le** fils de dorlis (CSM:212)

Nestes exemplos, acima, a partir da operação de *determinação* outras relações se estabelecem entre as noções, como por exemplo; a de *designação* e de *modalização*. Os valores referenciais relativos às noções *djobeurs* e *Pipi* se formam pelo investimento *qualitativo* que reforça e marca o processo da constituição do sentido que essas noções veiculam, nas diferentes ocorrências, através do discurso do enunciador de CSM.

Um outro exemplo significativo, onde a operação de *determinação* constrói um campo, mais ou menos homogêneo, de representações das noções, pode ser observado nestes enunciados que se seguem:

> **Pleurez, disait-elle**, [Elmire] [...] **les** Yagha **du** cap Horn [...], **les** Xeta **du** Brésil,[...] Pleurez, **les** Jora de Bolivie, **les** Peuls [...], **les** Toubous, **les** Touaregs du Sahara, [...] **aa pleurez**, **les** Boshimans **des** sables Kalahari.[...] Pleurez, vomis d'afrique, **les** Malinké **du** Sénégal, **les** Yoruba **du** Dahomey, **les** Pygmées **du** Gabon [...], **les** Yamu **du** Kenya [...] **Mettez pleurer à terre sur les** Aïnu **des** îles Hokkaido [...] Pleurez, **les** Saramacas **des** Guyanes, **les** Kanaks calédoniens, **les** derniers Caraïbes. [...] **Roye pleurez ces promesses assassinéé**[...] votre malheur en semailles!
>
> (CSM: 192, **negrito** nosso)

> **Les** Congos, capturés [...] Mais il y a eut aussi: **les** Nagos, **les** Bambaras, **les** Aradas, **les** Ibos et **les** Mines. [...] **les** Hriambas, **les** Sosos, **les** Tacouas, **les** Moudongues, **les** Cotocolis.[...]
>
> (CSM: 133)

O enunciador faz uma série de referências à tribos e povos capturados, na época da escravidão. Os artigos definidos *homogenizam* as noções, determinando uma classe de nomes de povos e tribos cujos valore referenciais tornam possível agrupá-los numa classe determinada.

> [...] **Or**, **le meilleur de tous** fut de tout temps **Pipi**, maître-djobeur, roi de la brouette, coqueluche des jeunes marchandes et fils de toutes les vieilles. Calebasse majeure, il recueillit en lui les bourgeons et la pulpe, **et, comme une seule mangue dit les essences de l'arbre, ce qúil fut nous le fûmes. Donc, manmaye ho! parler de nous rend inévitable et juste de vous parler de lui...**
>
> (CSM:14, negrito nosso)

3.2.3. ELE = EU

As operações realizadas pelo $\mathcal{S}_0$(enunciador origem) que se mostra, em CSM, através de um *Nós* de percurso, apresentam, em algumas situações, uma ruptura na relação estabelecida entre essas duas instâncias e o interlocutor. Isto porque o *Nós* mantém uma certa estabilidade nas diferentes ocorrêcias sucessivas, enquanto o *Eu* se altera à cada enunciação.

Assim, embora haja uma operação sobre o **Nós**, que desfaz e refaz a cadeia discursiva, mantendo a uma estabilidade através das várias enunciações, há uma ambigüidade enunciativa que encobre a enunciação em curso no momento em que o enunciador reformula, como **Um** (**Eu**), o que é atribuído ao **Nós** (sujeito do enunciado).

> [...] **Messieurs et dames de la compagnie**, à mesure que passait le temps, les avions et bateaux **de France** augmentaient.[...] de libres services, supermachés, auprès desquel **les nôtres** faisaient **triste figure**. Le peuple des établis, **tout à la joie** d'avoir été **sacré membre du grand pays (Français par un coup de loi *),[...]**
>
> (CSM:117, **negrito** nosso)

O uso do asterisco (*) e do parênteses () marca o momento em que o enunciador introduz uma avaliação sobre o acontecimento e reformula o discurso, modificando a *situação de enunciação*, como podemos observar, a seguir, no enunciado que corresponde a *referência de pé-de-página* relativa ao enunciado marcado pelo asterisco (*):

> ***Les djobeurs** évoquent **ici** la loi nº 46-51 du 19 mars 1946 <<**tendant au classement comme département français de la Guadeloupe, de la Martinique, de la Réunion, de la Guyane française**>>.*
>
> (CSM:117: nota de pé-de-página, *negrito* nosso)

Nesses enunciados, acima, as situações de enunciação (relativa à relação $S \rightleftarrows \mathcal{S}_0$) são as seguintes:

1) o sujeito primitivo delega a intância enunciativa a um narrador

$\mathcal{S}it$ = **[S_0 = SN (nós)], SN = S_1------Ip (vocês),**

2) o enunciador *marca* seu ponto de vista sobre o acontecimento

$\mathcal{S}it$ = **[S_1 = $\mathcal{S}_0$(Eu)], S_0 = S_1 ----------Ip (vocês),**

3) o enunciador *reformula* a enunciação do personagem

$\mathcal{S}it =$ **[S_0=$\mathcal{S}\mathcal{T}s$(Eu)], $S_0 \omega S_1$ ----------Iv (vocês leitores)**

4) o enunciador inclui o *outro* em seu discurso pela citação

$\mathcal{S}it =$ **[S_1= S_0/A (Eu/Outro)], $S_0 \omega S_1$---------Iv (vocês leitores)**

3.3. EU = ISTO/ISSO (*marcação* e *refração*): uma ambigüidade operatória?

Na heterogeneidade discursiva, ou na sua intenção ambígua, o sujeito da enunciação se dispersa texto dentro para se constituir nos efeitos de sentido das operações enunciativas complexas que marcam o percurso de seu discurso.

> **Il faut dire qú**après **ces** événements **nous** la perdîmes de vue. [...] **Il est dit que** [...]. **On dit aussi qú**[...]. **On dit enfin que** [...].
> (CSM:201)

O jogo referencial feito através das estratégias discursivas (ou ainda, por elementos para-lingüísticos) é cruzado por um outro jogo paralelo, no fio do discurso, cujo mecanismo parece fazer o valor da referência desembocar na *cadeia de significantes*, fabricando um efeito de sentido que se constitui também em forma de discurso *mostrado*.

> En un **flap flap** de temps, sans qúil n'y comprenne **hak**, il [Pipi] était devenu une fois **encore** la référence **majeure** des organisations anticolonialistes du pays.
> (CSM:176, negrito nosso)

> Redoutant **une terrible nouvelle** à propos de Pipi, **nous nous précipitâmes en hurlant: BLOGODO!..., seul exorcisme valable** contre les coups du destin.
> (CSM:192, negrito nosso)

Oriundo de um contexto de diglossia onde o jogo com dois sistemas lingüísticos movimenta a constituição do sentido, CSM propõe o discurso de um *Nós* à um *Vós/vocês* reivindicando, entretanto, a posição de um *Eu* como enunciador, através da complexidade que caracteriza as redes enunciativas.

> [...] A la disparition de Pipi, la douleur **nous** a mis en grappe, comme **nous le sommes maintenant**, **incapables du Je, du Tu**, de distinguer les uns des autres, dans une survie collective et diffuse, sans rythme interne ni externe.[...]
> (CSM:212, negrito nosso)

Tão logo as *marcas* do enunciador são camufladas, em diferentes situações de enunciação, um movimento paralelo, no fio do discurso, se encarrega de co-localizá-las. Sobra na superfície lingüística o reflexo desse movimento conflituoso, onde o sujeito se marca como *isto/isso* (se pensamos na conceituação lacaniana).

> [...] - Pourquoi faites-vous cela, monsieur Pipi? - **Anpa save**.j'ai toujours fait comme **ça...**
> (CSM:179, negrito nosso)

Caracterizamos esse efeito como **refração** no sentido em que a existência do conflito provoca uma mudança no movimento discursivo. A definição etimológica deste termo nos fornece outras pistas: *"uma mudança de direção de uma onda, que passando através de uma interface que separa dois meios, tem, em cadaa um deles, diferente velocidade de propagação"* (cf.Aurélio, 1975).

O sujeito da enunciação, na situação de diglossia representada em CSM, busca dissimular as pistas de sua inscrição como origem do enunciado produzido, camuflando-se e revelando-se, alternadamente, através de diversas operações (lingüísticas e/ou para-linguísticas). Contudo, nesta forma heterogênea de *marcar* o seu dizer dividido, pelo conflito de diglossia, o sujeito da enunciação se constitui como tal. Nesta perspetiva, podemos falar de *marcação* e *refração* como uma *ambigüidade operatória*, na medida em que é o próprio efeito de ambigüidade que produz na escritura, se refrata como sentido visado-produzido-reconhecido.

Assim, o *sujeito do desejo* deixa também traços de sua atuação no enunciado, através dos jogos de palavras, momentos espécificos de pulsão para a intervenção da língua materna, uso expressivo de pontuação...), embora ele não possa ser inteiramente desvendado.

REFLEXÕES FINAIS

Da literatura da oralidade à *oralitura*: escritura da possibilidade da transgressão. da afirmação do *contador de casos*, CSM transita entre a representação de uma diglossia que se *auto-refrata* e de um discurso que se *marca*, enquanto questiona o percurso dessa enunciação entre dois sistemas lingüísticos.

Ao transitar entre duas línguas o enunciador, na escritura de CSM, busca constituir-se dessa forma dilacerada, escapando, alterando, (des)estruturando, não só o funcionamento do seu percurso gráfico como também o seu percurso discursivo.

Inspirados por uma referência do enunciador à problemática enunciativa (CSM:212), na qual um **Nós** de percurso que se diz **"incapaz do Eu e do Tu"**, nós propusemos uma abordagem lingüística de parte das redes enunciativas, a relação $\mathfrak{s}_0$ e S.

Uma vez que o objetivo de nossa pesquisa não era o de desvendar toda a complexidade e nuances do quadro enunciativo de CSM, acreditamos que podemos avaliar alguns resultados obtidos.

Nossa análise e reflexão sobre o sujeito enunciador, em CSM, embora inspirada nas *operações enunciativas* e em outros conceitos da teria da enunciação de A.Culioli e de outros autores, buscou constituir um conjunto de aparatos teóricos que, ao mesmo tempo em que possibilitassem um estudo mais detalhado das redes enunciativas não negligenciasse a questão da diglossia.

Constatamos, com esta pesquisa, que muitas nuances do quadro enunciativo dessa escritura martiniquense encobrem operações que ultrapassam o quadro das *operações enunciativas*, indo desembocar nas *operações predicativas* (pensando na terminologia de A.Culioli). Algumas dessas nuances estão relacionadas, na nossa opinião, à própria situação de diglossia, como por exemplo; o funcionamento de discurso crioulo.

Não dispondo da competência lingüistica do crioula, nem de um estudo específico sobre a organização estrutural dessa língua (que aliás, ainda não encontra-se fixada na escrita), não nos foi possível abordar mais detalhadamente certas nuances das operações que integram o quadro das *operações enunciativas*, como por exemplo; verificar, nos enunciados crioulos, o funcionamento dessas operações.

Apesar disso, a hipótese principal de nossa pesquisa, relativa à existência de uma **ambigüidade operatória** marcada por elementos e/ou mecanismos **co-localizadores** e **refratores** do conflito lingüístico pode ser, até certo ponto, validada pelo resultado conseguido com o levantamento das diversas pistas enunciativas, das estratégias de organização, e sobretudo, da reformulação contínua que o enunciador realiza no seu discurso.

CSM, escritura caracterizada *romance*, pelo próprio *scriptor* e, ao mesmo tempo, *crônica* (no título), se abre a diversos tipos de estudos. Há, certamente, ainda muito a se dizer sobre as relações intersubjetivas dessa escritura. Ou talvez, quem sabe, nem tudo possa

ser desvendado, como, aliás, reitera o próprio enunciador de CSM:

> *Quant à nous, pour cette part de l'existence, permettez la discrétion: il n'est dit nulle part que l'on doive tout dévoiler.*
>
> (CSM: 75)

***Corpus*-amostragem** de enunciados* com elementos e/ou mecanismos **MCC (1) e MRC (2)**

1a. [...] le gardien municipal dut faire appel à la police, **puis** à l'archevêque, **puisque ce sont** des zombis **je** vous dis...

(CSM:188)

2h. En un **flap flap** de temps, sans qúil n'y comprenne **hak**, il [Pipi] était devenu une fois **encore** la référence **majeure** des organisations anticolonialistes du pays.

(CSM:176)

1e. **Il faut dire qu**après **ces** événements **nous** la perdîmes de vue. [...] **Il est dit que** [...]. **On dit aussi qu**[...]. **On dit enfin que** [...].

(CSM:201)

1a. **Il est dit que** Kouli [...] ne souriait **plus**, s'irritait pour **rien**, répétait **souvent** que son coeur ne le ferait pas exploser, **car je suis pas un** colibri **moi**,[...]

(CSM: 85)

1a [...] à l'issue d'**une volte gracieuse**, il [Zozor] se désola **de devoir prendre** congé si vite **mais nous nous reverrons certainement**.

(CSM:107)

1e. [...] **Mesdames et messieurs**, Marguerite Jupter lui balança **ce que les vieux nègres apellent un palaviré**.

(CSM:182)

1c. **Messieurs et dames de la compagnie**, les trois marchés de Fort-de-France (viandes, poissons, légumes) **étaient**, pour **nous** djobeurs, les champs de l'éxistence. **Une manière de** ciel, d'horizont, de destin, **à l'intérieur de laquelle nous battions** la misére

(CSM:13).(grifos nossos)

2f. **Madame** Carmélite, **marchande sans histoire** en instance d'exil vers **la France où il n'y a pas de déveine**, se dressa sur son établi pour injurier les rats: *An landièt manman zot*!

(CSM:185)

2i. Les mots en voltige dans son crâne, il [Pipi] cherchait du **français**, seul le **créole** le venait.

(CSM:204)

2f/1b. Il [Ti-Joge] **détenait la parole et maîtrisait tout bonnement le français**. Clarine, **émerveillée**, l'écoutait réciter **les fables de La Fontaine** où il se puisait **une-deux** principes de vie.

(CSM:62)

2i/1b. **Contrairement** à ses soeurs, elle [Héloïse] put se rendre à l'école. **Ce fut un monde nouveau, hors de la réalité même**, où elle apprit à **lire et à écrire en français, langue insolite** qui **surprennait ses parents**. Fanotte exigea **là même** que sa fille l'utilise en s'adressant à elle, **et le respect alors?**

(CSM:22)

2i/1b. Félix Soleil, **par contre, ne semblait jamais pouvoir** s'en accomoder. **Cette langue** lui était **certes familier** (**c'etait celle** des gendarmes-à-cheval) **mais** il **ne** l'avait **pas** imaginée **dans sa maison**. Roulant **des gros z'yeux, il mamonnait donc des** ***Fanm fanm yin ki fanm ki an ty"ou mwen!***

(CSM:22)

1e. **Chaque jour**, **tendre comme** un coeur de coco, elle [Man Goul] **murmurait** à Anastase en l'embrassant: **Iche mwen (mon enfant)**, tu es **ici** chez toi-**même**...

(CSM:104)

1b/2i. **- Espèce de isalop mal-cochon chien makak, ich Man banse et ich kône, esse** que tu vas laisser ma petite-fille tranquille? En habitué de **ce genre d'agression**, le séducteur y fit face **calmement** et **sortit** à Man Goul **une tirade d'un français incompréhensible qui la figea sur place**; [...]

(CSM:109)

1b. **-Lisez ceci**, monsieur: en **maîtrisant ce vocabulaire et ces principes de base de l'agronomie**, vous pourrez **mieux** nous transmettre votre savoir... Pipi **lut et relut vainement ces textes ésotériques**. Marguerite Jupiter l'y aidait le soir, à la lueur d'une lampe à pétrole, en lui **prodiguant des conseils pour déchiffrer**.

(CSM:179)

2i. **Percevant vaguement le sens de la question**, Pipi **cette fois** oublia ses cheveux, **son français, sa tenue**, pour **souffler** rapidement:
- Ebyen misié limè, seti manmay la té fin, danne!...**Phrase** que le soir au journal télévisé, après un dossier sur le Loir-et-Cher, **le speaker de service traduisit par:** ***Monsieur le Maire, les enfants avaient tellement faim!...*** **C'est pourquoi** au marché, **durant une charge de temps, tout le monde** crut Pipi **docteur en langage de France**.

(CSM:178)

2i. - Cherche **d'abord le sujet du verbe, épi le complement d'objet direct...**

- Et puis ensuite? - Ensuite? Je sais pas moi, vérifie si le verbe est accordé au sujet...
- Et puis après? - Après après après, faut pas haler trop de sennes à la fois, **à l'école le maître** t'aurait **déjà** donné dix pour **ça**, s'énervait la chabine.

(CSM:179)

1c. Le mulet à peine parqué, Félix Soleil halait **une liane verte de ces brussailles qúen créole d'ici-là on appelle des raziés** [...] il s'élaçait, **saisi d'une rage anticipéé**, vers sa case **en gueulant le Se fanm-la mwen! (Femmes me voici!)** [...] [il] **hurlait** son **incapacité à admettre que** soixante-dix-cages puissent procurer quinze crabes, **tonnan di sô!...**

(CSM:18)

1c. **- Faites attention à moi, heim? bon! ... Puis** il s'en allait, **lançant son traditionnel: Bon Fanotte véyé sé ich ou-a! (Surveille tes enfants!)** à sa femme qui lui tendait sa **gamelle de morue frite-avocats-choux durs**

(CSM:16)

2h. Pipi, **toujours plus avisé que nous, utilisait pour lui répondre des mots d'énigme:**
- Ma commère, **ne nous amène pas de chaleur, ni le bois-vert à bailler les volées: nous épilons une chevelure amère...**
L'étudiante **n'y comprenait hak, rien de rien** [...]

(CSM: 119)

2i. **- Hein? Quoi? Kesse ti di misiè limè? (Que dis-tu?) Pipi grommelait. Bafouillait. Tentait de haler un bon coup de français. Rectifiait sa tenue.**[...]

(CSM:177)

2h. Quand **les nègres savants** s'inquiétaient de ses progrès, Pipi répondait: **Ça roule, ça roule, mais tout ce que qui est derriére le dos du verbe n'est pas le complément machin.**

(CSM:179)

1a .... qui **à ses heures perdues-pou si anka-se montait** un **petit cheptel** bovin dans les savanes **lamentioises**[...]

(CSM:50)

1a. Elyette **cru voir un ange**, ange **curieusementnègre, mais pour une petite négresse comme moi,qúest-ce que le bon Dieu aurait pu envoyer d'autre?**

(CSM:37)

1a. Le curé lui **intima l'ordre de sortir**. Phosphore **répondit au répresentant de Dieu** qúil **pouvais** aller chier **car le terrain est à moi, même si je vous ai laissé mettre vos machins dessus.**
(CSM:24)

1a. **Un silence de mauvaise qualité** recouvrait le marché
(CSM:44)

1b. -Tu sauras parler à la jarre, **mais la Belle te mangera...**
Nul ne savait à l'époque qúil résumait **ainsi** le destin de Pipi, **ni que jamais personne, même pas** Man Elo, **ne reverrait en plein jour sa hideuse silhouette**. (CSM:45)

2h. Quant à **nous**, pour **cette** part de l'existence, **permettez** la discrétion: **il n'est dit nulle part que l'on doive tout dévoiler**
(CSM:75)

1a. Il [Ti-Joge le facteur] **lisait les lettres** de ceux qui ne le pouvaient pas, **oui c'est ta fille qui t'écrit là et te dit que ça va, expliquait les imprimés administratifs qui nous nouaient le cerveau de leurs questions impossibles, on te demande ton âge...?**
(CSM:82)

1b. Le peuple des établis, **tout à la joie d'avoir été sacré membre du grand pays (Français par un coup de loi*), était** fier de **ces** vitrines **étincelantes, ces** rayons **interminables débordant de beautés**.
(CSM:117)

2j. Redoutant **une terrible nouvelle** à propos de Pipi, **nous nous précipitâmes en hurlant: BLOGODO!..., seul exorcisme valable** contre les coups du destin.
(CSM:192)

2j. **- Hé** Afoukal **mon zami**, si **tu** savais **ce** qui m'arrive **là, oh lalala, une belle espèce de femme!**
(CSM:203)

1a. [...] Le médecin légiste, **peu au fait des mystères de la vie, diagnostiqua un** cancer de la peau et une mort par infarctus...**(Seigneur, je ne suis pas digne de Te recevoir, mais dis seulement une parole et je serais guéri. Laissez-moi prier).** [...]
(CSM: 207)

2i. **Vous en donner cette version nous a fait un peu de bien, si vous venez demain vous en aurez une autre, plus optimiste peut-être, quelle importance?**
(CSM:212)

2i. A la disparition de Pipi, la douleur **nous** a mis en grappe, comme **nous le sommmes maintenant, incapables du Je, du Tu**, de distinguer les uns des autres, dans une survie collective et diffuse, sans rytme interne ni externe.

(CSM:212).

1a. Jocelyne **(toujours incapable de expliquer clairement où étaient passé moutons et boeufs)**, Félicité **(en une journéé c'est pas un petit trou d'igname seulement qúon peut faire, je te dis!)**[...]

(CSM:18)

1e. Alice et Adèle n'avaient pas été terrassées par **une Bête-longue*** [...]

** Pas de folie, ami: n'utilise que ce terme pour désigner le serpent...*

(CSM:18)

1a. Félix Soleil était mort:il avait rêvé, **disait la rumeur**, d'une dixième fille expédiée par Fanotte **depuis l'autre bord**, et son coeur n'a pas pu supporter la nouvelle **je te dis, alors il lui faut une fosse car missié l'abbé a dit bras-pour-aller- l'enterrement-à-cinq-heures.** [...]

(CSM:27)

1a. [...]*des marchandes-traficantes.* **Ces** dernières exposaient **un étonnant fouillis de restes d'usines**, de rebut d'entrepôts **(moussache, chandelles, bougies [...] et tout ce que tu veux tu le demande à moi...)**

(CSM:43)

2h. Pipi, **roi des djobeurs, mi**. Pipi et Bidjoule étaient **pour ainsi dire** à l'école du métier.

(CSM:75)

1a. Man Goul, commencçant à compreendre, **brusqua quelque peu les choses, car à mon âge Pipi le temps n'est plus à perdre, alors dis ce que tu as à dire...**

(CSM:103-104)

1c. **Nous, maîtres djobeurs, [...] Il faut dire que nous, les maîtres** [...]

(CSM:66-67)

1c. **Notre clan** se composait de cinq **grands maîtres** [...]

(CSM:77)

1c. Au retour de la messe, elle [Man Paville] l'accompagna dare-dare chez **le <<Syrien>>**, propriétaire des appartements voisins.[...]
- Alors **la Syrie**, comment ça va **ce** matin? dit Man Man Goul.[...] **La Syrie** était libanais.[...]
- C'est que je vviens d'arriver, **Monsieur la Syrie**, dit Héloïse.

(CSM:33-34)

1c. Pipi, qui ne l'avait pas vue **depuis longtemps**.[...]
- [...] Alors **demain**, au lieu d'aller te casser les reins chez **les Syriens**, tu iras au marché...

(CSM:57)

1c. [...] **On déclara qúil** avait fourni la preuve que l'indépendance était viable. ***France-Antilles*** **publia sa photo à cette place de choix généralement réservée aux violeurs et aux assassins**.[...]"

(CSM:176)

2g. [...] Instigados pelos apelos de **Papai-de-Gaulle (um 24 do mês de junho...), ele dirigiu-se a nós, a nós sim! a nós diretamente...)**, dezenas de bugres lançaram-se rumo à **França livre** sobre **yoles (barcos) temerários**, se entrepondo entre os bancos de areia e os encouraçados do Almirante, para combater em massa **o canal da Dominique e os Alemães sobre a outra margem.**

(CSM:47-48, nós traduzimos)

2g/1c. [...] **um Pétain Marechal nos** despachou **aqui-dentro um Almirante chamado Robert***, acompanhado de **Senegaleses e de outras castas de soldados**.[...]

* ***Os djobeurs evocam aqui Georges Robert, almirante, alto-comissário nas Antilhas francesas (1939) durante a Segunda Guerra Mundial.***

(CSM:47, nós traduzimos)

1b. **Cela** se sait **maintenant**: **l'Histoire** ne compte que pour **ce** qúil en reste: **au bout de celle-là** rien ne subsiste, **si ce n'est nous - mais c'est bien peu.**

(CSM:212)

1c. [...] **les** Yagha **du** cap Horn [...], **les** Xeta **du** Brésil,[...] **les** Jora de Bolivie, **les** Peuls [...], **les** Toubous, **les** Touaregs du Sahara, [...] **les** Boshimans **des** sables Kalahari.[...] **vomis d'afrique**, **les** Malinké **du** Sénégal, **les** Yoruba **du** Dahomey, **les** Pygmées **du** Gabon [...], **les** Yamu **du** Kenya [...] **les** Aïnu **des** îles Hokkaido [...] **les** Saramacas **des** Guyanes, **les** Kanaks calédoniens, **les** derniers Caraïbes.

(CSM:192)

1c. **Les** Congos, [...] **les** Nagos, **les** Bambaras, **les** Aradas, **les** Ibos et **les** Mines. [...] **les** Hriambas, **les** Sosos, **les** Tacouas, **les** Moudongues, **les** Cotocolis.[...]

(CSM: 133)

2h. [...] **Si personne ne comprit ce soir-là le vrai sens des paroles** du vieux nègre, **Kouli par contre fut touché en un mitan secret.**

(CSM:93)

1d. [...] **ce n'est que** se rendant à l'adresse indiquée, **toc-toc oui-oui qui est là? et que Man Goul lui ouvrit...! DOUX JÉSUS!...**[...]
(CSM:83)

1c. [...] Les ***Ba mwen lê, les Pin-pon-pin-pon...*** **tous nos cris de chiens ferrés** tonnaient.
(CSM:77)

1c. [...] **LES OS! LES OS D'AFOUKAL!** Pipi s'arrêta **flap**.
(CSM:208)

2j. [...] Pipi ne put répondre **hak** à la question (CSM:164)

2j. [...] **Noon reste là, pa fè mwen sa, noon** ne pars pas, ne pars pas...
(CSM:205)

1e. [...] **Man ni bel tanms vini ouê mwen! (J'ai des belles ignames, venez me voir!)**
(CSM:17)

2j. [...] **Aaah, koutala aké an ti bolomm! (ça sera un garçon!)**
(CSM:20)

2j. [...]le **quimboiseur** [...]commençait à **koker (baiser)** Chinotte [...]
(CSM:73)

1e. [...] **Révolution** n'est pas **vagabonnagerie**! **hurlait-elle.** [l'etudiante révolutionnaire]
(CSM:195)

2h. [...] elle [Man Paville] passa plusieurs jours à balbutier: **Oh dis Ber**nard, **oh dis Ber**nard, **oh dis Ber**nard. Si bien que **nous** l'appelâmes **Odibert**, soeur **véritable** de la deveine. [...]"
(CSM:152)

2h. "[...] **on l'appelait** encore Héloïse [...] avec l'âge et les premières rides, le respect venant, **on la dit Man Elo**.[...]"
(CSM:42)

1e. [...] **c'était un manger de riz à sauce jaune et de mourue mijotée aux piments verts.** [...] macadam **royal** [...] macadam-**merci**[...]
(CSM:21, 42, 44)

1e. [engagés] **Ce terme désignait en créole ceux qui** avaient passé contrat (valets de boucaniers, petits-blancs, immigrants indiens, congolais, **après l'abolition de l'esclavage**).**On était** au gages de **quelqúun**, tant **à l'époque on éxecutait aveuglement** les ordres du colon. **Le terme est maintenant appliqué à ceux qui sont supposé obéir au diable en échange de quelque pouvoir."**
(CSM:29, nota de pé-de-página)

1e. [major] **Sorte de héros de quartier [de laghia]. Chaque quartier avait le sien.**

(CSM:88, nota de pé-de-página)

1e. [rastas] **De ras Tafari, tître porté par Hailé Sélassié- mouvement à la fois mystique, politique et culturel, venu de la Jamaïque, qui séduit actuellement beaucoup de jeunes martiniquais...**

(CSM:156, nota de pé-de-página)

1c. **- Pipi, j'ai faim!**
Messieurs et dames, il ne faut pas sous-estimer la force du verbe.

(CSM:172)

1d. Man Goul lui **dit tout, sans trop comprendre** l'émoi de notre homme. **Oui** elle a tel âge, **non** elle n'est pas mariée, elle vend des sucreries, aux enfants de l'école Perrinon durant la récreation, **oui** elle est logée chez **moi** il y a longtemps, **maintenant** elle vit seule, seule, **oui** seule, **tu ne comprends pas seule?**...**De Morne-aux-Goueulles**, elle vient de Morne-aux-Gueulles...

(CSM:86)

1b. [...] **Ô triste vie** du nègre phosphore!

(CSM:25)

1b. [...] Ses bredouillement consternaient le gardien de la jarre: **Pas peur, maître chose**...On va repartir en **Afrique**...

(CSM:189)

2g. [...] la municipalité **n'avait pas encore** tranché les choses à l'enquerre: viandes, poissons et légumes **se vendaient ensemble**. [...] **Il n'y avait pas encore d'établis**.[...]

(CSM:41-42)

2g. [...] **Nous la vîmes poussière lumineuse et innombrables bulles gaseuses.**

(CSM:154)

1b. [...] Si donc, il **nous** plaît **aujourd'hui** de l'immaginer toujours vaillant [...]

(CSM:201)

2g. [...] le nègre Phosphore, **seul immortel de par-ici**, se présenta seul.

(CSM:205)

1b. [...] **Oh nous envions ces** jeunes marchandes envolées **vers Paris** en allers simples, **nous leur enviions cette vie des grands pays...**

(CSM:120)

1a. [...] **ces délires** concernant **un esclave** gardien d'une jarre d'or [...]

(CSM:188)

1b. [...] **notre sprit de maintenant** ne peut même plus élucider.
(CSM:47)

* As marcações em **negrito**, nos enunciados apresentados, são nossas.

ANEXO

1. Edição de 1988 (acréscimos)

Os acréscimos da edição de 1988, com a qual não trabalhamos são, por ordem de aparição, os seguintes:

- **na capa**:

.eliminação da tarja vermelha, que circundava a capa da edição de 1986, com a inscrição: "Vie et fin des djobeurs".

.uma chamada *"Préface d'Edouard Glissant"*

- na "**folha de rosto**":

.duas chamadas "suivi de *Paroles de djobeurs*", e *"Préface d'Edouard Glissant"*, após o título em letras maiúsculas),

.supressão da palavra *"roman"* que caracterizava a escritura, como tal, na edição de 1986.

- **pág. 2:**

.una pequena biografia do autor, fazendo referência à sua nacionalidade, formação acadêmica, e à publicaçoe~es no gênero "teatro" e de CSM e "Solibo Magnifique", no gênero "romance".

- **pág. 3:**

.um prefácio, escrito pelo autor da citação que abre a primeira parte de CSM (Edouard Glissant).

- **pág. 246:**

.uma nota, intitulada *"Paroles de djobeus"*, assinada: *"P.C."* (Patrick Chamoiseau?).

- **págs. 249-268:**

.um conjunto de poemas, de variadas extensões, separados por asteriscos, alguns intitulados.

- **pág. 269:**

.uma segunda nota, intitulada "*CHUTES ET NOTES de la Chroniques*" e assinada "P.C", onde o autor parece avaliar a repercussão da edição de 1986, de CSM. h) pág. 271:

.um conjunto de enunciados, de extensões variadas, separados, por um asteriscos, que parece compor a parte de *"notes et chutes"*.

Como interpretar estes acréscimos, a inclusão de vários outros personagens, de um "canto" e, sobretudo, de um último bloco textual que representa o discurso de "Bonne-Manman" (a personagem é atribuído o grito "ê-ê-ê!", que abre a segunda parte do romance CSM, na edição de 1986.)?

2.Proposta de tradução para as citações (em língua francesa) utilizadas no **Capítulo 1** desta pesquisa, por ordem de aparição no texto:

A. Culioli (1973 :87-88):

[...] há sempre, no sentido mais exagerado, construção interpretativa dos fenômenos de superfície pelos enunciadores; há sempre proliferação da linguagem sobre ela mesma; temos sempre um jogo de formas e de significações.[...] a ambigüidade (e o mal- entendido) [...] fazem parte do modelo, assim como os deslocamentos metafóricos.

C. Fuchs (1981 :49):

[...] a perspectiva enunciativa [de A. Culioli] empenha- se em não separar radicalmente sentido e referência, e em considerar como parte das semâticas lingüísticas as operações de <<referenciação>>, através das quais o sujeito reconstrói o referente.

C. Fuchs (1982: 84):

O sujeito mescla de maneira não dissociável sua representação do referente, assim como o recorte configurativo que ele faz de si mesmo, do outro, da maneira como ele imagina que o outro o vê.

A. Culioli (1982 :6):

[...] todo o texto é muito menos elaborado do que aquilo que nos fornece o conjunto de operações que produziram esse texto em questão.

E. Benveniste (1966 :260):

A linguagem só é possível porque cada locutor se coloca como sujeito, remetendo a si mesmo como eu, no discurso.

J. Authier (1982 :98, 1991: 146):

A enunciação se apresenta como localmente afetada por um não-UM, alterada, - no duplo sentido de alteração e de alteridade - no seu funcionamento pelo fato pontual de não-coincidência.

J. Lacan (1966 :853):

A pulsão divide o sujeito e o desejo, desejo que não se sustenta senão na relação, que ele desconhece, dessa divisão com o objeto que tem como causa a estrutura do fantasma.

A. Culioli (1987):

No que concerne as condições de produção eu sou formal; o tradutor encontra-se ligado à uma situação de enunciação.

R. Chaudenson (1978 :143):

Os crioulos surgem, efetivamente, sempre em situações ditas de <<diglossia>> que constituem um elemento de sua especificidade.

L-F. Prudent (1980 :145, 175):

Só existe *continuum* (ou mesoleto) para os lingüistas. [...] O *continuum* se constata no nível da perfórmance, a diglossia é ação da consciência.

E. Glissant (1981 :358, 346):

O bilingüismo constitui um problema quando a língua francesa confronta uma outra língua, o bretão, o occitano ou corso. Acontece o mesmo com o crioulo, a situação se complica pelo fato que essa segunda língua torna-se língua natural, todavia sem antes ter sido assimilada ativamente pela coletividade, passando em seguida pela coerção da língua materna.

E. Glissant (1981 :241):

O crioulo não pode ser a língua dos grandes espaços comerciais, nem dos hotéis de luxo. A cana, a banana e o abacaxi são, na Martinica, os últimos fantasmas da armada crioula.

E. Glissant (1981 :31-32):

Na Martinica, onde a população transferida se constituiu em povo, sem que entretanto a nova terra pudesse ser efetiva, a comunidade tentou exorcizar o *Retorno* [à África] impossível pelo que eu chamo de uma prática do *Desvio*.[...] A língua crioula é a primeira geografia do *Desvio*.

E. Glissant (1981 :278):

Seria necessário que desestruturássemos a língua francesa para sujeitá-la a tantos usos. Precisaríamos estruturar a língua crioula para abrí-la à esses usos em questão.

IDIOTA.

E. Glissant (1981 :380):

É preciso se perguntar que confiança ter nas palavras, sobretudo na língua do outro, pelo menos por qual viés abordá-la, nesse abandono generalizado por onde as técnicas da escritura se aliariariam aos desesperos da palavra.

L-J. Calvet (1974 :112, 205):

Não há organização local que a colonização tivesse perturbado, destruído ou integrado ao sistema colonial, tudo procede do colonialismo e resulta dele um sistema que, ao menos por sua origem, é relativamente original.[...] Na realidade, importa mais nos interrogarmos sobre essa noção de bilingüismo que, sob a aparência enganosa do termo científico, recobre realidades muito distintas.

A. Khim (1991 :16):

[...] as línguas crioulas são intrisecamente variáveis, [...] essa variação, sem ser provavelmente mais importante em amplitude, é mais incontornável, e muitas vêzes constitui sérios problemas, nas línguas sem fixação escrita e sociologicamente derivadas como os crioulos que nas línguas de tradição normativa como o francês ou o inglês. Um estudo que faça abstração dessa variação não é inteiramente ilegítimo, e os resultados que se obtem não são fragilizados, mas simplesmente delimitados como relativos a tal dialeto ou tal idioleto.

R. Chaudenson (1979 :59):

Todo crioulo apresenta igualmente inúmeros elementos cuja origem francesa poder ser facilmente reconhecida.

A. Césaire (1971 :153):

[...] para mim minhas danças
a dança quebra-carcan
a dança pula-prisão
a dança é-bonito-e-bom-e-legítimo-ser negro.

NOTAS:

(1) Este termo designa a situação de desigualdade de status social entre duas línguas, ou duas variedades de uma mesma língua. O tema da diglossia será retomado no capítulo I e II desta pesquisa.

(2) O temo francês *repérage* apresenta problemas quanto a sua tradução para o português. No sentido em que é empregado na teoria de A.Culioli corresponderia, em português, a um conjunto de, pelo menos, três ações: identificar-reconstituir-reconhecer. Optamos pela tradução, aproximada, desse termo como *co-localização*, no qual nos inspiraremos para a tradução dos outros termos culiolianos, tais como; *co-localizador (* répérage*) e co-localizar (*répérer*)*.

(3) Pensamos na noção de *polifonia*, proposta por Bakhtin (1929), na caracterização da obra de Dostoiewski, onde a idéia de uma pluralidade de vozes inseparáveis (como num coro) e, ao mesmo tempo, independentes entre si, constituem a polifonia. (Cf. M. Bakhtine. *La poétique de Dostoiéwski*. trad. francesa. Seuil, Paris, 1970).

(4) Esta noção refere-se à idéia de uma literatura da oralidade. Segundo E. Glissant (1981 :345), os haitianos inventaram o neologismo *oraliture* para substituir o termo literatura e marcar a determinação de continuar no campo do oral. Os escritores crioulistas, dentre eles; o próprio P. Chamoiseau (1986), também o empregam.

(5) A noção de *operação* foi introduzida, na Lingüística da enunciação, por A. Culioli (1973 :300-317), mas é reclamada também pelas teorias Psicolingüísticas. Na teoria de A. Culioli, essa noção diz respeito à simulação do mecanismo de produção de um enunciado.

(6) Existe uma grande variedade de línguas crioulas, cujas matrizes variam entre o francês, inglês, espanhol e português, entre outras.

(7) E. Glissant (1981 :235) denomina *ruses linguistiques* a existência de uma estratégia de dissimulação ou camuflagem do dizer, própria da língua crioula.

(8) O termo crioulo *djobeur* refere-se a um tipo de profissão que surgiu na época do mercado. Os *dobeurs* realizavam pequenos serviços para as freguesas do mercado, até constituírem-se num tipo de profissão. Em português não dispomos de um termo correspondente. O termo *biscateiro*, de *biscate (*ou *biscato, serviço de pequena monta (*Cf. Aurélio, 1975), por exemplo; caracteriza uma profissão não reconhecida como tal, mas não abarca a relação com o contexto do mercado.

(9) Cf. A. Culioli in C. Fuchs, DRLAV, 1982, p.45-53.

(10) Cf. J.lacan, Ecreits, 1966, p.688-793.

(11) Segundo A. khim (1991 :6), as *línguas crioulas* são objetos de estudos (mais ou menos científicos) há, aproximadamente, um século. Em Inglês, esse estudo denomina-se *Créole studies*, em Alemão *Kreolistik*, enquanto que em Francês usa-se os dois termos. Em nossa pesquisa, estaremos nos referindo ao estudo desse tema sob o termo que traduzimos por *crioulística* baseado-nos no fato, observado por H.J. Störig (1990 :236), de que em 1950 esse estudo foi introduzido nos currículos das universidades e, também pelo interesse crescente que esse assunto tem despertado, entre os pesquisadores.

(13) Nas pesquisas de H.J. Störig (1990 :236) consta que o termo *crioulo* foi introduzido por Hugo Schuchardt (1842-1927), a partir de um estudo feito sobre a *língua franca* do Mediterrâneo. Até essa época, o termo *crioulo* era usado para designar as pessoas nascidas em território colonial. A maioria dos pesquisadores acredita que o termo *crioulo* tenha se originado do verbo português *criar*.

(14) Na bibliografia de nossa pesquisa fornecemos as referências sobre alguns desses pesquisadores, como por exemplo; E. Glissant, R. Chaudenson, Diva B.Damato, L.F. Prudent, R. Confiant, J. Bernabé, entre outros.

(15) Esta citação de Raphäel Confiant encontra-se no *Antilla-Dosssier*, hébdo no.416, 1978, faz parte de um conjunto de reportagens, agrupadas em forma de anexo, em *Littérature et Antillanité* (Mémoire de Maîtrise de Nathalie Jocco, Université Paris X - Nanterre, 1991).

(16) Esta noção de *retalhos*, usada para caracterizar os períodos da história da martinica, foi inspirada nas noções de *pans historiques* e de *non-Histoire*, proposta por E. Glissant no *Le discours antillais* (1981 :132). Segundo esse autor, a história da Martinica representa um corte real sob um conteúdo aparente, não chegando a se constituir como tal.

(17) Este assunto é bastante complexo e exige uma competência lingüística do crioulo da qual não dispomos. Por isso, fornecemos apenas alguns exemplos esparsos, deixando a abordagem pormenorizada da questão à cargo dos especialistas e falantes da língua crioula.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA (Lilian Pestre de)

1978: *O teatro negro de Aimé Césaire*. UFF, CEUFF, Niterói (RJ), 1978, 188 p.

AMARAL (M.Graças Lopes Morin)

1992: "Revendication culturelle et déstructuration linguistique"; in *Rencontres* nº 2, Ed. PUC/SP, 1992, p. 35-44.

ARRIVÉ (Michel), GADET (Françoise), GALMICHE (Michel)

1986: *La grammaire d'aujourd'hui. Guide alphabétique de linguistique française*, Ed. Flammarion, Paris, 1986, 720 p.

— 1986: *Linguistique et psychanalyse*. Ed. Méridiens Klincksieck, Paris, 1986, 180 p.

A.G.U.L.F.

1986: "L'avenir de la langue française"; *2ème Rencontre internationale sur l'application des législation lingüistiques dans les pays francophones (juin/1985, Bruxelles)*; Ed. La Documentation française, Paris, 1986, 170 p.

AUTHIER (Jacqueline)

1982: "Hétérogénéité montrée et hétéregénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours"; in *DRLAV*, nº 26, 1982. p. 91-151.

— 1984: "Hétérogéneité(s) énonciative(s)"; in *Langages*, nº 73, Ed. Larousse, Paris, 1984. p. 23-33.

— 1991: "Héterogéneités et ruptures: quelques repères dans le champs enonciatif" in *Le sens et ses héterogéneités* (dir. Herman Parret); Ed. Centre National de la Recherche Scientifique, Paris, 1991. p. 139-151.

— 1991: "Les non-coincidences du dire et leurs rapports méta-énonciatifs"; *Comunicação* na USP, out/1991.

BAKHTIN (Mikhail)

1929: (Volochinov): *Marxismo e Fisosofia da linguagem*, (trad. bras. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira). Ed. Hucitec São paulo, 1988, 196 p.

— 1978: *Esthétique et théorie du roman*. Ed. Gallimard, Paris, 1978, p. 100-101, 114-115.

BARTHES (Roland)

— 1978: *Le plaisir du texte*, Ed. Seuil, Paris, 1978.

BENVENISTE (Emile)

— 1966: *Problémes de linguistique générale*. Ed. Gallimard, Paris, 1966, vol.I, p. 49-75, 225-277.

— 1974: *Problémes de linguistique générale*. Ed. Gallimard, Paris, vol.II, p. 43-79, 215-238.

BERNABÉ (Jean)
1987: *Grammaire créole* (Fondas Kréyol-La). Ed. Harmattan, Paris, 1987, 205 p.

BOURGAIN (Dominique)
1990: "Des représentations sociales de la norme dans l'ordre scriptural"; in *Langue française*, n° 85, Larousse, Paris, 1990, p. 82-101.

BOYER (Henri)
1990: "Eléments de définition et parcours documentaires en diglossie"; in *Langue Française*, n-° 85, Larousse, Paris, p. 102-124.

BRONCKART (Jean-Paul)
— 1977: *Théories du Langage - Une introduction critique*. Ed. Pierre Mardaga, Bruxelles, 1977, 361 p.

CALVET (Louis-Jean)
1974: *Linguistique et colonialisme*. Ed. Payol, 1974, 237 p.

— 1975: *Saussure: Pró e Contra* (trad. bras. Maria Elizabeth Leuba Salum). Ed. Cultrix, São Paulo, 1975, 111 p.

CASTRO (Eliana de Moura)
1986: *Psicanálise e Linguagem*. Ed. Ática, São Paulo, 1986, 79 p.

CATACH (Nina)

1990 (et alii): *Pour une théorie de la langue écrite*. Editions du CNRS, Paris, 1990, 259 p.

CÂMARA (Joaquim Mattoso)
1989: *Princípios de Lingüística Geral*. Ed. Padrão Rio de Janeiro, 1989, p.253-268.

CÉSAIRE (Aimé)
1971: *Cahier d'un retour au pays natal*. Ed.Présence Africaine, Paris, 1971, 155 p.

CHAMOISEAU (Patrick)

1981: *Manman Dlo contre la fée Carabosse*. Eds. Caribéennes, Paris, 1981.

— 1986: *Chronique des sept misères*. Ed. Gallimard, Paris, 1986, 222 p.

— 1988: — Ed. Gallimard (Folio), Paris, 1988, 283 p.

— 1988: *Solibo Magnifique*. Ed. Gallimard, 1988, 227 p.

— 1989 (com Jean Bernabé e Raphael Confiant) : *Eloge de la créolité*. Ed. Gallimard, Paris, 1989.

— 1990: *Antan d'enfance*. Ed. Gallimard, 1990, 165 p.

— 1993: "Mundo será crioulo";in *Folha de São Paulo*, Caderno IV, 13/10/1993, p. 1.

CHAUDENSON (Robert)

1979: *Les créoles français*. Ed. F. Nathan, Paris, 1979, 173 p.

— 1992: "Les langues créoles"; in *La Recherche*, nº 248, Paris, nov/1992, p.1248-1256.

CULIOLI (Antoine)

1973: "Sur quelques contradictions en linguistique";in *Communications*,nº20, 83-91

— 1978: "Valeurs modales et opérations énonciatives"; in *Français Moderne*, nº 46-4, 1978, pp. 300-317.

— 1981 (et alii) : "Systèmes de Représentations Lingüistiques et Métalingüistiques" - Coll. *ERA* 642. Université de Paris VII, p. 1-11.

— 1983: "Valeurs aspectuelles et opérations énonciatives: l'aoristique"; in *Fisher et Franckel*, 1983, 99-113.

— 1987: "Un point de vue énonciatif sur la traduction"; in *Le Français dans le monde*, Août/sep., 1987.

— 1990: *Pour une linguistique de l'énonciation - Opérations et représentations*. Ed. Ophrys, Paris, 1990, Tome 1, 225p.

DALHET (Patrick)

1988 "La pensée de l'énonciation et ses paradoxes"; in: *Actas da Semiótica* (do I Colóquio Luso-Espanhol e do II Colóquio Luso-Brasileiro), Lisboa, Vega, 1988, 300-324.

— 1989: "Paraphraser pour communiquer: la vulgarisation scientifique"; in *Actes de SEDIFRALE 7* (1989), Belo Horizonte, A paraître.

— 1993: "Les représentations sociales-Fonctionnements discursifs"; in *Rencontres* nº2, Ed.PUC/SP, 1993, 7-32.

DAMATO (Diva Bárbaro)
1986: *Edouard Glissant: Poética e política*; (tese de Doutoramento-USP), São Paulo, 1986, p.76-131, 269-275.

FANON (Frantz)
1952: *Peau noire masques blancs*, Seuil, Paris, 1952, 190 p.

FERREIRA (AURÉLIO Buarque de Hollanda)
1985: *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Ed. Nova Fronteira, R.J., 1975.

FISHER (Sophie) e FRANCKEL (Jean-Jacques) /Eds./
1983: *Linguistique, Enonciation. Aspects et détermination.* Ed. F.H.E.S.S., Paris, 1983, 179 p.4-17.

FUCHS (Catherine)
1981: "Le problématiques énonciatives. Esquisses d'une présentation historique et critique"; in *DRLAV*, nº 25, 1981, p. 35-60.

— 1982 (et alii): *La genèse du texte: les modèles linguistiques*. Ed. C.N.R.S., Paris, 1982, p.73-102.

— 1984: "Le sujet dans la théorie énonciative d'Antoine Culioli: quelques repères"; in *DRLAV*, nº 30, 1984, p. 45-53.

— 1991: "L'hétérogénéité interprétative"; in *Parret, H.*(dir.), 1991, p.107-120.

GARDY (Philippe)
1990: "Aux origines du discours francophoniste: le meurtre des patois et leur rachat pour les français"; in *Langue Française*, nº 85, 1990, p.22-34.

GLISSANT (Edouard)
1981: *Le Discours Antillais*. Ed. Seuil, Paris, 1981, 471 p.

GOLDEINSTEIN (Jean-Pierre)
1989: *Pour lire le roman*. DE BOEK - WESMAEL, Bruxelles, 1989, 128.

JOCCO (Nathalie)
1991: *Littératures et Antillanités*; (mémoire de maîtrise), Université Paris X, Nanterre, 1991, 80 p.

KERBRAT-ORECCHIONI (Catherine)
1980: *L'énonciation - de la subjetivité dans le langage*. Ed. Colin, 1980, p. 28-70.

KIHIM (Alain)
1991 (e alii): "Théories de la créolisation"; in *Recherches Linguistiques de Vincennes*, nº 20, P.U.V., Paris, 1991, p. 01-20.

LACAN (Jacques)
1966: *Ecrits*. Ed. Seuil, Paris, 1966, p. 166-173, 350, 495-503, 688-793, 800-801.

LUZZATI (Daniel)
1991 (et alii): "L'oral dans l'écrit"; in *Langue Française*, nº 89, Ed. Larousse, Paris, fév/1991, 124 p.

MANNO (Ambrogio Giacomo)
(s/d): *A Filosofia da Matemática* (trad. port. Armindo José Rodrigues. Edições 70, coll. O saber da filosofia, Lisboa), Martins Fontes (distrib.), S.P., s/d, 303 p.

MOIRAND (Sophie)
1989: "La mise en texte (Une approche communicative dans la formation des enseignants)"; in *Le Français dans le monde*, Coll. Recherches et applications, Fév.-Mars 1989, p. 147-159.

OLGIVE (Bertrand)
1987: *Lacan - le sujet*, Ed.Presses Universitaires, Paris, 1987, 128 p.

ORLANDI (Eni)
1987: *A linguagem e seu funcionamento*. Ed. Pontes, Campinas (SP), 1987, 276 p.

— 1990: *Terra à Vista - discurso do confronto: Velho e Novo Mundo*. Ed. Cortez, Campinas (SP), 260 p.

PÊCHEUX (Michel)
1975: *Les Vérités de la Palice*. Ed. Maspero, Paris, 1975, 279 p.

— 1981: "L'étrange miroir de l'analyse de discours"; in *Langages*, nº 62, Larousse, Paris, 1981, p. 5-8.

PEYTARD (Jean)
1990: "Evaluation sociale dans les thèses de Mikhaïl Bakhtin et représentations de la langue"; in *Langue Française*, nº85, Ed. Larousse, Paris, fev/1990, p.3-21.

PINALIE (Pierre)
1992: *Dictionnaire élementaire Français-Créole*.Ed Harmattan, Paris, 1992, 237 p.

PRUDENT (Lambert Félix)
1980: *Des baragouins à la la langue antillaise - Analyse historique et sociologique du discours sur le créole*. Eds. Caribéennes, Paris, 1980, 220 p.

REBOULLET (A.) & TÉTU (M.)
1977: *Guide culturel - Civilisations et Littératures d'Expression Française*. Ed. Hachette, Paris, p.42-43, 122-125, 176-181, 208-211, 260-263.

REY-DEBOVE (Josette)
1982 (e alii): "Pour une lecture de la rature"; in *La genèse du texte*, Ed. C.N.R.S., Paris, 1982, 103-127.

ROBERT (Paul)
1989 (et alii): *Nouveau Grand Robert* - Dictionaire de la langue Française. Ed.Le Robert, Paris, 1989.

SENGHOR (Léopold Sédar)
1974: *Négritude e humanisme*. Ed. Seuil. Paris. 1974.

STÖRIG (Hans Joachim)
1987: *Abenteur sprache - Ein streifzug durch die sprachen der Erde*. Langenscheidt KG, Berlin e Munique. Trad. bras.: A aventura das línguas - Uma viagem através da História dos idiomas do mundo; Glória Paschoal de Camargo. Comp. ed. Melhoramentos, São Paulo, 1990, 267p.

TODOROV (Tvezetan)
1972 (avec Oswald Ducrot): *Dictionnaire encyclopédique des sciences du langage*. Seuil. Paris, 1972, réed. <<Points>>, 1979.

VIGNAUX (Georges)
1988: *Le discours acteur du monde*. Enonciation, argumentation et cognition, Ed. Ophrys, Paris, 1988, 141-146.